



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PAULO LUCIO BATISTA DE SOUSA

“A POLÍCIA TERMINOU DE MATAR QUEM FICOU VIVO”: Pau de Colher, um palco de conflitos no sertão baiano e piauiense (1934-1938).

PICOS – Piauí

2019

PAULO LUCIO BATISTA DE SOUSA

“A POLÍCIA TERMINOU DE MATAR QUEM FICOU VIVO”: Pau de Colher, um palco de conflitos no sertão baiano e piauiense (1934-1938)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

PICOS – Piauí

2019

PAULO LUCIO BATISTA DE SOUSA

“A POLÍCIA TERMINOU DE MATAR QUEM FICOU VIVO”: Pau de Colher, um palco de conflitos no sertão baiano e piauiense
(1934-1938).

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

Data da Aprovação: 19/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro – Orientador
Universidade Federal do Piauí- UFPI

Jackson Dantas de Macêdo
Universidade Federal do Piauí- UFPI
Examinador Externo

Profa. Ms. Rannyelle Rocha Teixeira- UFPI
Examinador Externo

PICOS-Piauí

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

S725p Sousa, Paulo Lucio Batista de
“A polícia terminou de matar quem ficou vivo”: Pau de Colher, um palco de conflitos no Sertão Baiano e Piauiense (1934-1938) / Paulo Lucio Batista de Sousa – 2019.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2019.

“Orientador: Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro”

1. Era Vargas. 2. Memória. 3. Movimento Messiânico. 4. Violência.
5. *Pau de Colher*-Comunidade-Bahia. I. Monteiro, Francisco Gleison da Costa. II. Título

CDD 981.061

Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cicero Duarte N° 905 - Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezoito (18) dias do mês de junho de 2019, na sala 807 do bloco de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **PAULO LUCIO BATISTA DE SOUSA** sob o título "A POLÍCIA TERMINOU DE MATAR QUEM FICOU VIVO": PAU-DE-COLHER UM PALCO DE CONFLITOS NO SERTÃO BAIANO E PIAUIENSE (1934-1938).

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 1: Prof. Esp. Jackson Dantas de Macedo
Examinadora 2: Profª Mª Ranyelle Rocha Teixeira

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 19 de junho de 2019.

Orientador (a): Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador (a) 1: Jackson Dantas de Macedo
Examinador (a) 2: Ranyelle Rocha Teixeira

*Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar! (Belchior)*

AGRADECIMENTOS

Todo começo se dar com o primeiro passo, toda caminhada ocorre gradativamente em etapas. Nossa vida é sempre começos e fins de ciclos que se reinventam e se constroem a cada instante. E durante todo esse percurso precisamos de apoios, confortos, segurança, abraços, conversas e incentivos. Não seria possível então, concluir essa fase se eu tivesse traçado sozinho, pois cada obstáculo, cada entreve e cada dificuldade encontrada eu precisei de ajudas. E é nesse espaço que venho AGRADECER a cada pessoa que me ajudou para a realização desse sonho, que de alguma forma estiveram comigo ao longo dessa minha trajetória. Nenhuma conquista se efetiva sozinho.

Então, primeiramente, venho agradecer a minha Mãe, que sempre me encorajou e me mostrou o melhor caminho a seguir. Agradeço ela que mesmo ao longo das dificuldades sempre brigou por mim e meus irmãos, que nos dias mais difíceis ela sempre achou soluções colocando nós em primeiro lugar. Essa conquista é mais dela do que minha, pois se concluiu essa etapa é porque a senhora me alicerçou e não me deixou cair, me fez olhar pra frente e acredita. **MÃE OBRIGADO** por nunca ter desistido de mim e me fazer ser o que sou hoje e me colocar onde estou. Você é meu cais, meu porto. Minha proteção nos dias conturbados.

Além dela, quero agradecer aos meus irmãos: Mikaely e Emanuel. A Mikaele quero dizer obrigado, por sempre me abraçar, por me receber por cuidar tão bem de mim, no momento em que mais precisei de um apoio você estendeu a mão e com um sorriso me acolheu. A meu irmão, eu agradeço por ser esse braço forte, no qual me orgulho muito, por me encorajar e me receber e cuidar de mim nas vezes em que precisei, por esta ali do meu lado não me deixando cair, acreditando em mim e me incentivando a lutar pelo os meus sonhos. A vocês três muito **OBRIGADO**, vocês são simplesmente meu TUDO, minha BASE e minha força. Somos todos um só. Um só corpo, uma só alma, um sonho, a união de todos com um só objetivo; ver todos bem. Gratifico também a Junior meu cunhado pelo o apoio e pela ajuda de sempre.

Sou grato aos meus familiares, Pai, tios, e em especial aos meus avós paternos (Vó Maria José e Vô Manoel) e maternos (Vó Antônia e Vô Chico) que também são parte dessa conquista que me auxiliaram em todo o percurso. Principalmente meu vô

Chico (in memória) por a cada conversa que tinha sempre me encorajava, me fazia se sentir bem e ser uma pessoa melhor. Saudades Sr. Chico.

Aos meus amigos, que fizeram essa caminhada ser mais leve e mais alegres, compartilhando comigo cada passo. Agradeço a: Genilda (“geni” “zuzu”, “chica da silva” “gata siamês” e seus vários apelidos) por desde os primeiros anos até hoje compartilhar as risadas mais momento alegres os porres mais loucos e as melhores conversas, minha parceira, sou grato cada vivido contigo. Jardel (“Jardelis”) um grande Irmão que ganhei nessa caminhada, agradeço por todos momentos vividos, como também pela as conversas de apoio. Obrigado IRMÃO VEI. A Raíssinha na qual de início íamos conquistar Picos “todim”, mas ai os planos se alteraram (kkkk), a você agradeço por estar sempre comigo do início ao fim dessa caminhada nos diferentes momentos, seja em riso ou em tristeza sempre comigo não me deixando cair e me ajudando a enfrentar cada dificuldade. A Bê pela as conversas, pelo os porres, pelos os dias bons que compartilhamos e pôr ao logo dessa caminhada estive comigo me confortando e torcendo por essa realização. Obrigado irmãos(as)

Agradeço também aos meus demais amigos que sempre torceram por mim e que de alguma forma me ajudaram ao longo de todo o curso, seja com palavras, conversas, momentos de sociabilidades. Obrigados amigos/ irmãos(as). Sou grato também aos meus amigos de curso: Douglas, Warison, Wesley, Anderson, Adriano, Jacksons Rayra, Arthuane Richard Romario e Rosinha por compartilhar as mais diferentes histórias e cada experiência vivida ao longo do curso, por fazerem cada dia, um dia leve, pelas as bebeiras, pts, sociais, viagens, risos, tesouradas e conversas, com vocês tudo ficava mais calmo e com motivo pra sorrir. Obrigado por estarem comigo e deixar os dias na UFPI melhores. Obrigando também as meninas do Apê 201 ; Thiarla, em especial por ser uma amiga tão presente em minha vida, em todos dos momentos, és uma amizade muito importante e significativa para mim. E também Alane e Maria Vitória por me receberem e dar dormida nos dias que precisei ao longo desse último período. Obrigado aos meu colegas da turma de História 2015.1 por toda a vivencia ao longo do curso e as demais que conheci nesses quatro anos e meio.

Agradeço a comunidade da Universidade Federal do Piauí com seus programas de apoio como BAE que foi fundamental nos primeiros anos de Curso, como também

aos diferentes projetos de extensão (Pré - ENEM Paulo Freire, NUPEDOC e LEHIST) auxiliando para uma formação mais complexa. A Capes através do ICV e do Residência pedagógica, projetos que foram fundamentais para a minha formação.

Agradeço aos meus professores pelo o conhecimento adquirido, são exemplos de profissionais e também de seres humanos. Especialmente a Professora Dra. Marylu Alves de Oliveira pela a oportunidade de participar do seu Projeto de Incitação Científica, foi através desse que amadurei como pesquisador e encontrei meu objeto de estudo.

Sou grato também ao meu orientador, Professor Dr. Gleisson Monteiro, sempre solícito e compreensivo, a esse, muito obrigado pela as orientações e contribuições dadas no desenvolvimento desse estudo.

Por fim, agradeço a Família de Dona Maria Andreza e seus filhos, Roberto, Fernando, Cristina e sua neta Talyta pela a recepção em Salvador, pelo o carisma, sendo tão atenciosos comigo e solícitos quando os procurei para o aperfeiçoamento dessa pesquisa.

À TODOS VOCÊS, MUITÍSSIMO OBRIGADO! De verdade!!!

Resumo

O trabalho que se apresenta trata-se de uma análise sobre o movimento na comunidade Pau de Colher que ocorreu no interior da Bahia divisa com Piauí. Neste estudo serão apresentadas algumas reflexões; a primeira destas procura entender o as faces do Estado Novo no Piauí e os movimentos sociorreligiosos . Além disso, procuramos entender a violência dentro desse movimento aparecendo como mecanismo a ser utilizado para barrar essas manifestações. Analisamos também a questão da construção das memórias remanescentes sobre esse conflito e como este modificou a vida das pessoas vítimas desse acontecimento de muitas que se encontraram naquele espaço. Evidencia-se nesse debate a questão do esquecimento e o negligenciamento desse massacre, mostrando como se deu a relação do Estado com os movimentos sociais rurais na Era Vargas. Com isso, podemos visualizar esse período, especialmente entre 1934-1938, através de outra perspectiva, neste sentido, propomos uma linha de pensamento que paira em torno dos conflitos dentro dos movimentos sociais rurais, mais especificamente o de cunho sociorreligiosos, no caso os movimentos messiânicos.

PALAVRA-CHAVE: Era Vargas. Memória. Movimento Messiânico. Violência. Pau de Colher

Abstract

The work that is presented is an analysis of the movement in the Pau de Colher community that occurred in the interior of Bahia, with Piauí. Some reflections will be presented in this study; the first of these seeks to understand the faces of the Estado Novo in Piauí and the socioreligious movements. In addition, we try to understand the violence within this movement appearing as a mechanism to be used to stop these manifestations. We also analyze the question of the construction of the memories that have remained about this conflict and how it has modified the lives of the victims of this event of many who have met in that space. In this debate, the question of forgetting and neglecting this massacre is evident, showing how the State's relationship with the rural social movements in the Vargas Era occurred. With this in mind, we can visualize this period, especially between 1934-1938, through another perspective. In this sense, we propose a line of thought that hovers around the conflicts within rural social movements, more specifically the one of social and religious movements, in this case the movements messianic

KEYWORD: It was Vargas. Memory. Messianic Movement. Violence. Spoon stake

Lista de Figuras

Figura 1. Cacete marcado com cruzes.....	51
Figura 2. Jornal Estado da Bahia	54
Figura 3 Figura 3: Sepultura coletiva.....	83
Figura 3: Romeiros com a Imagem de Santa Luzia	84
Figura 4: Romeiros com a Imagem de Santa Luzia.	84

Lista de Mapas

Mapa 1. Locais dos conflitos	40
Mapa 2. A localização do movimento de caldeirão e Pau de Colher	41

SUMÁRIO

Introdução	11
1.0 CAPÍTULO 1: Pensando as Faces de Vargas e os Movimentos Sociais do Campo no nordeste Brasileiro	19
1.1. Retratos de um presidente: Estado Novo e o Getulismo no Piauí.....	22
1.2. Movimentos sociorreligiosos (catolicismo popular, messianismo): breves reflexões conceituais.....	26
1.3. Resignificação da figura de Padre Cicero e os movimentos sociorreligiosos no nordeste brasileiro	32
1.3.1 Comunidade Caldeirão (1926-1936): o “Novo mundo”	34
2.0 CAPÍTULO 2: “chega as balas passavam cortando os paus”: Um conflito de violência moral, afetiva, e física.....	44
2.1. Conflitos no sertão e a repressão militar.....	50
2.2. O ataque como justificativa da salvação: violência e repressão no espaço rural	54
3.0 CAPÍTULO 3: Só não tive estudo, mas memória Deus me deu”: Narrativas sobre Pau de Colher e o desejo de não esquecer.....	59
3.1 Memória em disputa: A construção dos sentidos.....	60
3.2 As Memórias sobre Pau de Colher na produção de sentidos para os sujeitos envolvidos	73
3.2.1. Memória como testemunho do passado: A arte da narração	76
4.0 Considerações Finais	85
5.0 Bibliografia Utilizada	88
6.0 ANEXO	9

INTRODUÇÃO

O conhecimento historiográfico, entendido como múltiplo e lacunar, nos permite, a todo instante, repensar algumas construções sobre determinados recortes históricos. E, é no decurso dessa produção que conceitos e noções são estabelecidos para se pensar os acontecimentos ao longo da história. A revisão dentro dos debates definidos pela historiografia abre possibilidades de entender períodos históricos a partir de outras perspectivas. Por exemplo, a década de 1930, no Brasil, nos remete a um contexto no qual o país foi marcado por transformações sócioestruturais, como a questão da intensificação da industrialização, em que tinha-se Getúlio Vargas como líder do Estado. A figura de Vargas norteia e norteou muitas das pesquisas acadêmicas quando se refere ao recorte de 1930-1945.

Além do mais, grande parte dessas produções se dirigem a esse período, através de uma perspectiva de análise que coloca como objeto central as questões que ligam a figura do Estado com acontecimentos no meio urbano. Ao longo dessas pesquisas, foi elegida uma visão que domina grande parte nas produções do saber histórico que se refere a esse período. O recorte temporal de 1930-1945 é marcado principalmente pela relação de Vargas com a classe trabalhadora operária dos grandes centros urbanos.

Ao longo da graduação desenvolvi um interesse que paira no âmbito das questões que envolvem política, principalmente nas disciplinas de História de República. Foi especificamente, na disciplina de História do Brasil República II (1930-1945) que se intensificou o meu desejo de estudar assuntos referentes a política no Brasil. Através dessa disciplina, no qual percebemos um foco central na figura de Vargas, um personagem da historiografia bastante complexo, aprofundi mais sobre a temática. O interesse em pesquisar se impulsionou ainda mais ao participar de um Projeto de Iniciação Científica intitulado *“Na Furna da Onça: as disputas político-sociais no Piauí”*, orientado pela professora Dr. Marylu Alves de Oliveira. Foi por meio desse projeto que reforcei o contato com fontes e bibliografias sobre esse período, colaborando ainda mais pelo interesse na temática.

Quando nos remetemos a esse período da historiografia brasileira já o relacionamos comumente com três objetos: Partidos Políticos “Trabalhismo” e “Populismo”, que nos ajudam a compreender uma boa parte da conjuntura política,

social e econômica. No entanto, no caso desse trabalho, elenca-se outro aspecto para essa época, pois acreditamos que esses conceitos não atendem todas as relações sociais, entreveres e os conflitos que circunscrevem esse contexto. Diante disso, pretendemos visualizar a Era Vargas, especialmente entre 1934-1938, através de outra perspectiva, na qual, conseqüentemente, iremos nos distanciar desses termos, que estão mais ligados a uma história no meio urbano.

Neste sentido, propomos uma linha de pensamento em torno dos movimentos sociais rurais, mais especificamente os de cunho sociorreligioso. Quando nos referimos aos movimentos sociorreligiosos, remetemos a um conjunto de reivindicações sociais e políticas que tomam um significado religioso, havendo uma influência expressiva da religiosidade dentro desses fenômenos históricos. É interessante notar, sobre esses movimentos, a maneira como se configuram, em que planam dentro de uma lógica que estabelecem relações próprias de organização social.

Com isso, o modelo de como se estruturam esses movimentos é identificado pelo o fato desse se caracterizar com determinada autonomia e independência do Estado. Logo, essas pessoas que não eram beneficiadas socialmente pelo Estado começaram a buscar soluções para a sua sobrevivência, colaborando para o aparecimento de outros atores dentro dessa conjuntura social. E para além desse caráter econômico, aparece também, dentro desses movimentos, a religiosidade que segundo LOPES(1991), “ A religiosidade, em um pensar antropológico, não é melhor nem pior, avançada ou atrasada em relação a outras maneiras de entender-sentir as coisas [...] Ela é uma forma de ver ou (re)criar o mundo” .

Com isso, os conflitos no campo se apresentam elementos que nos ajudam também pensar possibilidades em torno dessa época e, a partir destes, podemos enxergar outros fatores, em que envolvem religiosidade e questões econômicas. Em vista disto, utilizamos os movimentos do campo, especificamente os socioreligiosos, afim de entender as suas relações com o Estado, enfatizado, os embate existentes entre ambos para refletir algumas questões, como a cultura da violência dentro das decisões políticas no combate a essas manifestações.

O objeto de estudo elegido para o desenvolvimento dessa pesquisa, trata-se de um movimento messiânico, ocorrido em uma cidade do interior da Bahia, no município de Casa Nova entre os anos de 1934- 1938, numa comunidade chamada Pau de Colher, aproximadamente 90 km da sede do município de Casa Nova, faz

fronteiras ao norte do estado, com Piauí e com Pernambuco, em meio ao semiárido nordestino. Pau de Colher, um movimento religioso, que surgiu a partir da influência de um outro movimento; o Caldeirão, na região do Cariri, em Crato-Ce. Essa relação que existiu entre esses dois movimentos, ocorreu através da figura de Severino Tavares, um beato que reinterpretou à sua maneira as pregações religiosas proferidas por Padre Cicero, e disseminou de modo diferente suas postulações religiosas nos sertões nordestinos, chegando até o povoado Pau de Colher, com mensagens como; “fins dos tempos” e o “banho de sangue”.

A figura de Severino Tavares é elementar para entendermos o surgimento do movimento Pau de Colher, o mesmo que se dizia ser “emissário de Padre Cícero e representante de Zé Lourenço, se tornou conhecido como Padrim Conselheiro, conseguindo angariar muitos fiéis para Caldeirão”¹. A gênese do Pau de Colher esteve fortemente interligada com o movimento do milagre de Padre Cicero, a representação simbólica e a comunidade caldeirão, liderada por José Lourenço, na Região do Cariri, serviram para fundamentar o início de uma nova manifestação religiosa no interior baiano; o Pau de Colher.

Severino, que se apresentava como a terceira pessoa da trindade, o que segundo Monteiro (2010) considera “que as outras duas seriam Zé Lourenço e o próprio Padre Cícero, o que confirma a influência desses personagens em suas pregações”², esteve em Pau de Colher, e lá se encontrou com José Senhorinho um rezador local que posteriormente se tornara o líder do movimento, sendo esse influenciado pelos ensinamentos de Severino Tavares.

Pau de Colher passou a ser entendido como um espaço de preparação que servia pra levar os sertanejos para comunidade Caldeirão. Essa manifestação no interior baiano passou por diferentes fases no seu sistema de organização. Essa comunidade se voltou a um lugar de práticas religiosas e pregações sobre o final dos tempos, logo se tornando em um palco de conflitos, que se expandiu por outras regiões para além da fronteira do estado da Bahia, causando apreensão em suas proximidades. Ao longo desse estudo, aprofundaremos mais sobre Pau de Colher,

¹ MONTEIRO, Filipe Pinto. A SANTÍSSIMA TRINDADE NOS SERTÕES: *Severino Tavares e a gestação do movimento messiânico-milenarista de pau de colher (casa nova, Bahia, 1934-1938)*. Revista Crítica Histórica. Ano I, Nº 2, Dezembro/2010. Disponível em: https://dadospdf.com/download/a-santissima-trindade-nos-sertoos-severino-tavares-e-a-gestao-do-movimento-messianico-milenarista-de-pau-de-colher-casa-nova-bahia-1934-1938-_5a4bab04b7d7bcab67e61492_pdf.

² PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O messianismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

bem como a sua organização política e os conflitos que existiram dentro do acampamento.

Utilizamos os embates na comunidade Pau de Colher, com o objetivo de refletir algumas questões contextuais e históricas, entendendo como se configuraram as medidas oficiais, com o uso da violência, para combater determinados movimentos julgados de oposição ao regime vigente. Desse modo, percebendo como a força física aparece nesses confrontos. Os conflitos em Pau de Colher nos permitiu pensar algumas questões, primeiro: o modo que o Estado se manifestou com mobilizações sociais, com o uso da repressão e da violência policial.

Logo, esses fatores iniciais já colaboram para analisarmos outros elementos, no sentido de identificar a violência, dentro desse movimento, como ponto inicial para a efetivação de outros fatores, visto que a concepção que trazemos sobre violência se define para além na noção de enfrentamento físico, se desenvolvendo sob uma perspectiva que atinge questões morais e afetivas das vítimas desse massacre na comunidade Pau de Colher, onde podemos caracterizar enquanto violência simbólica, atingindo e construindo memórias das pessoas envolvidas.

Outro elemento que pode ser também pensado como uma forma de violência está relacionada com a própria tentativa de esquecê-los, apaga-los ou silenciar-los. Assim, criando narrativas e visões estereotipadas em cima dessas pessoas e pondo uma imagem de sujeitos “agressivos”, “alienados” “fanáticos”, “causadores da desordem” e até mesmo um ajuntamento comunista, O fato de negligenciar o que ocorreu em Pau de Colher aparece, então, como uma forma de violência moral e afetiva sofrida pelos sujeitos que estavam envolvidos nos embates.

E é diante desses aspectos que ressaltamos uma questão central para a produção desse estudo: a memória. Analisamos as memórias sobre esse acontecimento, sobretudo com aquelas gerações que sofreram as consequências, cabendo-nos, também, entender fatores colaboradores para a criação de estereótipos com as pessoas da comunidade Pau de Colher. Partindo dessa perspectiva, percebemos uma série de questões a serem problematizadas, dentre elas; a maneira que esse massacre afetou a vida das pessoas e como permaneceu na memória dos sujeitos históricos que, em graus diversos, tiveram contato com aquele movimento.

Para fundamentar esse debate propomos entender esse movimento dentro da perspectiva de Maria de Isaura Pereira de Queiroz (2003), sobre o termo movimento

messiânico, entendendo-o como “comunidades chefiadas por um messias visando alcançar ou construir um paraíso terrestre, que significará a salvação e a felicidade neste mundo para adeptos”. Entretanto, a compreensão que se pretende estabelecer nessa pesquisa vai para além dessa dimensão, entendendo esses movimentos com um viés de cunho político e social, não apenas estando ligados à questão religiosa. E, para embasamento sobre esse caráter social e político, usamos como referencial a autora Cristina Pompa³, que trabalha essas mobilizações sociais dentro da perspectiva de Movimentos socioreligiosos, influenciada por Queiroz, quando utiliza o termo “movimento rústico”. Essas são as primeiras noções que nortearam a discussão historiográfica em torno dos movimentos messiânicos no Brasil.

Para pensar os embates com o uso da violência, se fez uso da análise de Rui Facó onde afirma que dentro desse conflitos:

[...] a primeira tentativa de justificar a agressão é alegar que se trata de “fanáticos”, quer dizer, homens que se desligaram da sociedade civil por terem abandonado a ideologia religiosa das classes dominantes. É o primeiro pretexto para o assalto armado. Atribuem, depois aos “fanáticos” intuitos agressivos que eles jamais tiveram. E desencadeiam a luta contra eles. Não tentam isolá-los, o que militarmente seria possível, não tentam criar condições para a “recuperação”. Vão-lhes ao encontro com toda as armas, como se tratasse de autênticos inimigos de toda nação”⁴

Percebe-se que são arquitetadas estratégias para o uso da violência, e é nesse ponto que se evidencia outro elemento dessa pesquisa, ligada a questão da violência, que aqui é pensada em dois vieses: o primeiro físico e o segundo moral. Com relação a essa última forma, pensamos como uma violência simbólica, entendida.

“violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”⁵

Com relação ao debate que paira sobre memória, utilizamos a noção de Pollak (1989):

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias

³ POMPA, Cristina. **Memórias do fim do mundo**: o movimento de Pau de Colher. Disponível em: www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13751/15569. Acesso: 03/Abr/2018.

⁴ FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 9.ed. 1991.

⁵ BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes.⁶

E são essas memórias subterrâneas que nos possibilitam entender determinado contexto histórico a partir de outra ótica que não foi estabelecida quando se fala sobre. O movimento Pau de Colher foi um momento importante para os sujeitos que o vivenciaram e que, por muito tempo, foi esquecido e silenciado, sofrendo uma invisibilidade. No caso desse trabalho procuramos trazer para a discussão as memórias das pessoas que de alguma forma tiveram contato com o conflito e, assim, podendo dar voz a esses sujeitos silenciados, como também os colocando como elementos centrais do debate histórico sobre o período varguista, entendendo a relação entre Vargas e os movimentos considerados de oposição ao seu regime, dando foco nos movimentos do campo.

A elaboração dessa pesquisa passou por alguns momentos. Inicialmente, fizemos um levantamento teórico e bibliográfico acerca do tema, e por questões teórico-metodológicas usamos como fontes primárias, registros escritos (boletins, depoimentos, relatórios) e iconográficos. Como também alguns livros de memórias, sendo eles; *“Guerra do Pau de Colher: massacre a sombra da ditadura Vargas”* de Marcos Damasceno, usamos também outro livro de Memória de Silvio Roberto, *“massacre de pau de colher: último foco messiânico no nordeste brasileiro”*, além desses, utilizamos também boletins de ocorrência do batalhão geral da polícia militar da Bahia e do Piauí, e também, o uso de entrevista, e por fim, analisamos os registros de memórias em escritos e em documentários.

Com relação as fontes hemerográficas, utilizamos jornais da Bahia, são eles; *O imparcial, Diário da Bahia, Estado da Bahia*, e no Piauí, utilizamos os jornal, *Gazeta*. Com relação aos periódicos: *Diário da Noite – Recife, Diário de Pernambuco – Fortaleza, Estado da Bahia – Salvador, Gazeta de Alagoas – Maceió,*

⁶ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Último acesso: 03/Nov/2018

O Povo – Fortaleza, O jornal – Salvador -O Pharol – Petrolina, foram retirados dos trabalhos desenvolvidos por Filipe Pinto Monteiro, são eles: *Peregrinação, violência e demonofobia: novas interpretações sobre o movimento messiânico-milenarista de Pau de Colher (Casa Nova, Sertão da Bahia, 1934-1938; Entre terços e “cacetes”: uma nova tentativa de interpretação do movimento messiânico/milenarista de pau de colher (casa nova, bahia, 1934-1938); a santíssima trindade nos sertões: severino tavares e a gestação do movimento messiânico-milenarista de pau de colher (casa nova, bahia, 1934-1938).*

Esse estudo se subdivide em três momentos. O primeiro, intitulado **“Pensando as Faces de Vargas e os Movimentos Sociorreligiosos no Campo no nordeste Brasileiro”**, em que são postas questões que ajudam a entender como se configurou o Estado novo de Vargas: a primeira, está ligada a produção historiográfica acerca desse período da década de 1930, fazendo uma breve reflexão sobre as relações entre historiador, tema e objeto. Também abordamos os fatores da criação de sua imagem, tanto em âmbito nacional quanto ao nível de Piauí, e, como isso, ajudou na construção de uma produção historiográfica sobre esse governo, identificando quais os mecanismos responsáveis para a criação de uma imagem carismática, com o uso de símbolos, que serviu para criar um imaginário político em que se preocupava com o consentimento popular, almejando apoio e legitimidade das massas. E, em uma segunda parte, refletimos acerca dos movimentos sociais do campo: os movimentos sociorreligiosos no Brasil, fazendo também uma síntese conceitual sobre os termos de catolicismo e messianismo.

Já no segundo capítulo, denominado **“chega às balas passavam cortando os paus’: Um conflito de violência moral, afetiva, e física”**, é evidenciada a violência sofrida durante o embate, entendendo-a para além da questão física, abrangendo-a também no sentido moral, pois pessoas vítimas desse massacre perderam toda a relação com o espaço. As memórias dessas pessoas, juntamente com os vínculos afetivos, foram afetadas. Esses sujeitos sofreram com o efeito de uma violência moral e afetiva, a crueldade perpassou o meio físico e atingiu o campo simbólico. A violência simbólica a que foram submetidos também está relacionada com a tentativa de apagamento da memória sobre o movimento. Esses fatores nos ajudaram a entender como o Estado Novo atuou para conter esses tipos de manifestações.

Por fim, no terceiro capítulo, **“só não tive estudo, mas memória Deus me deu”**: **Narrativas sobre Pau de Colher e o desejo de não esquecer**”, busca-se entender o movimento em Pau de Colher como um momento importante para os sujeitos que o vivenciaram, trazendo para a discussão as memórias das pessoas que, de alguma forma, tiveram contato com o conflito, assim, dando voz a esses sujeitos silenciados, como também colocando-os como elementos centrais desse debate histórico sobre o período varguista, a partir de um arcabouço documental importante: a memória subterrânea, pois essas memórias nos possibilitam entender determinado contexto histórico a partir de outra ótica.

CAPITULO I:

Pensando as Faces de Vargas e os Movimentos Sociais do Campo no nordeste Brasileiro

Pretendemos agora introduzir uma corrente discursiva com relação ao historiador e o seu objeto dentro da produção do saber histórico. Para isso definimos um recorte de tempo e espaço que vai entre os anos de 1934 a 1938, dentro de uma localidade rural; Pau de Colher, situada no município de Casa Nova, no sertão baiano. Esse objeto nos serviu para refletir sobre algumas questões entre Getúlio Vargas e os movimentos considerados pelo Estado, uma oposição ao seu governo. Nesse sentido, o propósito desse primeiro momento parte de dois vieses: é pensar como a produção historiográfica tem trabalhado compreensões acerca da figura de Vargas, o segundo é entender os mecanismos responsáveis para a criação de uma imagem carismática.

Determinando esses elementos, começamos a refletir sobre como se apresentam alguns objetos históricos e de como a produção historiográfica tem estudado essas análises referentes ao período estudado. O historiador Edgar Decca (1981) ao fazer uma análise da classe operária no governo de Vargas estabelece essa reflexão sobre a relação entre o historiador, tema e objeto.

Nessa abertura para a desmontagem desse dispositivo ideológico, que, em última instância, ocultava o lugar onde eram produzidos tais discurso, a produção acadêmica desdobrou-se para se reencontrar com seus próprios objetos. Durante anos o discurso acadêmico, ao não falar o seu nome, ocultava o lugar onde ele era produzido e não permitia uma operação crítica capaz de investir contra os próprios objetos e temas comuns na área das ciências humanas.⁷

A maneira como é pensada a construção do saber histórico nos faz refletir e, ao mesmo tempo, questionar: o que torna determinado tema mais legítimo em detrimento de outro dentro desse debate? Será se há elementos que podem ser mais evidenciados que outros? E por quê? Diante de tais problemáticas, percebemos que existe ainda um longo caminho a ser percorrido para que essas questões possam alcançar direcionamentos de respostas, mas, em princípio, ajudam a refletir sobre a produção historiográfica. Assim, o trabalho do historiador é também sempre repensar em torno da construção do saber histórico. “O método, o trabalho do historiador, a meu ver, consistem necessariamente em uma constante

⁷ DE DECCA, Edgar Salvadori. Parte I: A falência das interpretações. In.: DE DECCA, Edgar Salvadori. O silêncio dos Vencidos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p.31- 110.

ida-e-volta entre passado e presente. Sendo que o presente é obviamente o futuro. O futuro do passado”⁸.

É comum pensarmos essa construção a partir de um fato ou conceito que remete a determinado período dentro da história. Assim, a compreensão de um recorte temporal e espacial historiográfico pode ser compreendido a partir de um único elemento. Por exemplo, quando pensamos o período varguista, as primeiras impressões que remetemos a esse contexto histórico são com relação aos movimentos urbanos e as questões trabalhistas. Partindo dessa perspectiva, conseguimos construir uma rede de saber que nos ajuda a compreender esse período proposto. Entretanto, sabemos a complexidade que paira no campo historiográfico e que essas noções ou conceitos não comportam o caráter complexo dos processos históricos.

As produções de temas que envolvem o recorte da revolução de 30 trazem elementos legitimadores das pesquisas historiográficas “a revolução de trinta, o tema industrialização e o tema revoluções burguesas atravessam ainda o universo no qual o exercício intelectual se realiza. Resolvemos questioná-los de ponta a ponta”⁹. Assim, o conhecimento acadêmico produzido sobre esse período constrói análises que criaram lacunas que devem ser preenchidas quando estudamos esse “fato histórico”. Pois acredito que “Toda história é contemporânea. O passado continua sendo interpretado, sempre é uma leitura contemporânea que se faz e, na compreensão do passado, temos de integrar essa leitura renovada, sempre recomeçada.”¹⁰

A função da teoria nesse caso é precisa: preencher os espaços deixados em branco por um discurso pleno, capaz de reconhecer num “fato histórico” tanto a revolução burguesa, como a industrialização e o Estado Autoritário. Tal procedimento teórico opera com de representações produzindo em torno de trinta e, identificando lacunas, recorre a um outro discurso capaz de atribuir-lhe substância e conteúdo. Não é difícil de encontrar na historiografia, portanto, a explicação de que no sentido profundo daquele “acontecimento” na esteve ao alcance de seus próprios agentes. Contudo, essa operação de preenchimento dos lugares vazios da “revolução de trinta” realiza-se também no interior desse próprio corpo de representações produzido em torno de trinta e,

⁸ LE GOFF, Jacques. Uma entrevista com Jacques Le Goff. Transcrita, traduzida e editada por Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 8(4), 1991, p. 263. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2317/1456>>. Acesso em: 15 maio 2019.

⁹ DE DECCA, Edgar Salvadori. 1989. Op, Cit p, 40

¹⁰ Le GOFF, Jacques. Op., Cit, p, 263.

identificando lacunas, recorre a um outro discurso capaz de atribuir-lhe substancia e conteúdo.¹¹

Algumas noções historicamente estabelecidas podem ajudar na construção de uma memória coletiva acerca desse período. Os trabalhos historiográficos que abordam essa temática ajudam numa construção de uma imagem de um sujeito e de uma época. Assim, ao analisarmos algumas produções entendemos esse período de 1934-1938 como algo complexo e oportuno para várias visões controversas acerca da figura de Vargas. Com isso essas produções voltadas para o meio urbano ajudam na construção dessa memória coletiva ou “memória oficial”, que, segundo Pollak (1989), trata-se de memórias

[...] fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis.¹²

Com relação ao contexto em que se insere esse período, percebemos que entre as propostas inseridas no Governo de Vargas estava à questão da criação de sua imagem, e isso ajudou na construção de uma produção historiográfica sobre esse governo, em que os mecanismos responsáveis para a criação de uma imagem carismática, e com o uso de símbolos, criaram um imaginário político no qual se preocupava com o consentimento popular.

Segundo Capelato (2009), a função do símbolo deve ser compreendida dentro da lógica de dominação colocada em prática por diferentes regimes, considerando a importância que cada qual atribui a manipulação e o consentimento. No caso do Brasil, o tipo de imagem mais privilegiado na construção dessa propaganda teria sido a fotografia, que ajudou na “construção de um universo simbólico”.

A bandeira e a imagem de Vargas foram símbolos bastante usados nas representações visuais do Estado Novo. “O uso privilegiado das fotografias no Brasil revela uma preferência pela representação mais objetiva da realidade, que talvez

¹¹ DE DECCA, Edgar Salvadori. 1989. Op, Cit p, 49.

¹² POLLAK, Michael. 1989. Op. Cit, p, 7.

possa ser explicada como um traço da cultura política brasileira, fortemente marcada pelo o positivismo” (CAPELATO, 2009. p 55).

A utilização desses signos dentro desse modelo de regime ajudou a construir um imaginário político em que “se define, como força, os aliados e os inimigos”¹³. Nesses espaços, as consciências e as resistências se enfraquecem, pois como é destacada pela a autora Maria Helena Rolim Capelato:

O signo fascina os olhares, mobiliza as energias, compensa as frustrações e infla as vaidades. Por um jogo de identificação, ele encandeia a sorte dos amigos do líder e, ao mesmo tempo, catalisa a violência permitindo descarrega-la sobre os inimigos”¹⁴

O uso da propaganda política buscava exaltação do chefe de Estado e as ações governamentais empreendidas por ele. E junto a isso, as ações do governo, esperava evidenciar uma hegemonia social e a eliminação de divergências que ocorreram através da censura, repressão e prisões. Vários opositores do regime estado novista foram presos após o golpe de 1937. Os discursos apontavam a formação de uma sociedade fraterna, que vivia em festas de povo feliz. Essa teatralização do poder se constituía através das festas cívica, criando uma ideia de sociedade unida e harmônica, ocultando as práticas repressivas exercidas para conservar o controle social. A propaganda almejava para criar um imaginário de harmonia e felicidade, escondendo os conflitos existentes nas sociedades, que foi uma realidade que se esperava, mas que não era concreta, sendo um elemento de ordem emocional eficiente na atração das massas.

A propaganda Varguista também se ocupou em constituir um inimigo comum da nação: o fantasma do comunismo. Levantando o discurso de que Vargas, em 1937, apresentava um modelo de estado que fugia dos “políticos incompetentes da República Velha” e o único capaz de combater o perigo do comunismo. Esses elementos “mobilizaram os aliados do regime contra os inimigos da sociedade”. O anticomunismo se constituiu como um dos pilares que sustentaram o Estado Novo. A junção desses signos monumentalizaram Vargas, afim de construir a imagem de um governo generoso que sabia das necessidades do seu povo. O anticomunismo era profundamente estimulado.

[...] o golpe de 1937 foi justificado como a salvação do país do perigo comunista: alegava-se que a Revolução de 1930 livrara o país das

¹³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imagens e espetáculo no poder varguismo e no peronismo. In.: CAPELATO, Maria Helena Rolim. Multidões em Cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo. 2ed. São Paulo: editora UNESP, 2009. p.51- 71

¹⁴ Ibidem. p, 56.

oligarquias decadentes e retrógradas” e dos “políticos corruptos”, enquanto o golpe vencera definitivamente o comunismo. As mensagens de propaganda alardeavam que a “sociedade feliz” concretizara-se no Estado Novo; a “felicidade brasileira oficial” era comemorada em todas as datas cívicas por meio de festas promovidas pelo o Estado para celebrar as realizações do governo¹⁵

1.1. Retratos de um presidente: Estado Novo e o Getulismo no Piauí.

No Piauí, a propaganda não exibiu os autoritarismos do Estado Novo, apenas celebrou os seus feitos e escondeu suas medidas autoritárias para aqueles que faziam oposição ao regime, ou aqueles que o governo considerava ato de objeção. E embora houvessem todos esses mecanismos de censuras, as medidas autoritárias conseguiam chegar as pessoas “O Estado Novo não queria saber de povo nas ruas, misturou repressão com paternalismo [...] Foi engatada uma política que visava coibir qualquer conflito social”¹⁶. O espetáculo e o teatro, durante as propagandas e as festividades cívicas serviram tentar para criar um imaginário de unidade e harmonia.

A chegada do Estado Novo foi marcada por um projeto de modernização autoritária e forçada, e também com negociações entre o governo de Vargas e as elites locais. “Em Teresina, aqueles que não podiam construir casas e cobri-las de telhas foram obrigadas a morar fora da área urbana da cidade”¹⁷. O governo de Vargas, segundo Nascimento (2015), pode ser entendido como um Estado forte carregado com elementos neopatrimoniais bastante evidenciados em que impõem a sua vontade e o seu ordenamento. Além do mais, esse Estado tentou criar uma estrutura legal de enquadramento e representações. “[...] mas esse patrimonialismo moderno é uma forma atual de dominação política exercida por um estrato social cuja base de poder não é as propriedades e sim a posse de cargos públicos ocupados para tirar proveitos pessoais”¹⁸.

Esse Regime se empenhou na imposição de medidas de uma ideologia centralizadora e autoritária, no qual para a sua legitimação procurava buscar apoios dos governadores dos Estados. No caso do Piauí, esse apoio foi dado no governo de

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim, 2009. Op., Cit. p, 71.

¹⁶CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p.87-126.

¹⁷ JUNIOR AGUIAR, José de Arimatéa Freitas de Aguiar e NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Getulização do Estado Novo no Piauí. In.: OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. SOUZA, Ítalo Cristiano Silva e (org.). *Os olhares de Clío: cenários, sujeitos e experiências históricas*. Teresina: EDUFPI, 2013. p.141-152.

¹⁸ Ibidem, p 39

Leônidas Melo, em um diálogo com Deputado Negrão de Lima, em que esse apoio se daria na promessa de permanência do cargo. De acordo com Nascimento (2015),

O encontro realizou-se na cabine do hidroavião, onde apenas o Interventor e o Deputado ficaram. As águas do Parnaíba embalsamaram a trama que as elites realizavam para transformar Getúlio Vargas no símbolo mais reluzente do novo Estado que estava chegando¹⁹.

O governo do Piauí se colocou a dispor da implementação do Estado Novo. Para o governo, esse regime representava os interesses da Nação, em que foi apresentado com um único e necessário para a sociedade brasileira, se tratava de uma nova organização política de Estado que a todo o momento buscava formas de apoio e legitimação. Um regime autoritário e repressivo que mantinha seus compromissos importantes, em que, para a sua estabilidade, estava relacionada com o sucesso do emprego sistemático da força repressiva e da propaganda ideológica. Para além dos acordos com as elites locais, Vargas também procurou apoio das massas populares no Piauí através da “Getulização do Estado Novo no Piauí”²⁰.

[...] Então o governo varguista tomou algumas iniciativas consonantes com o projeto em desenvolvimento, criando instrumentos que impedissem críticas ao projeto e que, por outro lado, divulgassem sistematicamente o ideário estadonovista. Desenvolveu a ação política, entendida como atividade que pretende possuir o direito de dominação, em nome da autoridade estabelecida em um território, com a possibilidade de usar força física ou a violência em caso de necessidade.²¹

Durante os anos de 1930 e na década seguinte, os eventos cívicos foram uma das ferramentas utilizadas pelo o governo nacional pelas interventorias dos Estados para a divulgação de um projeto nacionalista. As festas cívicas passaram a ser bastantes presentes nos estados e municípios, principalmente durante o Estado Novo. Durante esse regime, a política se baseou na relação direta com os estados nacionais.

Os mecanismos de propaganda espalhavam a imagem do regime através de fotos, cartazes e lemas. O nome de Getúlio Vargas passou a ser doado a grandes instituições e logradouros públicos. No Piauí, essas formas de legitimação do

¹⁹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Discutindo o Estado Novo. In.: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). 2 ed. Teresina: EDUFPI, 2015. p.37-54

²⁰ JUNIOR AGUIAR, José de Arimatéa Freitas de; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Getulização do Estado Novo no Piauí. In.: OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. SOUZA, Ítalo Cristiano Silva e (org.). Os olhares de Clio: cenários, sujeitos e experiências históricas. Teresina: EDUFPI, 2013. p.141-152. Ibidem p. 141.

²¹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. 2015. Op., Cit. p, 51.

Estado Novo se configuraram através da figura do presidente e do Interventor Leônidas Mello, com as inaugurações e solenidades.

É importante destacar que no caso específico dos retratos de Vargas nas repartições públicas do Piauí, era ressaltada pela propaganda oficial, a atuação “brilhante” do estadista e o que o novo regime tinha de primordial, o espírito de brasilidade. Destacava-se nestas solenidades que Vargas trabalhava pelo bem comum do povo brasileiro, sendo seu prestígio “inabalável” entre os trabalhadores²².

De acordo com Nascimento (2013), essas solenidades almejavam uma legitimação do Governo Vargas, e a reafirmação do Interventor Leônidas de Castro Melo.

Essas solenidades eram assistidas por populares e convidados dos governos locais, inclusive os corpos docente e discente dos estabelecimentos de ensino. Os retratos nas Prefeituras dos municípios, segundo os Prefeitos, serviam como estímulo e exemplo a todos os piauienses capazes de compreender que é preciso dever trabalhar pelo bem, pelo o progresso do povo e da terra natal.²³

Para além dos mecanismos de propagandas, e da inauguração de instituições, o Estado novo se utilizou de outras ferramentas. Em 1937, com o golpe do Estado Novo, alguns elementos foram usados para justificar a implementação desse regime autoritário, entre eles; a educação. Esses setores políticos que desempenharam a função de criar a ideia de nacionalidade pensaram também à educação como uma ferramenta que ajudaria na efetuação da criação de símbolos e propaganda varguista. As políticas educacionais estavam voltadas para auxiliar nesta construção. “As cerimônias cívicas reforçam o sentido de unidade nacional, criam uma aura de sacralidade à imagem da nação e do Chefe da Nação com o intuito de transformar o presidente da nação em “pais dos pobres”²⁴ e também reforçavam o desejo da construção de uma ideia nacional e no embate contra a “ameaça comunista”.

As práticas escolares em diferentes níveis de ensino estiveram também voltadas a esse projeto de legitimação, professores e alunos eram convidados a participarem das atividades cívicas como um ato de fidelidade a pátria.

Todo deveriam comparecer, criava-se a ilusão de estado participativo, o calendário cívico consta de datas a serem festejadas e vivificadas para o engrandecimento da pátria amada e do torrão natal, como o Dia da Árvore, o Dia do Pan- Americano, o Dia da

²² JUNIOR AGUIAR, José de Arimatéa Freitas de; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Op .cit. p. 144.

²³ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. 2015. Op., Cit. p,

²⁴ MELO, Sâmia Maria Barbosa. **A construção da memória cívica: As festas escolares de civilidade no Piauí. (1930-1945).** Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

Bandeira, o Dia da Raça, a Semana da Pátria e o 7 de Setembro, da promoção da República (MELO. 2009.p. 131)

Esses mecanismos, juntamente com a imprensa, foram fundamentais para a construção e legitimação do Estado Novo no Piauí, a ideia de pátria e os sentimento nacional ao longo dos anos foram se legitimando. Desse modo, censurando qualquer forma de ameaça à figura de Vargas e dos Interventores estaduais, o governo através da propagação da sua imagem por retratos e cartazes, conseguiu construir um símbolo de um estado nacionalista, unitário e progressista, e tentado esconder os conflitos sociais entre o Estado e o povo.

O recorte da década de 1930 nos possibilita enxergar uma série de lacunas a serem preenchidas pelas produções acadêmicas. É comum, dentro desse objeto histórico, a elaboração de narrativas que priorizam elementos contextuais legitimadores para se pensar esse recorte, em que algumas temáticas são formadoras de uma memória histórica. O tema industrialização e a revoluções burguesas atingem uma dimensão na produção do fazer a história, evidenciando alguns elementos como objetos centrais para se pensar Getúlio Vargas, são eles: a propaganda varguista, a questão trabalhista e o getulismo, como também as medidas repressivas e autoritárias desse regime.

Pensar o Estado Novo, além de analisar os elementos contextuais, é também averiguar a produção historiográfica desse período, no intuito de possibilitar ferramentas que preencham alguns espaços. Com isso, ao pautarmos alguns objetos centrais desse estudo, começamos agora analisar algumas manifestações de cunho religioso como forma contextual acerca da temática.

1.2 Movimentos socioreligiosos (catolicismo popular, messianismo): breves reflexões conceituais.

Os objetos chegam a nós através de uma lente compreensiva, entre nós e o mundo percebido ou pensado, essa lente é composta por elementos culturais e simbólicos. “o homem entra em contato com o mundo por meio do sistema simbólico. Conhece, age, e sente por influência deste complexo sistema, localizando nós e o mundo”.²⁵ Essa interferência faz com que o ser humano seja considerado como um animal cultural, o sentindo em que damos a “realidade” está relaciona a esse sistema simbólico e cultural, essa compreensão nos ajuda na organização

²⁵ RAMOS, Francisco Regis Lopes. **Caldeirão**. Fortaleza. EDUECE. 1991.

social, da ciência, do mito e da religião que são elementos desse sistema dentro dessa organização. “A razão, glorificada por tantos e tantas vezes como a dona da última verdade, não passa, nessa perspectiva de uma das maneiras de captação e entendimento do mundo, de uma das formas de consciência do ser simbólico”²⁶.

O universo cultural é então, quem passa a determinar e interferir nas ações humanas, a se ver inserido em uma organização já estabelecida, o homem ordena e entende o seu meio conforme está estruturado.

O interessante é que depois do mundo “organizado”, “justificado” e com sentido para nós, ainda precisamos de algo mais: a esperança, a certeza-vontade de encontrarmos o desejo no futuro. A meu ver, na dimensão da esperança é que o fenômeno da religiosidade encontra terreno fértil, sobretudo quando acompanhado de elementos estruturadores do real. Se nós juntarmos, portanto, o sentido e a justificação do mundo à esperança e misturarmos bem esses elementos, vamos ter o que se chama de religiosidade. É claro, que nessa complexa e rica mistura encontraremos vários outros ingredientes como, por exemplo, as condições sociais onde a religiosidade se faz presente. A religiosidade, nessa perspectiva nos dá sentido e justificações à vida, nos dá esperança (RAMOS, 1991. P, 19-20)

Por ser considerado com um animal simbólico ou cultural, o homem, trona-se um criador de sentido, e em muitas das vezes atribuímos isso ao sentimento religioso, por meio desse é que, conseqüentemente nos relacionamos com o mundo, e elaboramos uma maneira de vê-lo e entendermos. Assim como a ciência tem uma linguagem para compreensão do meio, a religião também é uma ferramenta de concepção do mundo real. Em consequência disso, a religiosidade é uma das manifestações que do homem que se constrói e constrói o seu mundo, é importante afirmar aqui que a religiosidade faz parte de uma criação coletiva, e é nesse que ela ganha consistência, pois a mesma “Dá sentido, ao passado, ao futuro, ao cotidiano, ao trabalho, às relações sociais, à vida, à morte”²⁷. Mais à frente veremos que o aspecto religioso em Pau de Colher, foi um elemento fundamental, pois a mesma se configurou como uma esperança de um futuro melhor, um “Novo mundo” sem dor e sofrimento. Essa crença em dias melhores levou muitos sertanejos baianos, piauienses, pernambucanos a aderirem ao movimento na comunidade.

Essa religiosidade pode se apresentar de diferentes modos, entre eles; o catolicismo popular. Apesar desse catolicismo se confundir com o que chamamos de

²⁶ Id., 1991, p.19.

²⁷ RAMOS, Francisco Regis Lopes. Op, cit., p. 20.

catolicismo oficial, esses apresentam poucas diferenças, que me muito dos casos essas fronteiras não são muito claras. Segundo (RAMOS 1991), “esse conceito ou categoria elaborado pela a intelectualidade. Empiricamente, os praticantes do catolicismo popular não se vêem como tal; veem-se simplesmente por católicos”²⁸.

Entendo esse como uma ressignificação, ou adaptação dos populares com relação às teologias oficiais, uma mistura do universo simbólico que faz compreender o catolicismo oficial de outro modo, uma recriação deste. Para Monteiro (2010), “podemos averiguar que o catolicismo popular já pressupõe “mistura”, “combinação” e “interposição” de religiosidades, etnias, crenças e as mais diversas devoções, tanto geográfica, quanto historicamente “²⁹. É interessante salientar que esse catolicismo popular, em alguns dos casos, por sua dinâmica de concepção do mundo real, e por apresentar essa mistura de teologias, acabou influenciando os movimentos messiânico e milenaristas³⁰, como é o caso de Pau de Colher, que sua gênese partiu do catolicismo popular em Juazeiro do Norte.

Feito essa síntese sobre o conceito de Catolicismo popular, adentaremos, a um debate acerca do termo “messiânico” partindo de um ponto de vista nos estudos desenvolvidos pela socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz³¹, em tratar essas mobilizações sociais como movimentos rústicos, que:

[...] tem como fulcro um indivíduo que se acredita possuir atributos sobrenaturais e que vaticina catástrofes de que só salvarão os seus adeptos[...] Os caracteres do Reino Messiânico também são do mesmo tipo geral: trata-se de um reino Celeste que existirá neste mundo, dotado de atributos maravilhosos, lugar onde não se adocece, onde não se precisa trabalhar, onde se é plenamente feliz, onde se residem os santos.³²

Percebe-se, na afirmação da autora, que o messianismo não está só ligado a questões apocalípticas, mas também como a conquista de um lugar onde se é totalmente feliz, evidenciando um desejo de mudança do contexto social e, assim, se

²⁸ RAMOS, Francisco Regis Lopes. Op. cit., p. 21)

²⁹MONTEIRO, Filipe Pinto Messianismo. Milenarismo e Catolicismo (Popular) no Discurso Intelectual das Ciências Humanas e Sociais **Apontamentos Preliminares para uma Questão Conceitual**. Revista de Teoria da História Ano 2, Número 4, dezembro/ 2010 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892. Disponível em : <https://revistas.ufg.br/teoria/article/download/28942/16115/>. Acessado em: 15 de maio de 2019.

³⁰ está relacionada diretamente ao fenômeno do advento do milênio ou milenarismo. Muitos acreditavam que o milagre era um sinal do fim dos tempos, da chegada do apocalipse. O discurso milenarista alimentou os fiéis dessa expectativa, sendo responsável pela adesão de muitos sertanejos ao que alguns já entendiam como um “cisma em potencial”. Ver MONTERIO, p,5. 2010.

³¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 3ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 2003.

³² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 2003., O, cit. p, 305

configurando como uma reação histórica de um grupo rural que foi abandonado, que desenvolve a autonomia na sua organização social.

Nesse estudo, analisamos movimentos messiânicos ocorridos no nordeste brasileiro, e, portanto, partimos da orientação teórico-metodológica proposta por Maria Isaura Pereira de Queiroz, que nos possibilita pensa-los a partir de dois elementos: a estrutura social e a organização dentro desses movimentos, no qual se tem a figura de um líder, sendo aquele que

[...]ocupa a posição mais elevada e, entre ele e os fiéis, há ora um indivíduo intermediário, ora um grupo que fica encarregado da fiscalização e execução das normas, em nome do messias. As relações dos adeptos com os líderes são sempre do mesmo tipo em todos os movimentos³³

Já o segundo elemento está relacionado à questão familiar. Os conjuntos familiares, sendo um aspecto comum dentro desses movimentos. A valorização da família, através da formalização do casamento, era significativa dentro desses grupos. Segundo Queiroz (2003) são raros os casos de pessoas solteiras que aderiam, na maioria das vezes eram compostos por grupos familiares, e o matrimônio era importante instrumento.

A importância dada ao casamento e à família, juntava-se o reconhecimento explícito das relações fraternas como base social por excelência da comunidade. A comunidade pelo o líder- o Pai, o Padrinho, - e pelo os membros, irmão sob sua tutela. As relações familiares são, pois, as significativas, isto é, as que definem o grupo: irmandade, confraria, e sobre governa o patriarca. Família sagrada; a religião exige e sanciona entre os membros as relações de tipo familiar, impondo uma série de práticas que visam ao seu reforço.³⁴

Além do mais, outro aspecto presente dentro desses grupos é o combate à anomia. Existe um esforço claro de moralização dos costumes, ou pelo menos a imposição de uma disciplina que deveria ser seguida. A obediência e a ordem imperaram dentro dessas comunidades. “Os fiéis dos movimentos rústicos levavam e levam uma existência muito mais regrada do que quando viviam dispersos na caatinga e no sertão, ou reunidos em arraiais cujo policialmente era um mito”³⁵.

Logo, os movimentos messiânicos também estão relacionados às crises estruturais e organizações sociais. Não só se refere a simples movimentos religiosos, mas a uma atividade complexa que envolve situações de crises sociais e estruturais, se apresentando como solução legítima para essas situações. O que se

³³Ibidem., p, 305

³⁴ Ibidem., p, 308

³⁵ Ibidem., p, 319

percebe, de acordo com QUEIROZ (2013), é que esses movimentos estão inclusos em uma sociedade no qual a estrutura interna se regia pelo sistema de parentesco, por isso, que dentro desses grupos a valorização da família e do casamento é importante, por se tornarem elementos fundamentais de sustentação estrutural. Assim, os movimentos messiânicos são os únicos movimentos religiosos que contêm atitudes sócio-políticas, peculiares a sociedades estruturadas num sistema de parentesco.

O movimento messiânico não se define, pois unicamente pela a sua forma, ritmo, temas religiosos e finalidade, como também pela a sua própria estrutura social interna, que é constante. Nenhuma destas propriedades, encontradas em todos os movimentos de maneira idêntica, oferece, pois apoio para classificação interna; servem apenas para definir com precisão a ordem específica de fenômenos a que damos o nome de movimentos messiânicos pois são as qualidades mais gerais que todos apresentam. Faltava esclarecer dentro de que as condições sócio-estruturais tinham lugar os movimentos, e verificou-se que surgiram em momentos de crise de estrutura e organização, em sociedades cuja estrutura se regia pelo sistema de parentesco. Isto é, em sociedades cujo o sistema de parentesco servia para localizar os indivíduos na estrutura social, e constituía o modelo para relações sociais.³⁶

Podemos entender esses movimentos como reações sociopolíticas dentro dos processos sociais, ocorrendo depois de modificações estruturais e sociais.

As crises de formação de sociedades globais dizem a respeito a mudanças de orientações dos processos sociais, as crises de configuração interna são causadas por acelerações dos processos sociais internos, e há também crises mistas, em que mudanças de orientação externa se associam a aceleração dos processos sociais internos³⁷

Com isso, esses movimentos messiânicos podem ser entendidos como um processo social transformador que cria novas categorias de sociedade, ora restaura padrões antigos, “e dentro de sociedades estruturadas segundo relações de parentesco que age nas diferentes formas de crise em que tal sociedade se vê envolvida: crises de formação, crises de transformações interna, crises mistas”³⁸ .

Para além desse enquadramento conceitual, que analisa esses movimentos messiânicos em perspectiva de questão de estrutura social ou de combate à desordem, passamos a entendê-lo em outro ponto de vista, que considera esses movimentos messiânicos:

[...] desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos selecionados da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos

³⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de 2003. Op. Cit p, 353

³⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de 2003. Op. Cit p, 367

³⁸Ibidem., p 340.

informados pelo universo ideológico religioso, capazes de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribuições e sofrimentos e indicar caminhos para sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos. O imaginário religioso pregresso, sua exacerbação ou superação por uma nova revelação profética, está sempre presente, interpretando a realidade, postulando objetivos e indicando os meios pelos quais estes serão alcançados.³⁹

De acordo com Lísias Nogueira Negrão (2001), entendemos um dos elementos presentes dentro desses movimentos: o imaginário religioso, o ideal da salvação e uma nova vida de paz. Percebemos esse fator como algo comum também na perspectiva de Solano Rossi (2007), no qual afirma que as “características fundamentais do messianismo é seu caráter de “salvação coletiva” em detrimento da salvação individual”⁴⁰. No entanto, Rossi analisa os movimentos messiânicos trazendo também outros elementos compreensivos que:

Envolve a história de um grupo a partir de suas relações sociais e não a história de uma personalidade individual. E, por isso mesmo, é um movimento dinâmico; um movimento da força social que busca a transformação da terra não para um só homem, mas para toda a humanidade. Parece o caso de se pensar os líderes messiânicos enquanto agentes que conduzem à viabilização de uma nova vida coletiva. Seriam como que leitores da vida do povo e da sociedade que os cercam. E nesse desiderato, buscam captar os anseios daqueles que são deserdados para, como seus porta-vozes, apontar o caminho da paz e da salvação que têm lugar na própria história em que vivem. Sem dúvida que todos estão empenhados na organização de um projeto que possa dar sentido à vida: ao revigorar os valores e restabelecer a dignidade de cada um dos deserdados pela antiga sociedade.⁴¹

A maneira como Rossi entende esses movimentos aproxima-se das visões já discutidas anteriormente, que se alicerçaram em Pereira de Queiroz (2003): “estes buscam ou desencantar um Reino ou fundar uma cidade santa, pondo para isto em prática os comportamentos aconselhados pelo o líder”⁴². Entretanto, esses movimentos detêm uma complexidade que vai para além das questões religiosas, estabelecem suas relações sócio-políticas em sociedades estruturadas. A concepção explorada por Pereira de Queiroz nos permite identificar a complexidade conceitual sobre o termo messiânico.

³⁹ NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro**. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 16 no 46.

⁴⁰ ROSSI, Luiz Alexandre Solani. **O Messianismo e a Construção do Paraíso na História**. Organização: Karina K. Bellotti e Mairon Escorsi Valério. Dossiê Religião. N.4 – abril 2007/julho 2007 Disponível em: http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_10.pdf. Acessado em : 01/nov/2018.

⁴¹ ROSSI, Luiz Alexandre Solani. 2007. Op, cit, p, p,10-11

⁴² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 3ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 2003.

Em vista disso, para analisar a concepção sobre o termo “messiânico” foi necessário entender a complexidade conceitual que o envolve. Para isso, pensamos em diferentes noções estabelecidas, em que podemos enxergar como um movimento que permite um autonomia na sua organização social, assim mantendo relações socioestruturais, que surgiram em momentos de crise de estrutura e organização. Posteriormente refletimos a questão do imaginário religioso como um dos mecanismos pilares desses movimentos e, por fim, trabalhamos a questão da transformação na vida cotidiana das pessoas desse grupo, a ideia de “salvação coletiva”.

Esses pontos evidenciados nos nortearam nas análises sobre os instrumentos que colaboram para a construção conceitual do termo messiânico e, a partir dessas noções, passamos a pensar o nosso objeto de estudo, considerando que o conflito na comunidade Pau de colher faz parte de um movimento de cunho messiânico por apresentar alguns elementos conceituais discutidos anteriormente. Com base nisso, passaremos agora analisar alguns movimentos ocorridos na região nordeste do Brasil, que historicamente e socialmente foram estabelecidos como movimentos messiânicos.

1.3 Ressignificação da figura de Padre Cícero e os movimentos sociorreligiosos no nordeste brasileiro.

Padre Cícero que serviu como figura simbólica para esses dois movimentos sociorreligiosos no nordeste brasileiro; caldeirão e Pau de Colher se configurou como um personagem essencial para estabelecer um elo entre essas duas comunidades. Entretanto, o modo como foram reinterpretadas as prédicas de Padre Cícero conduziram para reaparecimento de condutas sociais entrelaçadas no messianismo e em manifestações de catolicismo popular. De acordo com Monteiro (2010), Padre Cícero não tinha em suas propostas fundamentar o surgimento de outro movimento messiânico no nordeste brasileiro, isso ocorreu por conta das ressignificações efetuadas por Severino Tavares ao percorrer alguns Estados do nordeste, em que logo conseguiu agregar um número de adeptos de suas pregações milenaristas. Mas quem é Padre Cícero e qual a sua relação com o movimento de caldeirão na cidade do Crato e Pau de Colher em Casa Nova? Isso é o que abordaremos nesse tópico, através de uma breve análise bibliográfica, discutiremos a influência de Padre Cícero nesses movimentos, como também, o surgimento da comunidade Caldeirão.

Antes de adentrarmos na discursão acerca do movimento Pau de Colher na Bahia, é necessário que, primeiro; compreendermos um pouco sobre a figura de Padre Cicero e José Lourenço; segundo; conhecermos a comunidade caldeirão, entendendo como essa inspirou na criação do movimento em Pau de Colher. Caldeirão, que era visto na comunidade Pau de Colher, como o *Novo Mundo*, um lugar em que não haveria injustiças sociais, o local sagrado que tinha como líder religioso José Lourenço, a comunidade de Caldeirão e a figura de Padre Cicero na região do Cariri, especificamente na cidade de Juazeiro, foram fundamentais para o aparecimento da manifestação religiosa em Pau de Colher.

Em Juazeiro do Norte, cidade localizada na região do Cariri, estado do Ceará, verificou um movimento que transformou um pequeno arraial em uma cidade complexa e desenvolvida; “a cidade santa”. Padre Cícero, de acordo com Queiroz (2003),

voltou-se inteiramente a catequese e a recuperação, exercendo com frequência as suas missões, tentando construir naquele arraial um lugar de estabilidade e paz, remediando o abandono em que aquele povo se encontrava. Com essas posturas, Padre Cicero logo adquiriu o carisma daquele grupo de pessoas “alcançou assim, renome de varão piedoso, de padre dedicadíssimo as ovelhas, de pai dos pobres, de conselheiro e protetor dos desvalidos, que o envolvia numa aréola de quase-santidade” (QUEIROZ, 2003. p, 254).

Aqueles que acompanhavam seus conselhos carregados de certa cultura e conhecimentos mais elevados daqueles do meio, conseguiram desenvolver melhorias. O avanço do povoado pode ser explicado a ordem e disciplina pregadas por Padre Cícero, esses elementos foram os pilares para a prosperidade daqueles que o rodeavam.

Apesar desse exercer uma autoridade sobre essas pessoas, de ser respeitado e seguido por suas ideias de ordem e disciplina, Padre Cícero, não era ainda “santo”. “As relações que reciprocamente se instalaram eram de tipo paternal: à obediência e acatamento dos romeiros, o Padre Cicero correspondia com proteção e amparo”.⁴³ Logo um conjunto de “milagres” veio fazer Padre Cicero a passar de “homem extraordinário” para “santo”. Especificamente o milagre de Maria de Araújo quando sentiu na boca a hóstia se transformar em sague. Esse acontecimento foi entendido pelos seus adeptos uma maneira de Deus indicar a santidade de Padre

⁴³QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de 2003. Op. Cit p, 255.

Cícero. Entretanto esse milagre não foi reconhecido pela a Igreja Católica, sendo proibido de exercer suas funções clericais. No entanto, essas restrições não impediram as crenças do povo com o Padre Cícero, os seus adeptos continuaram surgindo, e assim aumentando o número de féis. E Juazeiro continuou a crescer, pois todos queriam está perto do Padre.

Com o crescer da cidade, em sua segunda fase, tornou-se cada vez mais difícil à vigilância direta do Padrinho; teria sido necessário estabelecer um policiamento de fato, mas estrutura social girando em torno dele e de suas interpretações, impedia uma reorganização frutífera. O “Padrinho” continuava querendo exercer o mesmo mando que anteriormente, pessoalmente ou através de seus lugar-tenentes, e Juazeiro então se relevava uma cidade despolicuada: “matava-se em plana via pública e o criminoso continuava a sua vida normal, como se houvesse simplesmente morto um cão”.⁴⁴

Com isso, o cenário “sagrado” em Juazeiro se perpetuou da primeira à última fase da vida de Padre Cícero e deu espaço ao aparecimento de várias manifestações religiosas entre o povo. “[...] formavam-se companhias de penitentes que iam cantar o rosário das almas do purgatório à meia-noite no cemitério, tão numerosos que as vezes havia mais de seiscentos homens cantando e disciplinando-se aos pés dos cruzeiros existentes na serra do horto”⁴⁵.

Com o advento e aumento dessas manifestações religiosas, principalmente com a romarias para ver Padre Cícero, muitos sertanejos fizeram fluir o desenvolvimento econômico e social de Juazeiro do Norte, dando uma outra configuração para a cidade. É nesse momento, de romarias e persignaões que aparecera a figura de outro personagem histórico importante nesse estudo; o beato José Lourenço que mais adiante se tornaria o líder da comunidade caldeirão.

1.3.1 Comunidade Caldeirão (1926-1936): o “Novo mundo”

No período de 1891 e 1892, com o crescimento constante das romarias para Juazeiro do Norte pós o acontecimento do milagre da beata Maria de Araújo, fez aparecer uma expressiva manifestação religiosa: o catolicismo popular, através da figura de Padre Cícero. E foi em meio a essas miniestações que José Lourenço

⁴⁴ Ibidem., p 263.

⁴⁵Ibidem., p 265.

Gomes da Silva, ao chegar a Juazeiro se viu intensamente influenciado pela a figura de Pe. Cícero e pelo o catolicismo popular em Juazeiro.

É nesse tempo que Lourenço receberá fortes influencias das prédicas de Pe. Cícero e do convívio com importantes figuras do lugar: beatos, beatas, penitentes e romeiros. Vivenciará uma espécie de “educação religiosa” no cotidiano impregnado de religiosidade do Juazeiro de então. É a época da polemica causada pelo os fenômenos ocorridos com a beata. À margem das discussões teológicas da hierarquia católica, o povo interpretava os fatos à sua maneira. Na mentalidade popular, Deus havia escolhido Juazeiro para ser o centro de salvação da humanidade mergulhada em pecados. A visão apocalítica do mundo marcava a presença em cada canto do fervoroso Juazeiro. O sangue derramado pela a boca da beata era enxugado com pequenas toalhas, que eram colocadas dentro de uma urna de vidro e exposta ao público no altar de Nossa senhora das Dores [] para os romeiros, a veneração da urna e de seu conteúdo sagrado tinha prioridade sobre as práticas litúrgicas regulares do catolicismo [...] não só os pobres, mas os ricos “ Terra Santa” na esperança de resolverem problemas dos mais variados tipos” (RAMOS. p. 041. 1991)

Imerso em meio a esse ambiente fortemente carregado por essas manifestações, José Lourenço deu início a sua vida religiosa de beato, tendo o Pe. Cícero como o seu líder espiritual, e dele “recebe os ensinamentos das homilias do virtuoso sacerdote e incorpora-os na sua maneira de sentir, pensar e agir. Afinal era um padre diferente dos outros, era um padre próximo ao seu povo”⁴⁶. José Lourenço, na comunidade Baixa Dantas deu início as suas práticas agrícolas na condição de arrendatário. Por ter se apresentado como um sujeito caridoso para aquelas pessoas naquele contexto, fez com que muitas dessas passassem a morar no sitio e desenvolvessem um trabalho corporativo em que essas famílias de camponeses se manterem do cultivo da terra. Era o início de uma comunidade pequena de camponeses. Depois de morar algum tempo em Baixa Dantas, José Lourenço resolveu deixar a ordem de Penitentes⁴⁷ e se tornando um beato⁴⁸.

Mesmo tendo deixado a ordem dos penitentes, José Lourenço na posição de Beato continuou seus trabalhos na comunidade em Baixa Dantas. “Nas redondezas, é admirado por ser muito caridoso e trabalhador. Inspirado nos ensinamentos de Pe. Cícero, o beato José Lourenço, ao acolher despossuídos no sitio onde trabalha, vai

⁴⁶ RAMOS, Francisco Regis Lopes. Op Cit., p.42.

⁴⁷ As ordens de penitentes são grupo de religiosos formados por populares do Nordeste agrário com direção de um líder espiritual chamado Decurião. Os penitentes se reúnem em grupos para se martirizar nos cemitérios e estradas em certas épocas do ano. Ver; RAMOS. p, 44. 1991).

⁴⁸ Os beatos e as beats eram pessoas que se dedicavam à propaganda da fé católica. Tinham uma vida dedicada à oração e à caridade. Poderiam ter ou não um reconhecimento de algum sacerdote. Ver; RAMOS. Op., cit., p.45. 1991).

começando a desempenhar um papel de líder espiritual” José Lourenço, ao acolher despossuídos no sítio onde trabalhou, foi começando a desempenhar um papel de líder espiritual”⁴⁹.

Diante de alguns enteveres como o episódio do “boi santo”⁵⁰ em Baixa Dantas, José Lourenço se viu obrigado a deixar a comunidade. Ao sair de prisão a pedido do Pe. Cícero, José Lourenço ficou impossibilitado de continuar suas atividades no sítio, diante de tal fato, o Beato pediu ao Pe. Cícero terras para continuar seu trabalho, o local escolhido pelo o sacerdote para o reinício do trabalho comunitário interrompido em Baixa Dantas era conhecido pelo o nome “caldeirão dos jesuítas”. Entretanto, é importante evidenciar que a pose jurídica das terras ainda pertencia ao Pe. Cícero, José Lourenço, apenas tinha o direito das coisas produzidas na comunidade.

No ano de 1926, nas terras do sacerdote, José Lourenço juntamente com alguns camponeses começaram o trabalho com o trato do solo com o cultivo da plantaço alimentos. A maneira como se estruturou e se organizou a comunidade caldeirão partiu de dois princípios; trabalho e oraço. As oraço na maioria das vezes eram as mesmas ensinadas pela a Igreja Oficial, o trabalho era comunitário e a produço distribuída igualmente entre todos, de acordo com a necessidade de cada um. Inicialmente caldeirão só desenvolveu atividades agrícolas, mas foi com a chegada de mais pessoas que os trabalhos foram se diversificando “entre os sertanejos agricultores chegam pedreiros, carpinteiros, ferreiros, pessoas entendidas na fabricaço de flandre 9 copo, panelas, baldes etc”⁵¹

Com o intuito de proporcionar uma maior assistêcia religiosa, chegou como convidado do Beato um mestre de obras com o intuito de criar uma capela na comunidade para a realizaço de missas, batizados e casamentos. Com o desenvolvimento de diferentes atividades caldeirão desenvolveu uma organizaço socioeconômica avessa as dos latifúndios. De modo corporativo “a produço era dividida, todos recebiam o que fosse necessário para sobreviver” ,⁵² esse modelo de

⁴⁹Ibid., p. 45.

⁵⁰ O caso do “boi santo” ocorreu quando o Pe. Cícero entregou um boi a José Lourenço cuidar no sítio, diante desse episódio saíram várias notícias que os moradores praticavam fanatismo com o animal. Esse fato logo chegou ao conhecimento de lideranças políticas. O aliado político do padre Cícero, Floro Bartolomeu da Costa, não tolerava qualquer tipo de manifestaço que envolvesse o fanatismo. Ao saber desse fato mandou prender o beato e matar o boi e distribuir a sua carne para a populaço.

⁵¹ ⁵¹ RAMOS, Francisco Regis Lopes. Op, cit., p. 63.

⁵² RAMOS, Francisco Regis Lopes. Op, cit., p. 65.

organização esteve fortemente a questão da religiosidade, “ os seguidores de José Lourenço eram unidos havia cooperativismo, solidariedade. Afinal todos viam o mundo pelo o sistema simbólico: O catolicismo popular”⁵³. O trabalho era considerado como um sofrimento para o corpo e não para a alma.

A religiosidade reinante na comunidade era importante fator de união de solidariedade, dava motivação para o trabalho, inspirava uma vida em corporativismo de acordo com a fraternidade cristã. O mundo era visto pelas as lentes do religioso, do Sagrado, que regulamentavam os sentimento étnico-morais, os comportamentos. Era da relação dialética entre o trabalho diário e o sentimento religioso que surgia uma comunidade bem organizada para a produção. E produzia. (RAMOS. p, 6. 1991)

Depois da seca de 1932⁵⁴ e a morte de Pe. Cicero em 1934, houve um aumento no número de pessoas que migraram para a comunidade, esse fenômeno em Caldeirão sempre foi presente na comunidade, e nos períodos de seca esse número de sertanejos aumentavam. Diante disso, em 1934, outro elemento fez parte do cotidiano de caldeirão; as romarias. “Suas prédicas não são agora dirigidas apenas para membros da comunidade, mas também para os romeiros”⁵⁵. Logo essas movimentações constantes das romarias chamaram atenção de autoridades que enxergaram isso como um núcleo de “fanáticos”.

As romarias ao Caldeirão surgem, principalmente, por causa das pregações de Severino Tavares pelo os sertões. Enquanto José Lourenço se fixa na comunidade, Severino resolve dar seus ensinamentos fora dela. Severino ia sempre ao Caldeirão, mas permanecia pouco tempo por lá. Um dos principais objetivos de suas prédicas era chamar pessoas para visitarem o Caldeirão. Muitos sertanejos, ao ouvirem suas pregações decidem ir em romaria para esse “lugar de trabalho e oração”. Alguns resolvem ficar no sítio e se engajam no modo de vida cooperativista da comunidade. As predicas de Severino Tavares tiveram, portanto um papel fundamental e muito importante para o crescimento populacional do caldeirão. (RAMOS. p. 66.1991)

Se dizendo como emissário de Pe. Cicero e representante de Zé Lourenço, Severino Tavares, que era conhecido como “Padim Conselheiro”, Beato e andarilho dos sertões, mas que tinha uma relação próxima com caldeirão, conseguiu agregar um grande número de adeptos para comunidade cearese. Em fevereiro de 1938, o Jornal o *Pharol* de Petrolina já mostrava as primeiras mobilizações de Severino

⁵³ RAMOS, Francisco Regis Lopes .Op, cit., p. 66.

⁵⁴ “Durante a seca 1932 no Cariri, [...] o caldeirão acolheu e deu alimento a centenas de sertanejos provenientes do Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e do próprio Ceará. Muitos dos que foram escapar da fome no Caldeirão acabaram ficando por lá mesmo e integrando-se ao regime cooperativista de trabalho na comunidade. Ver; RAMOS. p, 80-81. 1991)

⁵⁵Ibid., p. 85.

Tavares, nas proximidades de Casa Nova-Ba, desencadeando o movimento em Pau de Colher.

Perseguidos pela policia cearense, no anno passado, os fanáticos de Zé Lourenço, que existem aos milhares no interior de Pernambuco, Bahia e Piauí, não se deixaram vencer; os poucos foram se localizando em Pau de Colher, chefiados por Severino Tavares o “espírito santo” e segunda pessoa de Zé Lourenço, o enviado do Padre Cícero para salvar o seu povo, onde se entregavam ás estranhas “práticas” e “penitencias” atrahindo muita gente das vizinhanças⁵⁶

De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz, “Em suas andanças, tinha Severino estado no lugarejo Pau de Colher [...]. Impressionou sobremaneira José Senhorinho; deu-lhe explicações religiosas, tornou-se seu mestre”⁵⁷. Essas explicações religiosas, com princípios voltados a moral cristã, e mensagens apocalípticas foram difundidas por Severino Tavares em suas andanças pelo sertão, o mesmo levava os ensinamentos aprendidos em caldeirão para outras regiões. Foi nesse momento em que percebemos uma ligação entre Caldeirão e Pau de Colher, onde se configurou como figura religiosa do movimento o Pe. Cícero, símbolo de uma religiosidade popular na região do cariri, através de Severino Tavares passou a ter um novo significado de suas pregações, em que fez emergir e fundamentar a manifestação messiânica em Pau de Colher.

Severino ficou hospedado na casa de Senhorinho por alguns dias e com ele estabeleceu uma forte amizade, contando-lhe tudo sobre a experiência que vivera em Caldeirão. Após sua partida, deixou orientações claras para Senhorinho organizar seu povo sob determinadas leis “sagradas” e também o aconselhou a visitar Caldeirão, o que ele fez nos dois anos seguintes, levando gente de sua confiança. Esta experiência foi fundamental para sua formação, moldando os valores, os hábitos, normas, práticas e costumes que viriam a servir como substrato para organização de sua própria comunidade religiosa. (MONTEIRO. p, 61-62. 2010)

Esse afloramento da manifestação religiosa em Pau de Colher, teve como maior inspiração para a sua organização, a comunidade de Caldeirão. Embora esses movimentos tenham essa aproximação no sentido religioso através da figura do padre Cícero, ambos divergiram em determinados pontos que nos faz entender onde um se enquadra no conceito de manifestação do catolicismo popular, e outra no messianismo. Pau de Colher por seguir as pregações de Severino se diferenciou

⁵⁶ 18 O PHAROL, “Fanatismo! Banditismo! Petrolina, 3 de fevereiro de 1938.

⁵⁷ 31 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura.Op Cit., p. 290.

de Caldeirão e as prédicas de José Lourenço, como é perceptível no periódico *O jornal da cidade do Rio de Janeiro* no dia 1 de Fevereiro de 1938.

No trem encontro o antigo diretor da viação bahiana o qual me relata o seguinte: 'Há cerca de dois annos, encontrei numa praça da cidade de capella um grande ajuntamento popular. Procurando investigar do que se tratava, vi ali falando ao povo, o mulato Severino, o qual se dizia 'enviado do beato Lourenço', substituto do Padre Cícero'. Achava-se elle hospedado na fazenda 'Caldeiras', cercado das homenagens e das reverências de centenas de pessoas, muitas delas de condição social superior. O 'beato' Severino revelava aos circumstantes a missão que o levava àquella cidade: a de salvar todos os quantos o quizessem acompanhar.

Prophetizava uma chuva de sangue, que inundaria tudo. Falava com um certo desembaraço, se bem que usasse uma linguagem pobre e malarranjada, revelando a sua quase completa ignorância. Tive a impressão de que o orador mal saberia, talvez, ler e escrever. Dizia o 'beato' Severino que os ricos deveriam dar as suas riquezas aos pobres para encontrar a salvação. Os pobres deveriam todos reunir-se e, em romaria, seguir para junto do 'beato' Lourenço a fim de perseguir o anti-christo. O meu interlocutor adiantou que mandou chamar Severino,prehendendo-o duramente pela sua exploração da credence popular e ameaçando-o de mandar prendê-lo, caso não abandonasse immediatamente a cidade. De facto, o 'beato Severino' desapareceu logo após, dirigindo-se a Casa Nova. Acredita o meu informante que esse mesmo embusteiro tenha organizado o grupo de fanáticos de Colher de Pau⁵⁸

É interessante perceber nesse fragmento do periódico, as pregações de Severino Tavares, apresentam alguns elementos milenaristas, discursos sobre banho de sangue e pregações apocalíticas, e que ele era o caminho para a salvação "Os pobres deveriam todos reunir-se e, em romaria, seguir para junto do 'beato' Lourenço a fim de perseguir o anti-christo."⁵⁹ Através desse documento histórico percebemos a reinterpretação das pregações de Padre Cícero e José Lourenço.

A relação que existiu entre os dois movimentos esteve lidada a figura simbólica de Padre Cícero, que era reforçada através das romarias e do catolicismo popular. Os adeptos de Pau de Colher compartilhavam da crença religiosa em cima do padre. Podemos afirmar, que esse foi um movimento messiânico, oriundo do catolicismo popular forte da região do Cariri. A partir dessa aproximação e do contato com as pregações de Severino Tavares, a referida comunidade foi se formulando, e José Senhorinho, "seguindo as orientações de Severino, fortaleceu

⁵⁸O JORNAL, "Possível infiltração do communismo nas hostes fanáticas do nordeste". Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1938.

⁵⁹ MONTEIRO, Filipe Pinto. Entre terços e "cacetes": **uma nova tentativa de interpretação do movimento messiânico/milenarista de pau de colher** (casa nova, bahia, 1934-1938). Revista *Ágora*, Vitória, n.11, 2010, p.1-34.

sua liderança, distribuiu cargos e tratou de arregimentar seus vizinhos e familiares. As pessoas mais ligadas a ele, fosse por vínculos de parentesco ou amizade, receberam nomes especiais”⁶⁰

Outra diferença entre os dois movimentos, era que em Pau de Colher não tinha como objetivo principal construir uma comunidade desenvolvida como em Caldeirão, lá era somente um local de preparação e transição para o caldeirão, um lugar de passagem, então algumas atividades não foram desenvolvidas como na comunidade de José Lourenço, as casas eram simples com cobertura de palha, sem terem estruturas muito complexas.

Essa ligação entre esses dois movimentos se intensificou ainda mais com a morte de padre Cicero em 1934, em que os membros de Pau de Colher passaram a usar preto como forma de luto. O contato com as romarias e com o Caldeirão fez muitos desses sertanejos irem para Pau de Colher. Como é o caso da família de Pedro da Andreza que tinham terras no Piauí e em uma de suas andanças para Caldeirão e Juazeiro do Norte-Ce voltou para casa com a notícia que ele e sua família iam se mudar para Pau de Colher. Nessa passagem da fala de Andreza da Conceição filha de Pedro da Andreza e sobrevivente do movimento de Pau de Colher, nos afirmou que “em uma ocasião quando ele voltou foi com a conversa que todo mundo tinha que vestir preto, e todo mundo tinha que ir pra lá”⁶¹, deixando de lado as suas terras e cultivos. E de lá, levariam eles e o povo para o Caldeirão, o Novo Mundo onde estariam protegidos por Deus.

As profecias apocalípticas disseminadas por Tavares fez com que as pessoas, vissem em Caldeirão um lugar da salvação, e esse fato, está relacionado com o milagre de Padre Cicero, para muitos, o fato desse milagre era uma manifestação divina que mostravam que Caldeirão seria o local escolhido por Deus para a salvação daquele povo. Na década de 1930, e todo o final do século XX havia também profecias sobre o final dos tempos, essas práticas milenaristas colaboraram também para o aumento de adeptos para Pau de Colher. O movimento, então, se iniciou a partir do contato de Severino com o rezador local Senhorinho, e posterior a isso as pessoas começaram a ir para Pau de Colher.

⁶⁰ MONTEIRO, Filipe Pinto. Op. ,cit, 32

⁶¹ PINTO, Maria Andreza da Conceição. Entrevista concedida a Paulo Lucio Batista. Salvador, 13 Fev. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no anexo desta monografia]

Com isso, esses dois movimentos nos ajudaram a perceber a complexidade de fatores inseridos nessas mobilizações sociorreligiosas. Ao longo das discussões notamos que esses dois movimentos contemplam as noções estabelecidas para pensá-los como movimentos do catolicismo popular e messianismo, pois ambos prestam fundamentações que os colocam no enquadramento conceitual trabalhado anteriormente. Canudos e Juazeiro serviram como uma breve introdução sobre os movimentos sociorreligiosos no nordeste brasileiro, utilizados apenas como ferramenta bibliográfica acerca dessas mobilizações do campo em que inclui um imaginário religioso.

Ajudando-nos a entender alguns aspectos comuns presentes nesses movimentos. Partindo do enquadramento conceitual já discutido, passaremos a um segundo momento, o conflito messiânico no sertão baiano e que tomou proporções atingindo territoriais para além do estado baiano. No do mapa abaixo, apresenta as áreas em que esse conflito atuou diretamente.



Mapa 1 LOCALS DOS CONFLITOS. Fonte: O ESTADO DE S. Paulo. Especial Guerras desconhecidas do Brasil. São Paulo, 19 de dezembro de 2010.

O mapa 1, produzido por uma reportagem especial do Estado de São Paulo, nos ajuda a compreender a localização exata de Pau de Colher, na divisa da Bahia com o Estado do Piauí, nas cidades de Casa Nova- BA, Dom Inocêncio- PI e São Raimundo Nonato-PI. A parte destacada em vermelho indica as localidades atingidas pelo movimento. Já o mapa 2 mostra a localização de Pau de colher e Caldeirão, como também, a distância entre os dois.

MAPA DA REGIÃO DOS CONFLITOS



MAPA 2: A localização do movimento de caldeirão e Pau de Colher. **Fonte:** ROBERTO, Silvio. **Massacre Pau de Colher: Último foco messiânico no Nordeste Brasileiro.** Editora tribuna Evangélica edições e Publicações. Salvador. 2016

Por fim, nesse primeiro momento desse ensaio apresentamos alguns mecanismos que o governo de Vargas utilizou para a legitimação do seu poder, durante o Estado Novo. Por questões teóricas e metodológicas, definimos um espaço para pensar a atuação desse regime durante os seus primeiros dias até a sua institucionalização. O Estado Novo no Piauí, foi marcado por uma série de mecanismos que vão desde a propaganda de seu governo como com medidas repressivas, em que em diferentes situações tentou censurar manifestações que eram vista como opositoras ao regime.

Vimos também na segunda fase desse capítulo, através de um referencial teórico e bibliográfico alguns movimentos sociorreligiosos em diferentes temporalidades, que nos ajudou entender algumas questões com relação ao seu enquadramento conceitual sobre essas manifestações. Então, esse primeiro momento serviu como uma contextualização tanto teórica, quanto a bibliográfica que ajudará na compreensão das próximas fases desse trabalho. Diante disso, passaremos a analisar a relação do Estado Novo com os movimentos considerados de opositoristas a esse regime.

O nosso objeto histórico, nos possibilitou refletir algumas questões; como as medidas oficiais para impedir alguns tipos de manifestações e as argumentações

utilizadas. Esses são uns dos fatores que serão trabalhados no segundo momento desse estudo. Como também a relação do Estado Vargasista com respeito aos movimentos considerados pelo o Estado, uma oposição. Com isso, analisamos especificamente o movimento social na comunidade rural Pau de Colher nos primeiros anos do Estado Novo.

Capítulo 2:

“chega às balas passavam cortando os paus’: Um conflito de violência moral, afetiva, e física”.

Durante muito tempo não se produziu sobre os movimentos messiânicos, para além do período da primeira república, como o que ocorreu com movimento Pau de Colher, que caiu no desconhecimento. Onde as memórias dessas pessoas foram negligenciadas e tudo isso ajudou na produção de um silêncio, de um esquecimento sobre os movimentos no campo de uma forma geral no período de 1938. Tal fato pode estar relacionado às políticas repressivas que essas pessoas sofreram do Estado Vargas. Um regime em que almejava construir uma imagem de passividade e harmonia social, um modelo que se apresentava como aquele que estava dando certo sem conflitos entre povo e governo.

As políticas repressivas por parte do Estado Novo foram dos espaços urbanos aos espaços rurais, era preciso adotar uma política pacificadora e de modernização durante esse período. Por um lado, o Estado elaborava mecanismo certificador do seu poder através das propagandas do governo, e por outro, encobria suas medidas autoritárias. Os anos de 1937 e 1938 iniciaram essa política legitimadora do Estado Novo como melhor modelo de governo, aquele que seria capaz de romper com as estruturas consideradas arcaicas da Primeira República e o combate a ameaça do fantasma do comunismo.

Algumas repressões se embasaram com essas justificativas. Por exemplo, no caso de Pau de Colher, que era divulgado na imprensa como “banditismo” e “fanatismo” foram interpretados pelo o Estado que se fez necessário intervir nos espaços rurais para que esses também acompanhassem essa linha progressista e modernizadora que era mais enfatiza e trabalha no meio urbano. Com isso, era necessário acabar com qualquer manifestação de “desordem”, e que representasse costumes “atrasados” que lembrasse os anos da Primeira República.

Tais termos como; fanatismo, banditismo, desordem, perturbadores e subversivos foram usados para desqualificar o movimento. Pau de Colher, justamente com Caldeirão representavam para uma elite e para o governo como manifestações que reproduzia comportamentos e ações contrários da linha progressista e modernizadora, do regime em 1937 e 1938. Essa linha percorre um modelo de ordem social, e os dois movimentos que tem elementos comuns

correspondiam para esses grupos da alta sociedade como manifestações de “desordem social”. Com isso, o Estado teria que tomar medidas efetivas para conter esse tipo de mobilizações. Na perspectiva desses grupos, os espaços rurais deveriam também entrar nesse ideário de nação que estado tentava instituir. A imprensa nesse sentido ajudou a alimentar esse discurso em que Pau de Colher era uma ameaça à ordem estabelecida.

Os fanaticos de José Lourenço espalham o terror e a morte no município de Casa Nova — A policia toma enérgicas providencias [...] Sabe-se que o território desse longiquo município sanfranciscano está sendo infestado por perigosos fanaticos do beato Lourenço, que percorrem as povoações desprotegidas, saqueando e assassinado, como aconteceu na povoação de Pau de Colher, onde perdeu a vida o fazendeiro José Rodrigues de Souza e dois primos seus, além de outras pessoas.⁶²

FANATICOS E CEARENSES LEVAM TERROR AO ARRAIAL DE PAU DE COLHER

[...] Innumeros fanaticos do beato Lourenço, do Ceará, percorrem o municipio saqueando e matando, tendo assassinado na povoação de Páu de Colher, o fazendeiro José Rodrigues de Souza e dois primos seus, além de outras pessôas.⁶³

Os termos usados nos periódicos e a maneira como foram divulgadas essas notícias colaboraram para um criar tensões em outros espaços. As cidades vizinhas temiam ser atacadas. Logo, esses discursos presentes nos jornais, faziam parte também do discurso policial, no qual a polícia nesses casos se apresenta como ferramenta responsável pela volta da “organização”. E essa volta da “ordem” é justamente “desorganizar” o ajuntamento, ou esse tipo de manifestação como o caso de Pau de Colher.

Uma coisa é certa: os governos autoritários (conservadores) e as classes privilegiadas não querem a existência de ajuntamentos de pessoas promovidas por lideres populares. Para estes ajustamentos, a ordem é desorganiza-los. Na visão de alguns segmentos sociais, para que a ordem social exista é necessário “desjuntar” as pessoas, prender ou matar o líder. Em síntese a ordem é desorganizar o movimento popular, seja pela a prisão, ou morte do líder, seja pela dispersão (por meio de dominação física e/ou ideológica) do povo que estava organizado. (LOPES, 1991.p, 130-131)

É interessante perceber que Pau de Colher como “perigoso à ordem” ocorreu, portanto de uma série de fatores e acontecimentos que esse movimento tomou. Inicialmente, Pau de Colher era apenas um lugar de preparação para a ida a Caldeirão, em que tinha como Líder José Senhorinho influenciado por Severino

⁶² O Imparcial. Bahia, 14 de Janeiro de 1938.

⁶³ Estado da Bahia. Salvador, 10 de Janeiro de 1938.

Tavares, e essa organização manteve Pau de Colher por muito tempo apenas por viés religioso, sendo um lugar de oração e preparação para o Mundo Novo. As primeiras manifestações religiosas foram as que Severino Tavares (Conselheiro) ao sair de Pau de Colher deixou, essas as leis que deviam ser seguidas tanto por Senhorinho quanto pelo o povo.

“O Senhorinho toda vida foi rezadeiro. Tinha reza, tinha festejo. Ele sabia todas as rezas. Curava o povo com as rezas. Não ele, a mãe dele. Ela rezava o mês de maio todinho” (Josefa Passarinha, São Gonçalo, outubro de 1987).⁶⁴

Quando ele foi embora, todos nós que estivemos com o Conselheiro fiquemos todos naquela lembrança dele. [...] Foi em 1932 que passou, e assucedeu em 1937. Aí aquele pessoal já sabia que era da lei do Conselheiro, aquele pessoal era o pessoal do Conselheiro. [...] Os que quisesse ser da linha entrava. [...] Isso foi depois de 1932. Assim, pra aquela era de 35 por diante eles começaram a frequentar. Começaram essa romaria lá. Ia pra lá, ficava frequentando mas voltava. Eles iam para aquelas oportunidades, passava um dia, passava dois, lá com o Senhorinho, o Senhorinho arrebanhando eles, e eles ficaram naquele movimento. [...]” (Francelino, Borda, maio de 1988).⁶⁵

Entretanto, com o conflito entre a polícia e comunidade caldeirão em 1937 em que causara o fim da comunidade e com a morte de Severino Tavares em maio na Mata dos cavalos, iniciou-se uma migração com os remanescentes de caldeirão para Pau de Colher, e com isso, formou-se um novo cenário na comunidade. Nesse momento, apareceu outro personagem; Quinzeiro que também se dizia ser um beato e passou a tomar a liderança do movimento, foi a partir desse momento em que começaram as ações violentas tanto na comunidade como nas fazendas vizinhas. Quinzeiro, juntamente com Ângelo Cabaça passaram a desencadear uma série de invasões nas regiões vizinhas a Pau de Colher.

O Senhorinho quase não fazia nada não, aqui o terrível foi o que chegou, era o Quinzeiro, que ele chegou rezando aí por dentro da caatinga e procurou

⁶⁴ Entrevista com Josefa Passarinha realizada por Cristina Pompa em 1987. POMPA, Maria Cristina. **Memórias do fim do mundo**: o movimento Pau de Colher. REVISTA USP, São Paulo, n.82, p. 68-87, junho/agosto 2009. P-73

⁶⁵ Entrevista com Francinildo realizada por Cristina Pompa em 1987. POMPA, Maria Cristina. **Memórias do fim do mundo**: o movimento Pau de Colher. REVISTA USP, São Paulo, n.82, p. 68-87, junho/agosto 2009. P-73.

a casa do Senhorinho pra todo mundo tomar a benção a ele⁶⁶

Diante das discordâncias presentes nos depoimentos, há uma dificuldade em compreender efetivamente as razões pelo quais houveram esses ataques as fazendas vizinhas e a mudança de comportamentos dos adeptos de Pau de Colher. À vista disso, a busca por alimentos devido ao aumento populacional na comunidade, como também, uma autodefesa com relação à polícia que já tinha tomando atitudes em caldeirão, ou evangelização forçada com os “incrédulos” (pessoas que não faziam parte do movimento) podem ser possibilidades para pensar como causas motivadoras para execução dessas ações.

Essas poderiam estar também vinculadas a um desejo de vingança pelo fim de Caldeirão, bem como uma tentativa de criar um novo ajuntamento mais complexo como o de José Lourenço. Isso se deu porque a comunidade Pau de Colher era pequena, e não possibilitava um a criação de algo maior, tal característica pode ser pensada como uma causa das invasões nas fazendas vizinhas. Em janeiro de 1938, com as expedições com o empenho de tentar converter pessoas para Pau de Colher, essas missões acabaram acarretando em conflitos entre os adeptos do grupo com fazendeiros e pessoas vizinhas a localidade.

No dia 4 de janeiro de 1938, os seguidores de Pau de Colher, invadiram fazendas na Bahia, sendo morto o fazendeiro José Rodrigues de Sousa (Zé da Barra), entre outros. Os integrantes do grupo Pau de Colher, através desse primeiro embate passam a ser conhecidos como “caceteiros” por usar cacetes de pau como elemento simbólico religioso e também como arma durante os enfrentamentos. No dia 8 de janeiro do mesmo ano, o grupo de Pau de Colher seguiu rumo à fazenda Olho d’água no município de São Raimundo Nonato, e lá, travaram um conflito com Janjão. Algumas fontes e depoimentos, dizem que no caso desse conflito, ocorreu pelo o fato de Janjão ser inimigo de Ângelo Cabaça, o mentor desse ataque.

Tais acontecimentos geraram as notícias dos violentos ataques e agressões das pessoas que foram mortas a cacetadas, causando inquietação e pânico na região de Casa Nova, São Raimundo Nonato, Remanso, Afrânio e em localidades próximas a Pau de Colher. Logo essa série de acontecimentos chamou atenção das

⁶⁶ Entrevista gravada com Militão durante as filmagens do documentário Massacre de Pau de Colher: últimas memórias

autoridades locais, que de imediato pediram reforço policial para conter esses embates dos estados da Bahia e do Piauí.

PERTUBAÇÃO DA ORDEM NO SUL DO ESTADO

Sua excellencia, O Sr, interventor Federal a proposito da invasão de municípios do Sul do Estado, por bandoleiros do Beato José Lourenço, recebeu os telegramas que se seguem do bando criminoso, dirigindo-se, para corroborar tal objectivo, ao Exmo. Sr. Interventor do Estado da Bahia, unidade attiginda , por sua vez pelo bandidos em armas, conforme ainda o telegrama do Interventor piauhyense ao seu colega baiano e que também publicamos.

Eis os despachos a que nos referimos:

SÃO JOÃO DO PAUHY, 8. Interventor Federal --- Teresina
Consta, com visto de verdade, a incurso de uma orda de bandidos que se encontra no logar de Cacimbas, distante 20 leguas desta cidade, praticando alli massacres na população. Ignoram-se a procedência e o destino da mesma, sendo esta cidade a localidade mais próxima de Cacimbas. Além da insufieincia da força, a munição do destacamento não atinge a em cartuchos. População alarmada. Peço urgentemente providencias para garantia da cidade e seu município. Saudações. a) Raymundo Pereira, Prefeito.

SÃO RAIMUNDO NONATO, 8. Sr, Interventor Federal ---- Teresina.

Bandoleiros já invadiram o município de São Raymundo Nonato, sabendo-se que em sua trajetória já mataram doze pessôas, sendo duas naquele município. Pretendo seguir para São Raymundo Nonato em caminhão que chegará aqui amanhã. Rogo de Vossa Excellencia autorização de levar o inimigo o destacamento desta cidade e também ordem para o Tenente Mendes contractar homens para o seviço de defesa até que venha força dessa capital. Saudações a) Ascendinno Pinto, Inspector Fiscal.⁶⁷

Com isso, no dia dez de Janeiro, aconteceu à primeira expedição militar em Casa Nova para combater Pau de Colher, essa volante contou com o apoio de fazendeiros locais que ofereceram aos policiais e alguns civis animais, armas munições e mantimentos. Essa primeira brigada foi em sentido a comunidade e deram alguns tiros acreditando que esses eram suficientes para reprimir o movimento, em sentido a propriedade de José Senhorinho, a expedição se dividiu em três em três grupos, então o Cabo Vieira ao se aproximar na comunidade ordenou que as pessoas se rendessem, mas não houve nenhum tipo de reação e o silencio permaneceu até o momento em Vieira começou atirar na tentativa de intimidá-los. Esse rompimento se deu com um contra-ataque dos homens de Pau de Colher usando cacetes contra a expedição militar. Conforme no relato de Maria Andreza da Conceição Pinto, em que mostra os momentos dos embates.

⁶⁷ Diário Oficial do Estado do Piauí. Nº 7, Teresina, 11 de janeiro de 1938.

Quando é um dia, um dia de manhã, a gente viu foi uns tiros, atiravam pra gente né, e ai deu uns tiros e matou pouca gente nesse dia e foram embora, ai passamos mais uns três dias que eles estavam fazendo aquilo pra ver se a gente sai e ia embora, mas ninguém saio, ai vieram e fizeram a mesma coisa, matou um pessoal lá, e se jogaram na mata. No terceiro dia foi chumbo, foi de manhã, meio dia e de noite, três dias seguidos, até de noite eles atiravam, a gente esperava que sessasse. (Maria Andreza da Conceição Pinto)⁶⁸

Nesse primeiro confronto morreu o beato José Senhorinho e alguns membros importantes para a comunidade e deixando várias pessoas feridas. E entre os militares foram mortos o Cabo Vieira e alguns civis. Diante do fracasso da primeira expedição, a tropa se retirou. Pós esse embate, no dia 14 de Janeiro de 1938, a fazenda lagoinha no estado do Piauí foi ataca e foram mortos duas pessoas de Pau de Colher, mais um fazendeiro.

No dia 15 de Janeiro, a guarnição do Piauí se envolveu em um embate em Pau de Colher e deixou um soldado morto. Essa expedição foi logo surpreendida sendo “enfrentados pelos membros antes mesmo de atingirem Pau de Colher. Esta reação surpresa levou a força policial piauiense a debandar pela caatinga”⁶⁹. Com o fracasso dessa segunda expedição os soldados piauienses se recolhem do movimento e adentram a caatinga sendo perseguidos pelos membros do movimento. Na narrativa de Maria Andresa da Conceição Pinto, mostra a estratégia usada pelos integrantes de Pau de Colher para atacar a força policial piauiense que acabou resultando na morte do Soldado João Carneiro.

Ai fizeram uma armadilha, os adolescentes, um bocado de adolescente, fizeram uma armadilha, pra quando ele viesse correndo de lá, e ai caísse no buraco, quando ele tava no buraco, tocaram fogo com ele dentro o buraco. Os meninos tocaram fogo no soldado.⁷⁰

Essa sequência de eventos em que as forças estatais não obtiveram êxitos nas suas expedições gerou um clima de pressão pública dos civis locais pela iniciativa repressiva dos governos, pois os fracassos com as forças policiais fizeram com essas se desestruturassem e assim, criando ainda mais desafetos sobre Pau de Colher.

Nessa situação formou-se um acordo entre os três Estados; Bahia, Piauí e Pernambuco com o intuito de organizar uma operação conjunta sem limites

⁶⁸ PINTO, Maria Andreza da Conceição. Entrevista concedida a Paulo Lucio Batista. Salvador, 13 Fev. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no anexo desta monografia]

⁶⁹ Silva, Francivaldo Mendes da. **Pau de colher**: narrativas de luta e fé no sertão da Bahia. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2008. Recife.

⁷⁰ PINTO, Maria Andreza da Conceição. Entrevista concedida a Paulo Lucio Batista. Salvador, 13 Fev. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no anexo desta monografia]

territoriais a fim de acabar com Pau de Colher. A participação do Estado de Pernambuco ocorreu pelo o fato de que a cidade de Afrânio acreditava que estava sob ameaça de ataques, e em consequência a isso, o Estado de Pernambuco mandou uma expedição com cerca de 90 homens comandada pelo o capitão Opta Guerreiros.

Contribuíram para essa articulação militar as experiências das séries de acordos e convênios interestaduais, assinados entre os Estados do Nordeste no combate ao banditismo. Esses acordos possibilitavam que tropas militares de um Estado ingressassem em territórios para além dos seus limites jurídicos de poder de polícia. O acordo estabelecido para repressão a Pau de Colher não era uma novidade no exercício do poder entre Estados, mas neste caso específico, torna-se revelador de uma prática continuada, intensificada e ampliada pelo Estado Novo, em torno de uma política de controle social construída a partir de uma geografia sem fronteira. Conforme o acordo estabelecido entre os governos de Pernambuco, Bahia e Piauí, a missão da polícia era: “agir energicamente contra todo aquele que tentasse alterar a ordemnaquela região fronteiriça”. (SILVA, 2008. p, 28)

2.1 Conflitos no sertão e a repressão militar

O sertão na perspectiva dos setores militares, da elite e do governo ao longo de diferentes processos históricos sempre foi visto como um lugar do nascimento de movimentos violentos. Uma “terra sem lei, terra de crimes, que se confirmam pelas práticas de violências ligadas a questões da honra, da política e da terra, encobrendo-se as circunstâncias sociais, políticas, econômicas e culturais de insatisfação da população com o mundo a sua volta” ⁷¹ essa produção de uma ordem discursiva já toma uma direção em que coloca o sertão como um palco desses conflitos de subversão a uma ordem dominante, e por isso foram criados termos e noções sobre esses sertanejos para justificar as ações repressivas por parte do Estado. Esse tipo enquadrando dessas manifestações carregadas por estereótipos foram comuns durante os diferentes contextos históricos, tais termos como; “fanáticos”, “perigosos”, “bandoleiros” e “bandidos” geralmente foram usados para justificar a execução da violência por parte do Estado, como é visto por Rui Facó⁷²

⁷¹ Silva, Francivaldo Mendes da. Op., Cit, p, 29.

⁷² FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 9.ed. 1991

Assim se construiu um modelo discursivo em seus relatórios, boletins e depoimentos que justificou suas ações, em que tratava as pessoas como ignorantes e atrasadas. Com isso, a violência policial foi vista com necessária. “O uso de violências que estiveram presentes no cangaço, na política dos coronéis, nos movimentos de religiosidade popular, também fez parte do universo da polícia, através de uma violência legalizada, autorizada e aceita pelas populações e pelo Estado”⁷³. No qual foi construído a ideia de um inimigo comum, no caso de Pau de Colher eram os “caceteiros” termo usado para caracterizar as pessoas da comunidade e que representavam opositores a ordem estabelecida no Estado Novo.

O nome se deu porque essas pessoas tinham cacetes⁷⁴ que usaram nas suas expedições de catequização e nos conflitos com as invasões nas fazendas. Era ao mesmo tempo um objeto que possuía um significado religioso, mas que também foi usado como arma. O cacete representava uma simbologia de algo sagrado, que significava proteção e a revelação de uma nova ordem (ordem divina). Aqueles que resistiram contra as forças policiais com cacetes acreditavam que estavam garantindo a salvação eterna “prometida por padre Cícero⁷⁵”. Dessa forma, “De significado sagrado passou a símbolo de rebelião, rebeldia e desordem, produto de um campo de relações tensas em que das suas marcas forjaram-se estigmas sobre os comportamentos do povo de Pau de Colher.”



Figura 1: Cacete marcado com cruzes. Fonte: OLIVEIRA, Ruy Bruno Bacelar de. *De Caldeirão a Pau de Colher: a guerra dos caceteiros*. Vitória da Conquista, 1998.

Na medida em que fortaleceu a repressão com as forças policiais dos três estados, as estratégias argumentativas para ação da violência também se intensificaram permitindo o impedimento do avanço da comunidade, tal coerção representava o sucesso e a efetividade de um Estado autoritarista. Assim, ao

⁷³ Ibidem, p, 40.

⁷⁴ Eles portavam cacetes de madeira com uma cruz marcada: eram esses os símbolos e os meios da justiça da nova vida que o grupo pretendia fundar. Daí o nome com o qual os membros do grupo de Pau de Colher passaram a ser chamados e que os identifica ainda hoje na região: “caceteiros”. Ver POMPA, p, 78.

⁷⁵ É importante frisar que padre Cícero não garantiu salvação eterna através dos cacetes, esse foi mais uma resignificação das suas práticas presentes em Pau de Colher, os líderes religiosos da comunidade que atribuíram esse significado aos cacetes como algo sagrado.

construir uma ideia de que os membros de Pau de Colher eram inimigos da ordem, a força policial conseguiu o apoio dos civis e fazendeiros locais que também tinham interesses em pôr fim à comunidade. Esse apoio se deu em diferentes formas, principalmente com relação às orientações geográficas da localização da comunidade. Essa ajuda dos fazendeiros comerciantes e políticos certificou que esses setores da sociedade também eram interessados em acabar com Pau de Colher.

Com a chegada da Tropa de Opta Guerreiro e com o forte poder bélico, dos dias 19 a 21 de Janeiro, marcou o momento mais sangrento do conflito, nos boletins policiais contabilizam um número de 400 pessoas mortas. A ação surpresa e uma grande força bélica da polícia garantiu a vitória sobre os membros de Pau de Colher que resistiam com cacetes e espingardas velhas. Mesmo já sendo vencidos ainda sofreram mais quando o capitão Opta Guerreiro continuou com os disparos, o mesmo afirmava que as pessoas de Pau de Colher representavam uma ameaça e por conta disso, se fez necessário elimina-los.

Essas indicações apontam, mais uma vez, para as desigualdades do poder bélico e discursivo que se tenta imprimir como um campo policial aceitável socialmente. Embora Pau de Colher estivesse completamente destruído, as forças policiais do Piauí, Bahia e Pernambuco deram continuidade com uma ação de vasculhamento pelas regiões em uma acirrada perseguição aos fugitivos. Esse episódio tomou rumos bastante controvertidos em meio aos acontecimentos. Maurino Cezimbra Tavares, capitão do Esquadrão Motorizado da Bahia, chegou a Pau de Colher logo após sua destruição, no dia vinte e um de Janeiro, iniciando logo em seguida serviços de vasculhamento em que relata a prisão de crianças e mulheres indefesas. (SILVA, 2008. p, 38-39)

Nos relatos de Maria Andreza da Conceição Pinto⁷⁶, guarda ainda lembranças do tiroteio da polícia de Pernambuco, em que mesma conta que a sua mãe, os seus irmãos e suas irmãs foram atingidos pelas balas dos policiais pernambucanos, a mesma relata ainda como conseguiu sair viva do embate.

- Um dia de noite quando sessou foi quando eles gritavam; olhe se vocês não saírem daí, eu vou matar vocês todos. Quando falou assim todo mundo saiu, no outro dia não tinha mais nada, só um bocado de gente morta né, e o resto tinha ido. - o lugar onde eu fiquei escondida três dias, foi bom, foi num pé de umbuzeiro, com uma raiz assim e dentro da raiz era oco né, eu fiquei ali, três dias, por isso eu bala não me pegou, fiquei três dias seguidos naquele tronco de umbuzeiro sem

⁷⁶ PINTO, Maria Andreza da Conceição. Entrevista concedida a Paulo Lucio Batista. Salvador, 13 Fev. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no anexo desta monografia]

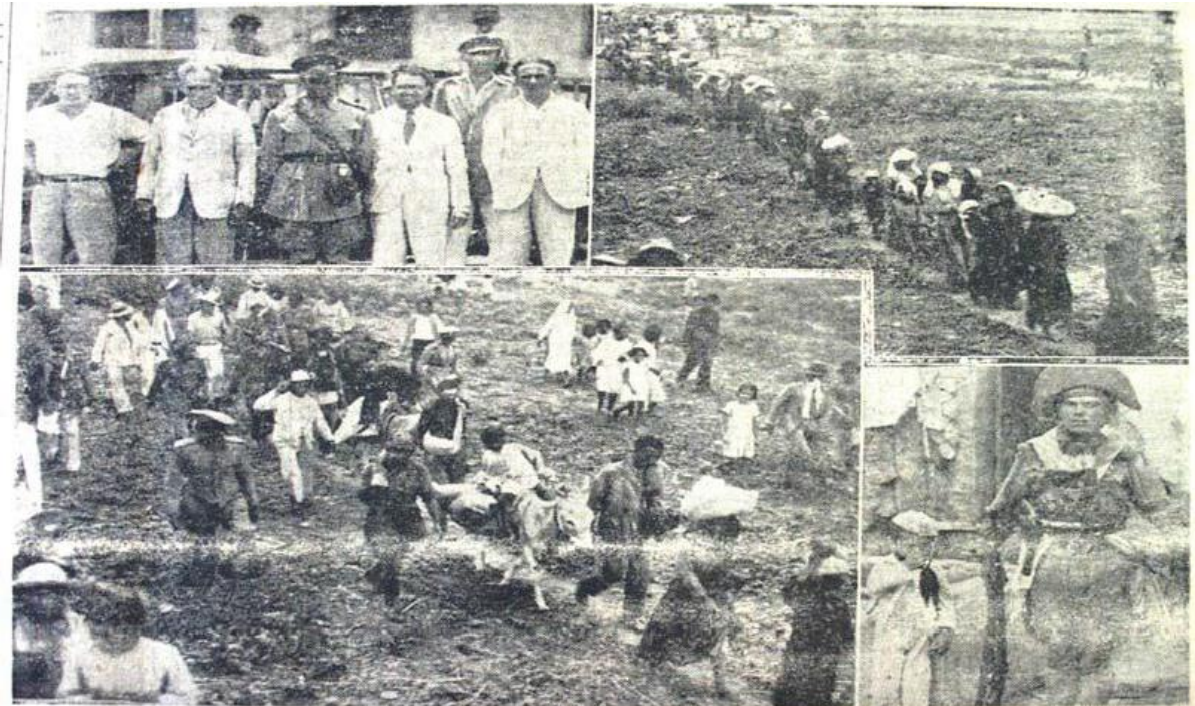
comer, nem beber. - na hora que eu cheguei, eu pelejei, ela tava no tronco (uma mulher), eu pelejei pra puxar ela, mas não podia porque eu era pequena né. Ai veio um casal junto de mim, agarrou nas pernas dela, puxou, botou ela em um canto e eu me apossei daquele lugar e não sai. - na hora que começou, eu tava com uma irmã pequenininha, nem andava só fazia engatilhar, ai quando começou eu segurei ela, e ela querendo se soltar de mim, distante eu vi outra irmã maior do que eu, ai foi quando eu cheguei e passei pra ela que era maior e podia olhar a menina. E eu fiquei naqueles três dias naquele pé de umbu. - Ai eles pararam pra recarregar as armas ai foi quando eu sai, eu encontrei dois irmãos mortos, o outro tava vivo, mas tava com fome, sede e nem se mexia, era menor que do que eu. E a minha mãe do 1º dia eu encontrei ela morta com uma bala passada nas costas, foi no 1º dia. [...] Teve uma irmã minha, do meu tamanho, tomou tiro aqui, saio cá, tomou um tiro no braço eu consegui pegar um pano, enroli o pano lá, e consegui salvar ela. Peguei e levei pra uma irmã maior do que eu, tava num distancia como daqui acolá, naquele muro. Ai levaram ela pra lá (casa do senhorinho). (Maria Andreza da Conceição Pinto).

Com o fim no embate em Pau de Colher, os sobreviventes foram levados para Casa Nova e de lá pegaram o Vapor rumo a Juazeiro do Bahia. Algumas crianças foram adotadas por famílias em Casa Nova, já outras foram para Salvador para a Escola de Menores e para adoção. Logo aqueles considerados liderem ou pessoas importantes do movimento foram presas. Ao perguntar D. Andresa sobre o que ocorreu com ela no final do conflito, ela nos relata:

-Eles disseram os mais velhos vão dar banhos nos menores, mandaram uma vestimenta para aquela meninada toda ne que ainda que tava sujo de sangue ainda, ai mandaram aquelas roupas ai disseram os irmão mais velhos dar banho nos mais novos, as mães que tiverem filhos, e fez assim. - a gente ficava numa escola ne, então nessa escola tinha divisões, o lugar onde botava os mais velhos, que era onde meu pai ficava lá, os meninos, as meninas. E então toda vez que pra eu ver meu pai ia pra porta pra poder ver passar pra o banheiro, que ia pra o banheiro passava por ali, eu passava o dia quase todo ali na porta pra ver meu pai passar pra ver ele. -Foi ai eles deram banhos, os mais velhos nos mais novos, e todo mundo vai viajar, e disse que todo mundo ia voltar pra nossa terra, nosso lugar, so que não foi, aí a minha irmã veio me deu banho, deu banho em outra irmã mais moça do que eu e quando foi no outro dia assim cedinho fomos uma viagem, ficamos alegres pensando que ia embora né, mas só que não ia embora, ia viajar pra Salvador. (Maria Andreza da Conceição Pinto, 2019).

Nas imagens é possível identificar o momento em que as pessoas de Pau de Colher chegaram a Casa Nova, vendo um número crianças acompanhada pelos soldados. Em uma das imagens, na qual as pessoas estão em fileiras, vemos os integrantes do movimento todos vestidos de roupas escuras, supostamente pretas, a cor era usada pelos adeptos do movimento. Já em outra a descrição do Jornal afirma ser os prisioneiros do movimento acompanhados por soldados, e

todos os homens. Outro fator é a maneira como o jornal descrevem essas pessoas, com termo pejorativo, caracterizando-os como fanáticos um dos principais termos usados para justificar a violência e ação repressiva usada pelos policiais e o Estado Novo.



NO ALTO: o tenente Zacharias, commandante da Cia. de Fuzileiros e o nosso representante, na Fazenda Águas Bellas, no caminho da Serra do Campo Alegre. Um grupo de fanaticos prisioneiros, entrando em Casa Nova. EM BAIXO: fanaticos presos, entrando em Casa Nova, vendo-se à cavallo Pedro Costa, irmão de José Camillo, ferido num combate e um menor fanatico em companhia do soldado Miguel, coiteiro da Cia. de Fuzileiros

Pau de Colher um pequeno Canudos

Uma tragica coincidência — Negando Euclides da Cunha — Homens trabalhadores transformados em feras — Siphorinho, o “São José” e sua mulher a “Santa Cruz” — As primeiras victimas —
A insanía se transforma em tragedia

Figura 2: Jornal Estado da Bahia. “No ALTO: o tenente Zacharias, commandante da Cia. de Fuzileiros e o nosso representante, na Fazenda Águas Bellas, no caminho da Serra do Campo Alegre. Um grupo de fanaticos prisioneiros, entrando em Casa Nova. EM BAIXO: fanaticos presos, entrando em Casa Nova, vendo-se à cavallo Pedro Costa, irmão de José Camillo, ferido num combate e um menor fanatico em companhia do soldado Miguel, coiteiro da Cia. De Fuzileiros”. Fonte: Jornal Estado da Bahia. 22 de Fevereiro de 1938.

2.2 O ataque como justificativa da salvação: violência e repressão no espaço rural

Em defesa da ordem e com a justificativa de que era necessário tirar aquelas pessoas de Pau de Colher e trazê-las para o espaço urbano para que essas civilizassem e se salvasse da barbárie e selvageria presentes no sertão, o governo estadonovista juntamente com a polícia atuou com medidas violentas e repressivas na comunidade. O Estado tirou essas pessoas de Pau de Colher e recuperaram a “ordem”. Nesse sentido, as ações do Estado Novo se enraizavam nessa perspectiva

de controle social desses diferentes grupos e manifestações sociais. O controle da marginalidade fez esse regime adotar um mecanismo em que a polícia se configurou como um aparelho administrativo e de intervenção para a manutenção de uma estrutura e organização social vigente.

Um dos principais objetivos deste órgão – parte integrante do projeto político do Estado era o de bloquear a heterogeneidade de pensamento procurando silenciar aqueles que eram considerados como “potencialmente perigosos”. Apontava-se o suspeito construindo, através da prática repressiva, o conceito de inimigo-objetivo que, real ou imaginário, acabava interferindo na configuração da idéia de crime político. [...] o culto ao Estado Novo, o que menos importava era o “valor da verdade” contido na figuração mítica. Importava sim que o mito fosse tornado verdadeiro e, para tal, havia a necessidade da constatação dos culpados por parte da sociedade de massas. (CARNEIRO, 2005. p, 01)

Ao entendermos a polícia como uma ferramenta repressora do Estado, devemos segundo Carneiro (2005) analisar nos registros policiais com uma extensão repressora do Estado, mas também de repensar as resistências presentes nessas manifestações durante essas medidas autoritárias. Esses registros constituem um discurso institucional que construiu uma determinada lógica que fugiu a própria instituição. Pois “Não se trata de um discurso individualizado, mas de pessoas que falam em nome de uma instituição e que têm seu discurso representado pelas regras que dão sentidos a esta instituição”⁷⁷

Segundo Carneiro (2005), ao usarmos esse tipo de fontes produzidas pela a polícia passamos a trabalhar com vários discursos que apesar de apresentarem estruturas diversas coincidem dentro de um mesmo raciocínio: o discurso da ordem, emitido pelo a força policial; discurso da desordem (o da resistência) enunciado por aqueles que são atingidos por essas ações repressivas. E por fim, discurso colaboracionista (o do delator e da grande imprensa). Os jornais através das suas estratégias argumentativas aparecem como ferramenta que ajudam justificar essas medidas violentas.

Além disso, as produções desse tipo de documentação geralmente passam por um processo de seleção e gerenciamento, no qual existe uma desmontagem no sentido de reconstruir um raciocínio policial que tinha como objetivo comprovar o crime identificado através de ideias e ações sediciosas. Com isso, De acordo com Carneiro (2005) o discurso da ordem toma um tom acusatório ao apontar para o inimigo através de perspectiva negativa, sendo elaboradas através das provas

⁷⁷ Silva, Francivaldo Mendes da. Op., Cit, p, 52.

recolhidas junto aos espaços da sedição. Portanto, diante de tal fardo “quem “monta” a história oficial é a autoridade policial que, com base na observação e na materialização do crime [...] “constrói” realidades “⁷⁸. O discurso da ordem se apresenta como aquele que representa a competência do Estado.

A força pública de Estado porta-se com dignidade e inteiramente á altura de suas responsabilidades. Não tem o meu governo para o soldado piauiense senão palavras de elogio. Muito lhe deve a manutenção da ordem publica, já pelo espirito de disciplina, já pela dedicação com que se entrega ao desempenho de suas funções. Serve de exemplo da eficiência da policia militar a repressão a horda dos fanáticos que vindo dos Estados visinhos incursionaram no território piauiense, município de São Raimundo Nonato, promovendo desordens graves e perturbando a vida daquela região. No extremo sul a presença do crescido número de bandoleiros, perturbando também a ordem publica, foi, graças a ação de nossa policia, prontamente reprimida.⁷⁹

Dessa maneira, segundo Silva (2008), esses registros em que apresentam várias contradições e ambiguidades, mostram que a construção histórica, é resultado de uma produção em que são envolvidos os interesses e as relações de poderes. Com isso, se fez necessário determinar os limites espaciais da instituição policial, com relação a repressão, foi fundamental para entendermos tais eventos em Pau de Colher. Além disso, esses registros (relatórios, boletins, telegramas) mostram os interesses políticos nas produções de sentidos para a quem a polícia tentou silenciar.

A crueldade por parte dos soldados enviados pelos três estados: Bahia, Piauí e Pernambuco, com suas ações repressivas, foram intolerantes a qualquer ato de resistência, suas medidas autoritárias marcaram esse conflito e as memórias das vítimas. A violência por parte das autoridades fez com que a comunidade Pau de Colher passasse a ser um palco de conflitos, com o combate com as forças miliares, o movimento tomou a direção do enfrentamento.

Por isso, coube-nos entender que esses confrontos em torno desse agrupamento de pessoas envolveram questões dentro das barbáries, do

⁷⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **OS ARQUIVOS DA POLÍCIA POLÍTICA BRASILEIRA**: Uma alternativa para os estudos de História do Brasil Contemporâneo. Projeto Integrado Arquivo Público do Estado/USP. São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo_arquivos_policia_politica.pdf. Acessado em: 10/ Jun de 2019.

⁷⁹ RELATÓRIO ANUAL. Departamento do Governo do Estado do PIAUÍ . Relatório. Teresina, 1938. Relatório.

autoritarismo e da violência, sendo bastante comum dentro dessas tensões sociais. No depoimento a seguir conseguimos identificar o quanto violento foram às medidas utilizadas para estancar o crescimento da comunidade Pau de Colher. O relato aponta para a fase final de repressão do Estado, onde não houve qualquer forma de tolerância por parte das forças militares.

A primeira pessoa que encontrei foi minha mãe – tinha levado um tiro na perna, estava morta. Mais tiros. Voltei. Saí novamente do buraco. Encontrei uma irmã e um irmão. Um irmãozinho, o Batista, não sei se estava baleado, deitado, fraco, não aguentava andar. Pelejei, mas não consegui tirar meu irmãozinho. Estava mole, morreu assim. Não sei se morreu com bala nas costas, não deu para ver, ou se de fome ou de sede. Outro irmão, Bernardino, o Dino, levou tiro na cabeça. Meu irmão Neuzinho também morreu de tiro. Minha irmã Madalena, que segurava no colo uma irmã menor, a Joana, estava na casa do Senhorinho quando tocaram fogo. Morreram queimadas. A minha irmã Florisbela foi a única que escapou, e estou procurando ela até hoje.

Minha avó, Andreza, cega, andava de bastão. Aí, quando ouviu tiros, fugiu em direção aos soldados. Foi morta. Nesses três dias de tiroteio, não comia nem bebia. A fome ainda passava. A sede é que era mais difícil de suportar. Fiz xixi numa latinha para acabar com a sede, mas não melhorou. Ninguém chorava. Vi um menino levar bala no rosto.

Quando foi de noite, todo mundo pingando de sangue, um soldado gritou: ‘Se não sair daí a gente mata todo mundo’. O casal que me ajudou a entrar no buraco se levantou. Eu me levantei e fui segurando no vestido da mulher até chegar ao umbuzeiro.

Então, andei por cima, assim, de gente morta. De manhã, apareceram meu pai, a Cipriana e a Belinha. Ficamos ali. ‘Agora, vocês vão mostrar onde tem mais’. Aí juntaram o pessoal em fila, com soldados no meio, como se a gente fosse prisioneiro. Fomos andando para Casa Nova.⁸⁰

As agressões físicas apareceram como uma forma de conter o movimento, e se configuraram como uma ferramenta do aparelho de Estado. O uso da violência em Pau de Colher, também pôde ser entendido para além da questão física, neste sentido, na dimensão moral, pois pessoas vítimas desse massacre ao longo dos acontecimentos foram tarjados por vários estereótipos e enquadrados nas categorias de inimigos da estrutura social predominante.

Desse modo, essas memórias dessas pessoas, juntamente com os vínculos afetivos foram afetadas, os sobreviventes de Pau de Colher sofreram com o efeito de uma violência moral e afetiva, com isso, a crueldade perpassou o meio físico e atingiu o campo simbólico. Compreendemos esse momento com o que Bourdieu

⁸⁰ MARIA ANDREZA DA CONEIÇÃO PINTO. Especial Guerras desconhecidas do Brasil [2010]. São Paulo. Estado de S. Paulo. Entrevista concedida a Leonencio Nossa

(2003) vem chamar de violência simbólica. Diante disso, compreendemos a violência da seguinte forma: “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.”⁸¹ Assim a mesma se configurou tanto de uma forma mais evidente, tal como de uma forma não tão perceptível quanto a física.

A violência simbólica a que foram submetidos também esteve relacionada com a tentativa das produções de sentidos criados sobre esse movimento e da imposição de um silêncio sobre essas pessoas. Notamos essa violência na comunidade Pau de Colher quando os meios oficiais criaram narrativas em torno das vítimas desse massacre, havendo uma tentativa de negar, silenciar a voz dessas pessoas com a construção de narrativas carregadas de estereótipos em cima desses sujeitos.

Perceberemos que essas ações autoritárias e repressivas presente nas tropas policiais para resolver embates, configuram como um elemento fundamental e eficaz o uso da violência que é justificada pelo o Estado, no qual fizeram parte fazendeiros, políticos e alguns civis como um grupo interessado em conter a expansão de Pau de Colher. Entretanto esses grupos de pessoas com militares e o Estado não conseguiram levar o silenciamento dessas memórias e narrativas acerca dos acontecimentos em Pau de Colher. Diante disso, coube-nos analisar a maneira como foram produzidos esses registros identificando as suas intenções e suas produções de sentidos.

CAPITULO 3:

“Só não tive estudo, mas memória Deus me deu”: Narrativas sobre Pau de Colher e o desejo de não esquecer

Neste último momento da discussão, evidenciamos nos debates as memórias das pessoas envolvidas nos confrontos em Pau de Colher, em que diferentes momentos esses buscaram ou buscam produzir sentidos e significados acerca

⁸¹ BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

desse acontecimento histórico. Ao logo dessa parte do texto pensamos algumas problemáticas, tais como; a questão das disputas de memórias para compreensão do movimento Pau de Colher.

A produção do conhecimento histórico, se dar através de disputas sobre a consolidação de narrativas. Nessas, existem relatos que vão instrumentalizar determinados fatos históricos, como também, haverá outras que irão nos fazer repensar algumas noções estabelecidas. É de fato que nesse jogo da construção de um conhecimento historiográfico existem diferentes perspectivas em que cada sujeito quer fazer parte ou dar a sua versão sobre um determinado acontecimento. Assim, as memórias se confundem se entrelaçam e se opõem. Ao fazermos esse exercício de análise sobre essas memórias, no qual colocamos diferentes narrativas sobre um único fato histórico, percebemos que as disputas por consolidação e construção de uma memória coletiva vão apresentar elementos legitimadores sobre um acontecimento.

Com isso, cada sujeito histórico cria seu enredo e sua versão do fato, em que coloca como princípios, os seus interesses particulares. Em seus relatos existem uma seleção da memória a ser construída, isso ocorre tanto de uma forma natural e espontânea como forçada. E é dentro desse processo de construção da narrativa do fato, que percebemos diferentes olhares. Por exemplo; na primeira parte desse estudo, vimos que a chegada do Estado Novo, foi marcada por diferentes elementos produtores para consolidação de um memória oficial do Estado Vargas.

Essa construção de uma memória oficial, se deu negligenciando qualquer tipo de movimento considerado de oposição. E é diante desse fato, de pensar esse regime, que trazemos o conflito em Pau de Colher, apresentando as memórias das pessoas sobre esse acontecimento, entendendo este como uma forma de contraposição a ideia de um Estado estável. Pau de Colher também nos fez pensar a chegada do Estado Novo, especificamente em 1938, como um regime autoritário e repressivo e intolerante a qualquer tipo de manifestação popular contrária ao regime. Possibilitando-nos enxergar e entender em outra perspectiva o Estado Novo, mostrando narrativas subterrâneas. Para isso, utilizamos as memórias desses sujeitos, pensando-as como um instrumento que tem sua função social e política.

Ao longo dessa parte do estudo, passaremos a estudar a memória como uma ferramenta compreensiva. Diante disso, refletimos as memórias em alguns segmentos; a sua função social, os espaços de memórias, os indivíduos como

testemunhas. Esses pontos nos ajudaram pensar também, a maneira como se construiu as memórias sobre o conflito em Pau de Colher e sua busca por reconhecimento nas produções históricas, a fim de dar uma visibilidade a esse acontecimento. Inicialmente pesamos alguns elementos que colaboraram de certo modo para a invisibilidade do conflito em Pau de Colher, e posteriormente, analisamos as memórias das pessoas que vivenciaram ou que de alguma forma tiveram contato com o conflito.

O desejo de memória e reconhecimento deste acontecimento é um elemento comum entre alguns desses sobreviventes. O desejo de não esquecer se tornou uma luta por lembrança como é visto na fala de Gregório, “Eu sabia que alguém viria para cá contar a história do Pau de Colher. Isso foi tudo escondido, gente! Ninguém sabe disso!!! Tenho fé em Deus que essa história vai ficar conhecida”⁸². Houve alguns elementos que podem ser pensados como mecanismo que ajudaram nesse desconhecimento, entre eles; a forma como essas pessoas envolvidas no conflito foram vistas na época. Especificamente nos jornais criando narrativas carregadas de estereótipos. A imprensa na época contribuiu para a produção de discursos e para a construção da opinião pública, pois a imprensa manipula nossas sensações e fez parte do momento histórico, norteador o que se diz sobre o fato.

Nesse fragmento percebemos várias formas de tentativas de construção de sentidos e significados, e para isso, usamos análises com bases nos relatos orais e nos textos jornalísticos, em que cada um toma a sua maneira formas interpretativas de análises sobre os embates em Pau de Colher, em que existem os interesses tanto nos periódicos como nas falas das pessoas envolvidas nos embates.

3.1 Memórias em disputa: A construção dos sentidos

A imprensa através dos jornais foi o meio de comunicação que teve um papel fundamental na divulgação dos acontecimentos e ocupou um lugar de destaque ao noticiar as histórias elaboradas a partir de suas próprias estratégias enunciativas e narrativas carregadas de estereótipos e opiniões sobre as pessoas que faziam parte do movimento. Apesar de se dizerem imparciais e neutros com relação às produções das notícias, o que percebemos em diferentes periódicos foi que ao

⁸² GREGÓRIO M. R. Especial Guerras desconhecidas do Brasil [2010]. São Paulo. Estado de S. Paulo. Entrevista concedida a Leonencio Nossa.

noticiarem sobre os embates em Pau de Colher, tomavam uma posição e ajudavam na formação da opinião pública.

Diante disso, se apresentavam como aqueles que tinham um compromisso com a veracidade dos fatos. A transmissão das notícias nos periódicos desempenhou estratégias argumentativas para pensar ou entender o movimento Pau de Colher e as pessoas do movimento. A forma em que essas notícias foram produzidas passou a privilegiar uma concepção de um grupo social acerca de outro. Isto é, ao nos depararmos com essas notícias temos que primeiro; entender em que grupo social esse jornal foi produzido e a quem interessa os jornais. Visto que apesar de serem vistos como repositores da verdade, é preciso que percebamos que estes são carregados de interesses, já que a imprensa além de participar da história, ajuda a construir concepções, colaborando para a construção de um opinião e a produção homogenia e cristalizada de uma memória social.

Nesse caso é preciso questionar esse tipo de fonte e daí perceber o que ela diz sobre o fato e como essa relata a notícia, em que em muitas das vezes é fomentada por interesses, ideias, valores e comportamentos de um alguém. Pois quem escreve ou fala, tem uma intensão, e devemos percebê-la e questiona-la.

No caso das notícias divulgadas sobre os embates na comunidade Pau de Colher, identificamos uma série de termos pejorativos e com opiniões bem elaboradas ao enxergar esse grupo de pessoas, categorizando-os como fanáticos e bandoleiros. Esse termo fanático, segundo Lopes (1991);

[...] transformou-se numa característica pejorativa das práticas religiosas dos pobres. O fanatismo, atribuído aos despossuídos, tornou-se também uma desculpa para a repressão aos movimentos populares. Fanatismo, na perspectiva das elites, era um atraso cultural que deveria ser combatido em nome da ordem e do progresso. Era uma característica de mentes atrasadas, que, por não racionarem normalmente, eram perigosas ao “bom funcionamento da sociedade”
(LOPES, p, 24. 1991)

Os jornais apresentavam as notícias carregadas por esses estereótipos, reproduzia discussões e gerava opinião para quem lia. Nesse fragmento, analisaremos alguns trechos de periódicos em que agiam dessa forma. No Jornal o Diário da Bahia, classifica-os como bandoleiros e fanáticos.

Recebemos do gabinete do Sr. Secretário da segurança pública para publicar, as seguintes comunicações.

Logo que o sr. Major Secretario da Polícia e Segurança Pública teve conhecimento das incursões que vinham sendo realizadas pela zona nordestina deste Estado os fanáticos do Beato Lourenço tomou as medidas de urgências que a situação exigia enviando tropas para reforço dos destacamentos locais de modo a capitular a resistência aos bandoleiros.

Scientificando de que o grupo se achava em Pau colher, distrito do município de Casa Nova, ordenou ao sr, chefe de polícia que o destacamento desta cidade, embora muito inferior ao bando salteador, seguisse imediatamente para aquele arraial e desse combate aos bandidos.

Logrou o sargento Geraldo Bispo dos Santos, comandante do destacamento a adesão de alguns civis e dirigiu-se, Logo, para o local afim de combater os desordeiros fanáticos em numero de 600 entre homens, mulheres e crianças. Cercando-lhes o acampamento, deu-lhes combate, sendo mortos o chefe do grupo, alcunhado de Senhorinho chefe “beata santa”. Não estava com os seus o famigerado beato Lourenço.

Na refrega, perdeu a polícia um cabo e um soldado .

Mortos os chefes, desorientaram-se os fanáticos e bateram em atabalhoada retirada.

Neste recuo chegaram ao alcance das forças pernambucanas commandadas pelo o tenente Optato, as quaes os cercaram e, dando-lhes combate a metralhadora, rechassou os por completo. Ficando mortos mais de 140 fanáticos, dispersando-se os que escaparam vivos e não foram presos.

Batalhões da policia continuam, porém, na zona, guarnecendo-a e promptos a resistir as investidas criminosas dos fanáticos.

De todo o ocorrido o sr. Cel Interventor interino scientificou o presidente Getúlio Vargas recendo em resposta o seguinte telegramma: Cel Dantas, interventor federal – Bahia- Tenho o prazer de accusar o recebimento e agradecer a comunicação do seu telegrama de hontem a proposito das últimas medias em relação aos acontecimentos em Casa Nova- cordiais saudações Getúlio Vargas. (Fonte: Diário da Bahia, nº 302, 26/ janeiro/1938, p. 1.)

No periódico percebemos uma posição clara na forma em que foi noticiado o fato, tais termos como “criminosos” “fanáticos” e “desordeiros” colocam Pau de Colher, em categorias depreciativas, além de enaltecer as medidas tomadas pela as forças policiais, e enfatizarem ainda questão da notificação feita pelo o Cel. Dantas para Getúlio Vargas. O texto jornalístico apresenta esses espaços que produzem sentidos, não sendo algo fechado ou objetivo, existindo interferências dos interesses de quem elabora o texto, criando uma intenção no que se escreve.

O que nos faz refletir sobre os jornais, é perceber, como esses elaboraram estratégias através dos acontecimentos em Pau de Colher para desempenhar suas práticas de espaços de poder. Apesar de apresentarem os mesmos episódios, com informações semelhantes, os jornais construíram mecanismos discursivos diferentes

sobre um mesmo evento. Pau de Colher que teve seu início em meados de 1934, só começou a ser noticiado a partir dos ataques aos povoados vizinhos da comunidade e da ação repressiva das forças policiais dos três estados; Bahia Pernambuco e Piauí.

Logo, essas estratégias puderam ser percebidas nos Jornais O Imparcial, Diário da Bahia e o Gazeta. Entretanto o foco central se deu nos dois primeiros, pois o jornal piauiense Gazeta teve mais um interesse em âmbito estadual em notificar apenas os eventos. Não percebi um jogo tão claro de interesses e de relações de poder como nos demais, apenas configurou esses atos como banditismos. Logo, essa forma como foi construída a narrativa do jornal Gazeta, incitava e mobilizava a opinião pública contra comunidade baiana, e os jornais não tiveram dúvidas em utilizar essa argumentação.

O Banditismo

O telegrama publicado aqui informado que foram destroçados pela a polícia pernambucana os bandidos que, sob direção do beato José Lourenço, vinham comentando horrores no interior da Bahia e tanto estavam alarmando as populações do sul piauiense. Registra-se muitas mortes do lado dos bandoleiros e poucas do lado da polícia. (Fonte: Gazeta, nº 1.193, 27/ Janeiro /1938, p, 4.)

O Banditismo

Já regressou do sul do estado a força que, dirigida pelo Capitão Benedito da luz e pelos Tenentes Manuel Soares Goldim, José Ribeiro de Araújo e Antônio Mendes, briosos oficiais da polícia militar, cooperou eficientemente no desbarato dos bandidos que estavam alarmando várias localidades piauienses. (Fonte: Gazeta, nº 1.195, 20/ Fevereiro/1938, p, 4.)

Já com relação do jornal Diário da Bahia que segundo SILVA (2008) ⁸³ “posicionava-se no combate aos grupos políticos que se opunham ao governo, comportando-se como fiel porta voz das forças conservadoras baianas” ⁸⁴. E o imparcial, que “[...] Após a chegada à direção do jornalista Victor Hugo Aranha, sua linha editorial muda significativamente, concedendo espaço a uma intensa e explícita propaganda pró-integralista”⁸⁵. Apresentaram reportagens que traziam como temáticas; a política, religião e ação policial. As reportagens elaboradas por ambos criaram estratégias para relatar os eventos em Pau de Colher. Por exemplo, ao falar sobre a religiosidade da comunidade, o Diário da Bahia já o relaciona com a política

⁸³ Silva, Francivaldo Mendes da. Pau de colher: **narrativas de luta e fé no sertão da Bahia**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2008. Recife.

⁸⁴ Silva, Francivaldo Mendes da. Op. Cit., p, 56.

⁸⁵ Silva, Francivaldo Mendes da. Op. Cit., p, 56--57

dizendo que essa mobilização tratava-se de uma manifestação comunista, como foi mostrado no início da manchete dessa edição do jornal no mês de Fevereiro.

TRAGEDIA NO SERTÃO

Fanaticos de uma estranha religião, iludidos

POR UM BEATO OU PELOS COMMUNISTAS?

[...] O capitão Optato, heroe da bárbara luta, relata detalhadamente o curso das operações e opina com sua autoridade, sobre a repetição de Antonio Conselheiro [...]⁸⁶

É importante afirmar que dos jornais em que tivemos acesso, o Diário da Bahia foi o que mais noticiou sobre o Pau de Colher, constatamos também que esse enaltece a força policial e a repressão ao colocar o capitão Opta Guerreiros como herói por ter conseguido por fim no movimento.

[...] As notícias divulgadas comprometiam-se profundamente com a elaboração de uma representação oficial do Estado e do poder político. O exercício do *terror*, presente na imprensa, confirmava a prática política implantada pelo Estado Novo. Tudo era visto ou tornava-se uma ação produzida por comunistas. Neste sentido, nos jornais aparecem diversas informações de que em Pau de Colher havia se formado um foco de integrantes comunistas. Relacionar as atividades religiosas de Pau de Colher a práticas comunistas, mesmo que contraditório, era dar maior justificativa para a intervenção do Estado e das *forças legais* na repressão a Pau de Colher, acabando com o que seria significado como um perigoso lugar de *agitação vermelha*. Através do posicionamento político e ideológico adotados pelos jornais da época, essas reportagens reforçam a compreensão de como estes discursos específicos se cristalizavam nos espaços urbanos. [...] (SILVA, 2008. p, 60)

O jornal Diário da Bahia enfatizava e justificava ação do Estado, como também, relatava a eficácia do governo com relação às ameaças “comunistas”, servindo assim, uma ferramenta que ajudava e reforçava o Estado Novo, justificando as suas ações anticomunista e exibindo os sucessos do Estado com relação essa política repressiva adotada durante o regime. Ao noticiar sobre Pau de Colher, o Diário da Bahia justificou o ataque como uma defesa.

Já no Imparcial, percebemos uma outra estratégia, esse enfatizou apenas a questão da religiosidade, o editorial desse periódico entre os anos de 1935-1937

⁸⁶ Diário da Bahia. Salvador, 1 de Fevereiro de 1938.

esteve muito próximo aos integralista⁸⁷, sem relacionar tal evento com questões políticas

Você é Nosso, ou de Deus?

Um médico e um Jornalista entre os Fanáticos do Beato Lourenço [...] Os facínoras usam a expressão “Você é nosso ou de Deus”, quando atacam alguém.⁸⁸

O fato é que as notícias construíram sentidos para os fatos, relacionaram esses com questões políticas e criaram estratégias argumentativas em que evidenciaram seus interesses e seus locais de poder. Pau de Colher chegou ao setor urbano através de compreensões carregadas por ideologias políticas que já eram formuladas na elaboração das notícias. Esses aspectos de politização geraram concepções predominantes que estavam nas esferas urbanas, onde analisava esses movimentos do campo como atos de ameaça a ordem e atraso ao progresso civilizatório.

A segurança e a preocupação com a ordem social abrangem amplos setores que transitam entre as esferas pública e privada. Pouco a pouco essas notícias vão servindo para criar um clima de tensão nas localidades e no país. Neste jogo de disputas políticas, predomina uma moderna leitura *urbana* sobre os movimentos sociais: *fomentadores de perturbações, agitadores profissionaes, elementos intellectuaes, reducto, sectários*. Esses adjetivos, nas narrativas da modernidade política, são explorados no discurso do Estado Novo como estigma de desordem.

As notícias procuram conferir a Pau de Colher um aspecto de politização dentro de um projeto comunista, mesmo quando em alguns casos elas aparecem de forma dúbia: *Um novo Canudos, em perspectiva, em nossas fronteiras ou uma agitação vermelha? Por um beato ou pelos comunistas?* Seu resultado é tendencioso. No caso da destruição da comunidade, a ausência de qualquer “sinal” que indicasse algum tipo de plano conspiratório comunista não impediu o surgimento de inúmeras interpretações desse tipo, reforçadas pela força e desejo de resistência sertaneja. O fato é que na leitura da República, contemporânea à luta, foram atribuídos sentidos que terminaram por justificar a necessidade do enfrentamento bélico e da eliminação dos *ferozes subversivos* liderados pelo Beato, entendendo-se por subversivo todo aquele que criava desordem e combatia o regime varguista. (SILVA, 2008. p, 62)

É importante reafirmar que o principal objetivo para a ajuntamento na comunidade Pau de Colher se deu primeiramente pelo o aspecto religioso, e podemos vê-lo também dentro da vertente econômica quando trata-se da subsistências dos

⁸⁷O integralismo através de um forte discurso com uma sólida base cristã, canalizava para a ação política as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação ao processo político. Segundo António Costa Pinto: “A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi talvez o mais bem sucedido dos movimentos fascistas latino-americanos” (PINTO, 1994, p.143) Ver; GONÇALVES, p, 1. 2011. .

⁸⁸ O Imparcial. Bahia, 20 de Janeiro de 1938.

integrantes da comunidade. Esse sentido político foi dado através dos jornais, colocando-os como manifestações comunistas. Essas compreensões dentro das dimensões políticas serviram para justificar a ação repressiva do Estado frente a essas mobilizações. “Os sertanejos que se dirigiam a Pau de Colher não estariam, necessariamente, identificados com nenhum propósito político partidário. Interessavam-lhes viver dentro da conduta do catolicismo popular”⁸⁹

Na perspectiva de entender esse na esfera econômica podemos pensar esse elemento como uma tentativa de sobrevivência às adversidades do cotidiano de miséria vivenciadas por esses sertanejos. Pau de Colher, tomou três dimensões; religiosa, econômica e política, entendendo sendo essa última, enquanto ferramenta usada pelo o Estado e pela a imprensa para criar sentidos na esfera política.

Mas esse econômico, não era o principal fator, ele pode ser entendido com algo secundário na conjuntura do movimento, por exemplo, em alguns casos de algumas famílias foi deixado tudo o que tinham para viverem em Pau de Colher, não sendo necessariamente uma fuga da miséria, mas talvez, um encontro com a religiosidade professada por beatos em meio ao sertão. Como é o caso da Família de Maria da Conceição Andreza Pinto.

Antes, o meu pai não faltava nada pra a gente, ele tinha roças de tudo, não faltava nada pra gente, nada, tinha fartura, tinha roça de milho, uma roça que eles plantavam mandioca, plantava melancia, arroz, abóbora, tinha tudo. Não faltava nada em nossa vida. O erro foi ele ter arranjado essa viagem, pra deixar tudo aquilo que a gente tinha, tinha casa que era nossa e foi atrás daquele povo.⁹⁰

A imprensa elaborou diferentes mecanismos para dar um significado acerca de Pau de Colher. Essas produções de sentidos que apesar de todo esforço da imprensa em enfatizar explicações e construir uma memória que desqualificava os participantes como fanáticos e bandidos deixaram espaços para repensar a construção dessa memória instrumentalizada pelo os periódicos e conseqüentemente pela a opinião pública. Essa oposição aos significados e sentidos dados pela imprensa se deu através de estratégias argumentativas dos próprios o sobreviventes que construíram suas próprias significações que de certo modo justificam a sua participação no movimento.

Pau de Colher não foi uma ilusão, foi uma esperança. Ilusão foi o governo achar que a gente era o maior problema do Brasil. O maior

⁸⁹ Silva, Francivaldo Mendes da. Op. Cit., p, 61.

⁹⁰ PINTO, Maria Andreza da Conceição. Entrevista concedida a Paulo Lucio Batista. Salvador, 13 Fev. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no anexo desta monografia]

problema do Brasil naquela época era a fome, a sede, a miséria, o sofrimento, a violência dos “grandes” sobre os “pequenos”. O governo ficou do lado errado. Ou então, ele não era povo; era elite (José Camilo) ⁹¹

É interessante compreendermos nesse relato que houve também uma produção de sentido por parte do sobrevivente ao falar sobre Pau de Colher anos depois. Existe um jogo argumentativo para justificar a sua participação no movimento e referir ao Estado como um agente repressivo. Essa dualidade argumentativa produziu à fabricação de memórias, tanto por parte do Estado com a imprensa como também dos sobreviventes que de alguma forma, em espaços, participaram do movimento e passaram a atuar como produtores de sentidos, como uma forma de resistência de um grupo impotente opondo-se ao excesso de discursos oficiais e a uma memória oficial estabelecida. Com isso, coube-nos apontar esses jogos de interesses nas produções de sentidos e significados em sua historicidade e indicar a construção de representações que retratam ideias, práticas e significados da atuação dos diferentes grupos sociais, orientados por interesses específicos.

Esses mecanismos utilizados pelo os jornais, não só colaboraram para as constituições de opiniões públicas sobre Pau de Colher, mas também o conduziu para um silenciamento, isso por emitir notícias que exprimiram apenas uma concepção, no qual entendia-o a partir de visões carregadas de estereótipos e termos pejorativos que desqualificaram os sujeitos envolvidos. Essa produção de sentidos com relação a comunidade construiu uma memória oficial do fato que desconsiderou a perspectiva daqueles inseridos no movimento. Logo, esse “longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”⁹² que pôde ser rompido, e que objetiva-se em construir uma outra memória contrária a que foi estabelecida e também apresentar uma memória das pessoas envolvidas no movimento. Tal silêncio pode ser entendido por;

[...] três grandes etapas: à memória envergonhada de uma geração perdida seguiu-se a das associações de desertores, evadidos e recrutados a força que lutam pelo reconhecimento de uma situação valorizadora das vítimas e dos "Malgré nous", sublinhando sua atitude de recusa e de resistência passiva. Mas hoje, essa memória

⁹¹ Relato retirado da obra: DAMASCENO, Marcos de Oliveira. **Guerra do Pau de Colher: Massacre à sombra ditadura Vargas**. Dom Inocência. Produtora Sertão. 2 ed. 2016. 680 p.

⁹² POLLAK, Michael. Op, cit. p, 5.

canalizada e esterilizada se revolta e se afirma a partir de um sentimento de absurdo e de abandono. Ela se considera mal compreendida e vilipendiada e se engaja num combate contestatório e militante (POLLAK, 1989, p, 5)

Após rompido esse silêncio, essas memórias subterrâneas passaram a ocupar espaços maiores, fugindo do âmbito familiar e tomando uma dimensão no espaço público. Desse modo, começaram a disputar na construção de uma memória coletiva. Essas memórias passam pelo o que Pollak (1989) irá chamar de enquadramento da memória, isso, segundo o autor, ocorre quando é construída uma memória de forma específica, sobre outra, possibilitando apenas uma visão. Com isso, compreendemos o silêncio como encargo necessário para a sobrevivência das lembranças de grupos subjugados.

Por se encontrarem marginalizados, essas memórias, não se propagam através dos meios oficiais. Mas mesmo assim elas mantêm-se, como forma de resistência política e cultural. Nesta lógica, a memória enquanto construção de um passado que se faz no presente através das lembranças pôde ser compreendida como uma manifestação oposta a uma memória oficial estabelecida é também, como uma nova possibilidade de repensar essa memória e oferecer outra versão.

A memória desses passaram então, a ser uma referência do passado em que começou um jogo de disputas sobre o estabelecimento dessas. Essa referência segundo Pollak (1989) “serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis”⁹³. Assim, as memórias podem passar por um processo de tentativa de homogeneidade, e por conta disso, começamos a pensar estas como um espaço de conflitos na sua própria constituição. É nesse momento em que memórias coletivas e memórias individuais ao mesmo tempo em que podem se completarem, também podem se confundirem e se oporem.

[...]Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. ((LE GOFF, 1990, p.426).

Ao analisamos as memórias das pessoas envolvidas no conflito em Pau Colher como um possibilidade de repensar o Estado Novo, percebemos uma

⁹³ Ibidem, p, 9.

elevação de grupo (o Estado) sobre outro ao querer construir uma memória acerca desse período, no qual houve um combate e a suspensão das memórias de outros grupos (as pessoas vítimas dos embates na comunidade), que se configuraram na condição de marginalidade. No caso, os sobrevivente de Pau de Colher que só conseguiram espaço nessa disputa de memória anos depois do conflito.

[...]Depois de 77 anos (1938-2015) de angustia, luta, enfrentamento feroz, a história do povo do Sertão ocupa lugar de mérito e de dignidade. A luta incansável de alguns.

Eis que depois de tantas batalhas travadas, umas vencidas e outras não, vencemos o segundo tempo da guerra; guerra da memória contra a ocultação guerra da verdade contra a mentira, a guerra da justiça contra a injustiça, guerra do reconhecimento contra a desqualificação, guerra do respeito contra a ofensa, enfim. Os precursores da luta popular não estiveram presentes (fisicamente) para ver o grande dia, mas espiritualmente sentimos a presença deles que sonhavam e lutaram por esse dia. (DAMASCENO, 20016.p, 616-617)

Nesse fragmento do livro *“Guerra do Pau de Colher: Massacre à sombra da ditadura Vagas*. De Marcos Damasceno, trata-se um comentário feito através da realização de uma assembleia na Câmara dos Vereadores de Casa Nova em que teve como objetivo de reconhecer o conflito em Pau de Colher quanto um patrimônio cultural e histórico da cidade de Casa Nova. Para o autor, esse momento representou justiça para com as pessoas que sofreram com o conflito que só foi possível 77 anos depois com uso das memórias das pessoas sofreram uma opressão e censura.

Ao enaltecer as memórias de um grupo na perspectiva homogeneizadora, há um combate a anulação de outros grupos. Logo, apesar de sofrerem essa opressão, esses grupos, como o caso de Pau de Colher começaram produzir suas próprias memórias, o que Pollak (1989) chama de “memórias subterrâneas”. Isto é, aquelas que são “integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional “⁹⁴. Por sofrerem essa repressão, essas memórias assumiram uma postura traumática em que isso passou ser motivo para foco de resistência. Se por um momento essas memórias foram marcada pelo o silêncio e ameaçada pelo esquecimento durante anos, quando essas aparecem tendem a vir com intensidade quebrando com a ordem vigente e trazendo mudanças.

⁹⁴ POLLAK, Michael. Op, cit. p, 2

Nessa perspectiva, a memória pensada na dimensão política, começou a tomar os interesses desses grupos sociais e classes sociais, no sentido de produzir e conservar identidades, onde as memórias individuais sofreram um enquadramento de uma memória oficial, isto é por uma memória nacional que “por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais”⁹⁵, legitimando uma memória oficial. Desse modo, “A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo”⁹⁶.

As memórias coletivas Segundo Pollak (1989), atingem dimensão social, em que herdada pelos sujeitos de maneira parcial, o sujeito também tem as suas lembranças que se organizam através de alguns pontos mais ou menos estáveis, que conferem ordem às suas representações. A institucionalização das memórias são compostas por diversas experiências vivenciadas, mas são também, transmitidas hereditariamente aos indivíduos pelos grupos através do sistema de socialização dos mesmos nas formas de lembranças.

Pollak (1989) em definir as memórias como construções sociais, sendo uma reconstrução do passado, no qual atende interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente. Considera a memória como algo imprevisível e mutável, passando por sistema de reinterpretação do fato. Por isso, se faz fundamental ao analisar essas memórias ver a importância de entender o caráter individual para a formação das lembranças e com isso, procurar estabelecer relações nos espaços micro e macro da vida social, evidenciando que a memória coletiva, se expressa e se altera quando chega nos espaços de memória individuais.

Já Halbwachs, a noção de que a memória consiste em um fenômeno exclusivamente coletivo, excluindo a perspectiva dessas dentro do âmbito puramente individual e também nas noções que essas podem ser passadas hereditariamente, assim sendo, uma construção social que é formada no coletivo através das interações sociais. Para o autor, a memória precisa do coletivo para se constituir. Isto é, o sujeito só é capaz de lembrar tais acontecimentos se pertencer a um grupo social. Pois segundo o mesmo os indivíduos sozinhos não são capazes de formar suas lembranças, ou não conseguem mantê-las vivas na sua memória, precisando de apoios dos testemunhos para sustentá-las, sendo necessário que

⁹⁵Ibidem. p, 4.

⁹⁶ Ibidem, p. 4

haja uma relação de harmonia entre as lembranças dos indivíduos com as testemunhas que possam acrescentar, construindo recordações comuns.

[] Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2006.p, 28)

De maneira geral, ao vivenciar algo com o seu grupo apenas materializa as lembranças que são vivenciadas em coletivo. Isto é, o indivíduo precisa recorrer a instrumentos que lhe são fornecidos pelo meio sociais, tais como as ideias e as palavras. Com isso, as memórias individuais são dependentes dos “quadros sociais da memória”, impostos ou fornecidos. Esses agem como pontos de orientação para a construção subjetiva de lembranças, estabelecendo o que deve fazer parte da construção da memória do indivíduo, determinado o que deve ser esquecido ou lembrado. Por fim, Halbwachs, considera que o que importa é aspecto coletivo da memória; “quadros sociais da memória”.

Entretanto, nesse trabalho, analisamos as memórias coletivas na perspectiva de Pollak, entendemos essa como uma ferramenta de disputa com a memória individual, sendo a primeira, um componente que desempenha uma função de destaque nas celebrações, exaltando datas, acontecimentos, personagens com o objetivo de valorizar o passado de um grupo. As memórias coletivas atingem uma dimensão social, sendo parcialmente herdadas pelos sujeitos que têm suas lembranças que são capazes de formar e acessar memórias, colaborando fortemente na construção das recordações dos grupos. Nesse sentido, a memórias individuais, sofrem uma influência das memórias coletivas, sendo submetidas aos quadros sociais da memória.

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre

coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.

Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. (POLLAK, 1989, p,7)

Entretanto, o enquadramento dessa memória, ou a institucionalização de uma memória oficial tem seus limites, deixando espaços para contestação de outras memórias; as marginalizadas, que rompem com essas noções estabelecidas “[...] uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades.⁹⁷ E a partir desse momento que se configura uma disputa entre memórias coletivas e memória individual. Isso ocorre quando há um rompimento do silêncio, pois esse “tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta.”⁹⁸ É nesse ponto em que usamos as narrativas orais como uma possibilidade compreensiva de uma outra memória através das testemunhas que vivenciaram determinado fato histórico.

Por possuir essa característica de uma memória mais marginalizada em que se sustenta através de meios informais, e relações que atinge o espaço familiar ou pequenos grupos sendo uma memória marcada pela oralidade. Nesse sentido, a história oral, se configurou como o principal método para analisar essas memórias e construir um conhecimento sobre o passado, em que se inicia através das memórias individuais que logo reconstruíram a memória daquele grupo. Quando isso ocorre, usamos os testemunhos pessoas como elementos mais importantes se tornando representantes do grupo dessas memórias subterrâneas.

[...] Ao lidarmos com a memória como campo de disputas e instrumento de poder, ao explorarmos modos como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais sobre as quais nos debruçamos, vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas e se transformam na experiência social vivida. No exercício da investigação histórica por meio do diálogo com pessoas, observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como este continua a interpelar o presente enquanto valores e referências.

⁹⁷ *Ibidem*, p.3

⁹⁸ *Ibidem*, p 2

Trabalhar nessa direção nos coloca diante da problemática do sujeito e da consciência social na história, levando-nos a retomar e ampliar leituras e a aprofundar as pesquisas e reflexões, sempre dentro da perspectiva de construir um conhecimento histórico que incorpore toda a experiência humana e no qual todos possam se reconhecer como sujeitos sociais. (KHOURY, 2004, p. 118)

Ao privilegiarmos a história oral, conseguimos oportunizar outra análise compreensiva sobre Pau de Colher. Através da oralidade construímos uma rede de saberes em que colocamos as memórias subterrâneas como elementos centrais do debate e começamos a questionar a institucionalização de um Estado Novo fraterno construído por diferentes mecanismos para estabelecer uma memória oficial. Logo quando as memórias subterrâneas afloram, começa a ficar claro esse jogo de disputas para se construir uma memória sobre os embates em Pau de Colher.

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos[...] o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emergia nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples "montagem" ideológica, por definição precária e frágil. (POLLAK, 1989. p, 07)

3.2 As Memórias sobre Pau de Colher na produção de sentidos para os sujeitos envolvidos

As memórias dos sobreviventes de Pau de Colher na sua busca por manutenção e constituição de uma memória, contribuíram e contribuem para que esse conflito não caia no esquecimento. E que por muito tempo, por não serem ouvidas, elas agora ecoam na construção de uma memória efetiva sobre o movimento. Diante de disso, essas memórias se juntaram e compuseram um grupo com a finalidade mostrar as suas concepções sobre Pau de Colher, existindo um movimento de querer conhecer mais sobre o conflito em 1938, como também, dar vozes e sentidos aos sujeitos que vivenciaram.

A construção dessas memórias, portanto, podem ser afetadas por noções do próprio presente, as mesmas, sofrem interferência desses, tanto como do passado, e por conta disso, elas podem vir acarretadas de julgamentos dos próprios

indivíduos, como também podem ser afetadas pela a opinião pública instrumentalizada na época em que foi vivenciada. Essas memórias são, portanto uma junção de lembranças e narrativas do passado com compreensões formadas no presente. As memórias se configuraram então, como algo subjetivo e vulnerável a mudança.

As pessoas ao narrarem suas lembranças, construíram seus sentidos e realçaram aquilo que para elas são importantes, isso acontece quando em essas “testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento⁹⁹. São nas redes familiares, através da oralidade que as lembranças são utilizadas como ferramentas da socialização tanto no âmbito privado quanto público. A memória construída é um resultado do processo dessa socialização sendo “uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.¹⁰⁰

Ao entendermos os processos históricos através das disputas e interesses sociais, consideramos que os mesmos também constituem as memórias, e interferem na construção de valores, ideias e sentimentos. Ao apresentar os acontecimentos históricos que interferem na vida cotidiana desses sujeitos e colocamos a memória como objeto de análise, podemos compreende-la em diferentes dimensões sociais. Por isso, através da metodologia de análise da oralidade, passamos a estudar essa com o objetivo de entender sobre os significados políticos envolvidos no conflito de Pau de Colher. O nosso foco se deu em enxergar as maneiras como esses acontecimentos criaram significações e como interferem e interferiram na vida das pessoas envolvidas, como também na própria história.

[...] a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem

⁹⁹ POLLAK, Michael. Op, cit. p, 4

¹⁰⁰ MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira Moreira. **HISTÓRIA E MEMÓRIA: ALGUMAS OBSERVAÇÕES**. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>.

oficial do passado e suas lembranças pessoais. (POLLAK, 1989. p,10)

As lembranças pessoais como objeto de estudo com o uso da oralidade ajudam reconstruir compreensões para se pensar o Estado Novo como um regime, repressivo e autoritário. É interessante ao analisar a história oral é preciso que entendamos que [...] história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia”¹⁰¹

[...] concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados. (PORTELLI, 1996, p, 2.)

Através das narrativas analisadas, tomando essas como práticas sociais em que são possíveis entendê-las como expressões das experiências vividas no passado são por “meio da linguagem as pessoas compreendem e interpretam a realidade; ela é a articulação da experiência ativa e em transformação; ela é social e ocorre dentro da relação e do relacionamento”¹⁰² é nesse ponto em que passamos a analisar as narrativas acerca de Pau de Colher, afim de compreender como essas se construíram. “As narrativas, embora sejam pessoais, se fazem na experiência social, são constitutivas dela e são reconhecidas como tal segundo padrões de significação”¹⁰³

3.2.1 Memória como testemunho do passado: A arte da narração.

Ao analisar muitas narrativas presentes nas oralidades, devemos considerar a subjetividade do entrevistado. É o que Portelli (1996) chama de filosofia dos fatos,

¹⁰¹ PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos**: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro , vol. 1, n°. 2, 1996, p. 59-72. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819739/mod_resource/content/1/PORTELLI.%20Alessandro%20%E2%80%93%20A%20Filosofia%20e%20os%20fatos.pdf. Acessado em: 14/ Maio/ 2019

¹⁰² KHOURY. Yara Aun. **MUITAS MEMÓRIAS, OUTRAS HISTÓRIAS**: cultura e o sujeito na história. In _____ **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo-SP: Editora Olho d'Água, 2000.p, 116-139

¹⁰³ Ibdem, p, 123.

isto é, o entrevistado também exerce a sua filosofia (interpretação) ao narrar sobre o fato; a sua subjetividade, e temos que considera-la e problematiza-la, ao invés de impormos uma filosofia (ou subjetividade) nossa sobre a experiência vivida do entrevistado. A subjetividade e a interpretação do sujeito na construção de sua narrativa são elementos incontrolláveis, no qual não podemos nos basear em apenas uma análise, e isso nos faz questionar sobre a veracidade do fato. Entretanto, não é isso que nos importa, ou nos limita, não há como sabermos sobre a certeza de tais eventos como realmente aconteceram.

Mas podemos analisar com certeza a construção do texto e das narrativas elaboradas dentro das subjetividades dos sujeitos, “o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos, mas dispomos de textos; e estes, a seu modo, são também fatos” Então cabe-nos problematizar a construção de significados presentes as diferentes narrativas, sejam através da oralidade como também da produção de textos. Essa subjetividade cercada por interpretações constroem sentidos para quem narra, pois ao selecionar determinados eventos

[...] os textos - tanto os relatos orais como os diálogos de uma entrevista - são expressões altamente subjetivas e pessoais, como manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas (motivo, fórmula, gênero, estilo). Por isso é possível, através dos textos, trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e práxis objetivas articuladas de maneira diferente e que possuem mobilidade em toda narração ou entrevista, ainda que, dependendo das gramáticas, possam ser reconstruídas apenas parcialmente. (PORTELLI, 1996, p, 04.)

A Subjetividade existe, é um elemento indissociável do ser humano, e por isso, ela é incontrollável. Nosso exercício segundo Portelli (1996), não é de excluí-la dos debates, mas percebê-las nas construções argumentativas dos nossos objetos de estudo, e dessa forma, traçar mecanismos que nos concedam compreendê-las e utilizá-las. Feito isso, a subjetividade então se apresenta como uma contribuição cognitiva que chega nós. Logo, o ponto que podemos pensar com relação a essas subjetividades e interpretações presentes nessas memórias, são as possibilidades que essas podem nos oferecer ao analisar a reconstrução dessas experiências vividas, vendo como essas pessoas criaram sentidos para essas experiências.

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam

diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. Mas esta miríade de diferenças individuais nada mais faz do que lembrar-nos que a sociedade não é uma rede geometricamente uniforme como nos é representada nas necessárias abstrações das ciências sociais, parecendo-se mais com um mosaico, um patchwork³, em que cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença. É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos. (PORTELLI, 1996. p, 8-9)

Tal possibilidade compreensiva sobre a construção de uma narrativa subjetiva contém diferentes elementos interpretativos que ajudaram analisar o conflito em *Pau de Colher*. Observamos alguns elementos narrativos presente na obra *Guerra do Pau de Colher: massacre à sombra da ditadura Vargas* de Marcos Damasceno. Assim, tomamos essa obra como fonte, a fim de entender como essa foi pensada e articulada nas suas análises interpretativas para a construção de uma narrativa sobre o conflito.

Essa obra produzida por um sobrinho de um sobrevivente, em diferentes momentos é colocada como o livro vingador que fará justiça pela as memórias dessas pessoas envolvidas no embate. A mesma se constituiu como uma narrativa em que são expressas várias interpretações acerca do Pau de Colher, no qual essa missão herdada fez com que o movimento tenha um sentido forte para aqueles que vivenciaram ou aqueles que de alguma forma se sensibilizaram com as histórias de familiares e amigos. Nesse fragmento do texto, em que se trata de uma escrita de um diário de Zeca Damasceno, tio do autor, percebemos algumas interferências na construção da narrativa. Termos como; justiça e verdade mostram uma memória que foi produzida pós o embate e que busca ser lembrada.

-Eu não vivi naqueles tempos, apenas sobrevivi; mal sobrevivia. Toda vez que via uma pessoa diferente em nosso meio, imaginava ser um soldado espião ou investigador, ou até assassino. Pensava logo ser alguém em minha captura, pensava ser a minha vez de morrer. Eu fiquei com muito medo, não conseguia dormir. Eu era jovem na ocasião. A noite parecia não ter fim, e meus dias eram torturantes, pela angústia e apreensão. Por vezes, eu sentia que estava fraquejando, todos os demais companheiros sendo encontrados, presos e até assassinados. Pensei comigo mesmo: eu não posso fraquejar... Ser preso e assassinado. Tenho que ir até o fim dessa história. Não vejo a hora de todo sofrimento acabar! Enfim, estou vivo... ainda vivo... estou com a dignidade de ter conseguido escapar com vida. E mais alguns companheiros. Unidos pelo o sofrimento e pela a justiça. Como sofremos! Dói em mim toda

essa história. Se meu dia não chegar, chegará o dia de toda a verdade. (Zeca Descenso)¹⁰⁴

No relato percebemos também que o sobrevivente quis apresentar suas sensações e emoções, tudo isso faz parte de estratégias argumentativa no intuito de produzir sentidos, que são conduzidos por interpretações pessoais. É interessante identificar também que esse usou de vários mecanismos simbólicos narrativos que ultrapassaram o plano individual e pessoal. Essa esfera simbólica mostra as atitudes repressivas e autoritárias das forças estatais em 1938. Ao evidenciar isso, Zeca Damasceno, instituiu um aspecto do Estado Novo que é presente em outras fontes históricas; o uso violência. Sua narração coberta por estratégias narrativas que evidenciaram o autoritarismo e o uso da violência pelo Estado Novo, contribuiu para que elaborássemos possibilidades de pensar a atuação estatal durante o embate, relacionado essa memória com as dos demais.

Além disso, em alguns momentos da obra o próprio autor se coloca na tarefa de ser um personagem que manteria vivo desejo do tio. Ao longo do livro, a narrativa construída pelo o autor, se dar ainda de forma maniqueísta em que coloca as vítimas de Pau de Colher como heróis brasileiros por ter lutado contra o Estado apesar de não ter tido força bélica “cacetes contra metralhadoras e fuzis potentes”. Outro ponto presente na obra é que através de uma estrutura narrativa instruída por estratégias argumentativas o autor no início da obra justifica o motivo para a sua produção.

É muito interessante como Damasceno produz o seu texto narrando as suas sensações e emoções ao receber a missão de produzir o livro, em que inicialmente traz um relato do seu tio “meu filho, isso [envelope] é sobre a guerra. Quero que fique com você. Tem toda a minha confiança e dos demais que tem sede de justiça. Publique um livro é sonho de muita gente” (Zeca Damasceno)¹⁰⁵. Ao mesmo tempo em que o autor relata sobre essa missão ele faz também uma autobiografia sua, e isso, faz com que ele também se enquadre como se fosse um personagem do movimento. Só que um personagem diferente dos demais, ele é um que está dentro do meio, mas em um outro contexto, buscando dar significado a memória. Sendo posicionando como uma pessoa que foi fundamental pós o conflito e que luta para que se mantenha viva as memórias acerca de Pau de Colher.

¹⁰⁴ Relato retirado da obra: DAMASCENO, Marcos de Oliveira. **Guerra do Pau de Colher: Massacre à sombra ditadura Vargas**. Dom Inocência. Produtora Sertão. 2 ed. 2016. 680 p.

¹⁰⁵ DAMASCENO, Marcos de Oliveira. Op cit., p. 42.

[...] Depois de alguns anos resolvi lê-la, confesso que ansioso e nervoso, já que poderia estar ali a sua explicação para a sua morte trágica. [...] confesso que minhas emoções se abalaram quando meu tio-avô Zeca Damasceno passou-me pela primeira vez sobre a “Guerra do Pau de Colher”. Sua destruição foi um ato de desumanidade. A época era difícil! Quase não me acostumo, chorava sempre pelas pessoas que sofreram e morreram lá. E ainda, pela as crianças órfãs que tiveram suas famílias dizimadas e que foram levadas para terras distantes e alheias a história até hoje me comove. (DAMASCENO, 2016, p, 42-44)

Ao observar esse fragmento do texto, consideramos que os autores juntamente com outras pessoas passaram a participar da história de Pau de Colher a partir do momento em que ele começam a escreverem sobre, e contribuírem no movimento da construção de uma memória sobre o embate em 1938. O movimento Pau de Colher pode ser então pensado, em duas fases; em 1938 com os confrontos com as forças estatal, e também, posterior a isso, na busca por reconhecimento das memórias dessas pessoas. Isto é, Pau de Colher foi um movimento durante o Estado Novo e que deu origem para mobilizações de produção de sentidos (as memórias) em um contexto mais atual. E Damasceno, entra nesse último movimento; o de reconhecimento.

Um personagem que consideramos importante dentro desse movimento é Maria da Conceição Andreza Pinto, um nome e uma memória importante dentro desse fato histórico para aqueles envolvidos no movimento de consolidação da memória de Pau de Colher. Por ser uma sobrevivente, ela se enquadra nessas dimensões do movimento. Já que estamos falando de uma memória que esteve na comunidade em 1938 e que agora colabora com essas mobilizações de construção de memória, ela se configura como componente crucial e de grande representatividade dentro desse movimento. Sua imagem e sua história é um símbolo forte dentro desse grupo, isso por se tratar de uma pessoa que ainda está viva e que pode narrar com suas palavras o movimento. Há também outros personagens importantes, mas por questões metodológicas analisamos apenas esses dois. Essa por si traz a sua memória como função social.

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignificação pelo o desfiguramento das paisagens caras, pela a desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. [...] nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela a sua riqueza. O velho, de um lado, busca a confirmação do que passou

com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que ocorreu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e morrer. (BOSI, 1994. p, 82-83)

Durante a entrevista com Maria Andreza da Conceição Pinto, nos foi apresentado uma ordem narrativa em que a mesma construiu e expôs sua fala se subdividindo em três momentos da sua vida; antes de sua família ir para Pau de Colher, durante e depois do movimento. Sua memória frisou mais sobre a sua infância, antes e depois do conflito. Posteriormente nos mostra como foi sua vida em Salvador já na adolescência.

Ao elaborar a sua fala, ainda se tratando da sua participação no movimento, percebemos que ela sempre narra enquanto alguém que estava ocupando o lugar de observadora sem se envolver diretamente, apenas sendo afetada pelo os embates. Tal fato se justifica por estarmos falando de uma criança que foi atingida que e vivenciou o movimento Pau de Colher, ela não se envolveu como os adultos que tinham compreensões já elaboradas Ao passo em ser perguntada sobre a sua vida na comunidade ela nos diz que: “Foi boa, porque eu “num” ligava pra nada era pequena, “num” ligava pra nada, tinha mais ou menos 8 anos, só fazia brincar”¹⁰⁶

A sua memória pode ser pensada como um testemunho do passado, através da voz evocativa dos velhos, e diante disso, aprendemos que ela com a sua lembrança de vida acerca do acontecimento significa para o grupo como aquela que estar guardando memória que tem significado para ela, como também para as pessoas que de algum modo buscam o reconhecimento sobre Pau de Colher.

As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para nossas lembranças ganhem consistência. Imagine-se um arqueólogo querendo reconstruir a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. (BOSI, 1994. P, 414)

Esse sistema para constituir uma memória sobre Pau de colher, se entrelaçou em diferentes elementos para manter vivo essa memória grupal, seja através das lembranças dos mais velhos, das testemunhas oculares do movimento, seja por meio de livros de memórias, essa memória foi construída e mantida através desses

¹⁰⁶ PINTO, Maria Andreza da Conceição. Entrevista concedida a Paulo Lucio Batista. Salvador, 13 Fev. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no anexo desta monografia]

elementos, em que os seus sobreviventes buscam e buscaram manter viva as memórias das pessoas envolvidas em diferentes manifestações.

Entretanto, um livro ou uma história de vida por si só não são capazes de abraçar ou abarcar e construir uma memória com maior dimensão acerca do Pau de Colher, e para isso, essa foi pensada em outros espaços, neste sentido, os lugares de memórias. Pierre Nora (1993) considera que “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memórias espontâneas, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...], porque essas operações não são naturais”¹⁰⁷. São nesses lugares de memória no concreto que essas memórias se enraízam, esses matem construídos os seus significados simbólicos.

Com relação a Pau de Colher, percebemos a materialização da memória e a construção dos significados dessa, a partir de um lugar de memória que foi criado após 1938 com a sepultura coletiva no local onde aconteceram os conflitos. Para alguns, essa cruz representa algo sagrado e uma ferramenta simbólica de manutenção da memória acerca do Pau de Colher. Significa as memórias das vítimas que morreram no embate.



Figura 3: Sepultura coletiva no local onde aconteceu o massacre. Foto de Lígia Almeida.

¹⁰⁷ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: PUC/SP, n.10, 1993. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Último acesso em: 15/ maio/ 2019

Tal fato, em querer efetivar o local do conflito como um lugar de memória estabeleceu e construiu uma vontade coletiva na busca por reconhecimento desse período histórico através do concreto. Isso ocorre porque segundo Nora (1993) a memória se apoia também no vestígio mais visível da imagem, a mesma tem a sua necessidade de se alicerçar em suportes exteriores palpáveis em que determinadas experiências se dependem exclusivamente dessa memória concreta e tocável. “o que chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível de lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembra”¹⁰⁸. Para que não caia totalmente no esquecimento, são construídos esses lugares de memória para gerações futuras. Só os depoimentos e relatos orais não são suficientes para instrumentalizar o que houve em Pau de Colher, é nesse ponto em que essas lembranças deixam de ser memórias e passam a fazer parte da história.

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Não somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. (NORA, 1993, p, 17)

Além dessa necessidade de reafirmar e constituir uma história acerca das memórias e dos testemunhos em que ultrapassaram as fronteiras do sensível e atingiram o concreto. As memórias sobre Pau de Colher atingiram uma dimensão e um significado simbólico através das romarias que ocorrem anualmente no dia 13 de dezembro. Essa manifestação nos fez pensar que os lugares de memórias atingem esse campo simbólico mediante de um elemento; a vontade de memória. Assim, são lugares de memórias aqueles que apresentam o mecanismo simbólico e o material. O primeiro estar relacionado ao significado atribuído pela as pessoas que viveram naquele espaço e sofreram com o confronto na comunidade Pau de Colher, existindo uma cristalização da lembrança das experiências vividas naquele local. E é o material, estar relacionado ao fato conteúdo geográfico.

¹⁰⁸ NORA, Pierre. Op cit., p, 15



Figura 5: Romeiros com a Imagem de Santa Luzia. Fonte: documentário “Pau de Colher: Últimas memórias. Talyta Almeida 2011.



Figura 4: Romeiros com a Imagem de Santa Luzia. Fonte: documentário “Pau de Colher: Últimas memórias. Talyta Almeida 2011.

Portanto, as romarias anuais, como algo que atinge a esfera simbólica, juntamente com o local atribuem a Pau de Colher se configura como um lugar de memória para esses sujeitos, pois a memória precisa se enraizar também no concreto para a sua conservação e legitimação. “a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos”¹⁰⁹. Com isso, há essa necessidade de materializar a memória no espaço geográfico, e constituir um lugar de memória sendo aquele que mistura esses significados entre o sensível e o concreto, o imaginável e o real.

¹⁰⁹ NORA, Pierre. Op cit., p, 25

4.0 Considerações Finais

Portanto, diante desse debate, conseguimos concluir que as possibilidades no campo do saber historiográfico nos permitem vários caminhos para se pensar determinados sujeitos e contextos históricos. Então o objetivo desse estudo foi de entender o período Vargasista 1934-1938 a partir de um movimento social rural de cunho messiânico, os conflitos na comunidade Pau de Colher. Apontamos que esse foi uma manifestação que sofreu com as medidas autoritárias e repressivas do governo. A violência e a intolerância com qualquer tipo de manifestação que era considerada como subversiva a ordem vigente, era tida como um problema durante o Estado Novo. Neste estudo, trouxemos à baila a discussão sobre as ações do governo durante esse regime.

No primeiro momento desse trabalho, apontamos alguns elementos, entre eles; a ferramentas utilizadas pelo o governo varguista com estratégia de legitimação e sustentação do poder, em que se almejava a ideia de harmonia social e de progresso. Tais fatores colaboraram para criar uma imagem de um país sem conflitos e sem embates, mas conforme vimos, o que houve foram estratégias para encobrir as ações autoritárias e repressivas desse regime. Sendo um governo que priorizou uma política modernizadora e progressistas em que tinha como foco principal os grandes centros urbanos. Ainda nesse capítulo, foi analisado os movimentos do campo, dando foco nos sociorreligiosos pensado como esses nas suas formações e organizações como mobilizações sociais, diante disso, pesamos como esses se relacionaram com o Estado Novo, onde prevaleceu o uso da violência para o fim desse tipo de movimento.

Logo, primeiro capítulo se desenvolveu com o objetivo de; contextualizar os movimentos sociorreligiosos no Nordeste Brasileiro, e também pensar as políticas nacionalistas e progressistas do efetuadas no Estado Novo como forma de legitimação e sustentação do poder. Esses elementos colaboraram para que pudéssemos ver como o Estado se organizava e como se estruturavam os movimentos religiosos.

Já no segundo capítulo, trouxemos a baila da discussão os acontecimentos que geraram conflitos em Pau de Colher as invasões nas fazendas e as duas primeiras intervenções das forças policiais chamaram atenção das autoridades, com

isso, esse movimento, sofreu três expedições militares, entretanto, apenas terceira que esse movimento é vencido pelas as forças militares.

As medidas usadas pelo o governo para conter essas mobilizações. Com o uso de justificativas argumentativas o Estado juntamente com o aparato policial usou de violência para combater o movimento Pau de Colher. Ainda nesse capítulo em que teve como fonte principal os relatos das policias percebemos que houve uma produção de sentidos que foram de acordo com os interesses de um grupo predominante.

Tais produções de sentidos serviram para justificar o uso da violência como necessária em Pau de Colher. É interessante notar que quando usamos essas fontes os policias sempre se apresentavam como aqueles que recuperam a ordem e que através deles, vistos como uns braços fortes do Estado Novo conseguiram mostrar a eficácia desse regime. Para, além disso, a repressão e a manutenção da “ordem” através desses. Pensamos o uso da violência que atinge não só no sentido físico, mas também, afetivo, moral dessas pessoas que sofreram com esses confrontos.

Por fim, no terceiro capítulo em que usamos da metodologia oral e da análise memórias. Problematizamos como essas ao longo desse movimento foram construídas, onde inicialmente utilizamos os jornais na intenção de entender como esses ajudaram a produzir sentidos sobre o conflito, gerando uma opinião cheias de estereótipos e preconceitos ao analisar o movimento e conseqüentemente assim, criando uma opinião pública sobre Pau de Colher, mostrando que a sua construção passou por um processo de disputas que por muito tempo a memória oficial se sobrepôs as memórias das vítimas do movimento. Nessa disputa as memórias subterrâneas por muito tempo foram silenciadas.

Posteriormente a isso, vimos como as pessoas que por muito tempo não conseguiram espaços para expor as suas memórias e como essas se perpetuaram até hoje. Analisando como essas construíram sentidos para elas mesmas. Ao analisarmos essas memórias subterrâneas percebemos que essas ajudam a pensar o Conflito e o Estado Novo, através de outra perspectiva. Já na ultima parte, problematizamos a memória como uma testemunha eficaz do passado e que essa para sua legitimação precisou atuar em outros espaços que ultrapassassem as fronteiras do sensível, sendo necessária a materialização dessas através do

concreto, com as romarias e a preservação do local como um lugar de memória daquelas pessoas vítimas com confronto em 1938.

Esse trabalho, portanto pensou os conflitos no Estado Novo a partir do espaço rural com as memórias consideradas não “oficial”, compreendemos que a violência foi o principal aparelho para a repressão e para a manutenção da ordem. Temas com violência e disputas de memórias e produções de sentidos nortearam essa discussão que nos fez entender a história como algo complexo e resultado de disputas de interesses na sua construção.

Contudo, ao logo da elaboração dessa pesquisa, encontramos alguns percalços, principalmente com relação as fontes oficiais do estado do Piauí sobre o movimento que são poucas. E também com relação ao encontro de sobreviventes, que além de estarem em lugares diferentes e distantes no Brasil como um todo, são poucos os que ainda têm condições de relatar suas memórias.

5.0 BIBLIOGRAFIAS E FONTES

Livros e Artigos

ALVES, Alan Nickerson. **Religiosidade popular**: “a crença do povo é a crença em deus. Diversidade Religiosa, v. 1, n. 2, 2014 ISSN 23170476. Disponível em: periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/download/20461/11325. Último acesso em: 14/maio/2018.

BARROS, José D’Assunção. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009. Disponível em: https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/mouseion/2009_v3_n5/jdbarros.pdf. Acessado em 22/ abril/ 2019.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: **Lembrança de Velhos**. 3 ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1994

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRITO, Gilmário Moreira. **Memória de e sobre Pau de Colher**: como sujeitos lembram. Proj. História. São Paulo. 1991.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imagens e espetáculo no poder varguismo e no peronismo**. In.: CAPELATO, Maria Helena Rolim. Multidões em Cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo. 2ed. São Paulo: editora UNESP, 2009. p.51- 71

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência: a polícia da era Vargas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

CARNEIRO, **OS ARQUIVOS DA POLÍCIA POLÍTICA BRASILEIRA**: Uma alternativa para os estudos de História do Brasil Contemporâneo. Projeto Integrado. Disponível em: http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo_arquivos_policia_politica.pdf. Acessado em 22/ abril/ 2019.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p.87-126

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **Cultura popular**: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n . 16, 1995, p.179-192. Disponível em: https://professorronaldo.files.wordpress.com/2009/08/cultura-popular_revisitando-um-conceito-historiografico.pdf. Último acesso em: 14/maio/2018

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Parte I: **A falência das interpretações**. In.: DE DECCA, Edgar Salvadori. O silêncio dos Vencidos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p.31- 110.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **O integralismo literário de Plínio Salgado e o salazarismo**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1293981361_ARQUIVO_OintegralismoliterariodePlinioSalgadoeosalazarismo.pdf. Acessado em 22/ abril/ 2019.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JUNIOR AGUIAR, José de Arimatéa Freitas de Aguiar e NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Getulização do Estado Novo no Piauí. In.: OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. SOUZA, Ítalo Cristiano Silva e (org.). **Os olhares de Clio: cenários, sujeitos e experiências históricas**. Teresina: EDUFPI, 2013. p.141-152.

LEANDRO, Ana Lúcia Aguiar Lopes. **O movimento de pau de colher na perspectiva dos atores sociais: relações entre significações da religião e da miséria**. Recife. 2003

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, rememoração e lembrança em maurice halbwichs**. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>. Último acesso em: 14/maio/2018

LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Porto: Imprensa

Nacional – Casa da Moeda, 1984.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 9.ed. 1991.

FENELON, Déa Ribeiro. Maciel, Laura Antunes et al. **MUITAS MEMÓRIAS, OUTRAS HISTÓRIAS**. Editora Olho d'Água São Paulo, SP. 2004.

MELLO, Frederico Pernambuco de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

MELO, Sâmia Maria Barbosa. **A construção da memória cívica: As festas escolares de civilidade no Piauí. (1930-1945)**. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MONTEIRO, Filipe Pinto, **Peregrinação, violência e demonofobia: novas interpretações sobre o movimento messiânico-milenarista de Pau de Colher (Casa Nova, Sertão da Bahia, 1934-1938)**. Disponível em: www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/671/pdf_66. Acesso em: 03/Abr/2018.

MONTEIRO, Filipe Pinto. **Messianismo, Milenarismo e Catolicismo (Popular) no Discurso Intelectual das Ciências Humanas e Sociais: Apontamentos Preliminares para uma Questão Conceitual**. Revista de Teoria da História Ano 2, Número 4, dezembro/ 2010 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28942>. Acessado em: 22/ abril/ 2019.

MONTEIRO, Filipe Pinto. **A SANTÍSSIMA TRINDADE NOS SERTÕES: SEVERINO TAVARES E A GESTAÇÃO DO MOVIMENTO MESSIÂNICO-MILENARISTA DE PAU DE COLHER** (CASA NOVA, BAHIA, 1934-1938). Revista Crítica Histórica Ano I, Nº 2, Dezembro/2010. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2734/pdf>. Acessado em 22/ abril/ 2019.

MONTEIRO, Filipe Pinto. **ENTRE TERÇOS E “CACETES”**: UMA NOVA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO DO MOVIMENTO MESSIÂNICO/MILENARISTA DE PAU DE COLHER (CASA NOVA, BAHIA, 1934-1938). Revista Ágora, Vitória, n.11, 2010, p.1-34. Disponível em: https://www.academia.edu/18159445/Entre_Ter%C3%A7os_e_Cacetes_Uma_nova_tentativa_de_interpreta%C3%A7%C3%A3o_do_Movimento_Messi%C3%A2nico_Milenarista_de_Pau_De_Colher_Casa_Nova_Bahia_1934-1938_. Acessado em: Acessado em 22/ abril/ 2019.

MONTEIRO, Filipe Pinto. **Vida em Santidade**: modos de ser santo em uma comunidade messiânico-milenarista do sertão baiano (Pau de Colher, 1934- 1938). Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p.170-195, jul./set. 2010 170. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/download/P.2175-5841.2010v8n18p170/2517>. Acessado em 22/ abril/ 2019

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Discutindo o Estado Novo. In.: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945).2 ed. Teresina: EDUFPI, 2015. p.37-54

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro**. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 16 no 46.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: PUC/SP, n.10, 1993. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>. Último acesso em: 15/ maio/ 2019

O ESTADO de S. PAULO, **Guerras desconhecidas do Brasil**. São Paulo, 19 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/blogs/arquivo/guerras-desconhecidas-do-brasil/>. Acesso em: 03/Abr/2018

PANDOLFI, Dulce (Org) . **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. 345 p.

PIMENTA, Viviane Raposo. Direitos humanos e violência simbólica:Um possível diálogo com pierre bourdieu. Disponível em:https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/bitstream/123456789/134/34/Artigo%20-%20Direitos%20Humanos%20e%20Viol%C3%Aancia%20Simb%C3%B3lica_Um%20Poss%C3%ADvel%20Di%C3%A1logo%20com%20Pierre%20Bourdieu%20-%20Aula%20%207%20e%208.pdf. último acesso : 13/maio/2018

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, 302p.

POMPA, Cristina. **Memórias do fim do mundo**: o movimento de Pau de Colher. Disponível em: www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13751/15569. Acesso: 03/Abr/2018.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Último acesso: 03/Abr/2018

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos**: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. 2. Tempo. Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 59-72. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819739/mod_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20%E2%80%93%20A%20Filosofia%20e%20os%20fatos.pdf. Acessado em 22/ abril/ 2019.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **Caldeirão**. Fortaleza: EDUECE, 1991.

RIOS, Fábio Daniel. **MEMÓRIA COLETIVA E LEMBRANÇAS INDIVIDUAIS A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DE MAURICE HALBWACHS, MICHAEL POLLAK E BEATRIZ SARLO**. INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, 5(1): 1-22, 2013. ISSN 2176-6789. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/viewFile/7102/9367>. Acessado em: 03/ Jun/2019.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François

{et. al.}. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**: Tomo I. São Paulo: Papyrus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa**: Tomo II. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP:

Papyrus, 1995.

_____. **Tempo e narrativa**: Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

_____. **História e verdade**. Tradução de F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Forense,

1968.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. O Messianismo e a Construção do Paraíso na História. Revista Aulas. ISSN 1981-1225. Dossiê Religião. N.4 – abril 2007/julho 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_10.pdf. Acessado em: 22/ maio/ 2019.

SILVA, Francivaldo Mendes da. **Pau de colher**: narrativas de luta e fé no sertão da Bahia. Recife. 2008. 155 folhas.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

Obras de referência documental utilizadas como fontes

DAMASCENO, Marcos. **Guerra do Pau de Colher**. Massacre à sombra da ditadura Vagas. Produtora do Sertão. 2 ed. Dom Inocêncio, Piauí. 2016

ROBERTO, Silvio. Massacre **Pau de Colher**: Último foco messiânico no Nordeste Brasileiro. Editora tribuna Evangélica edições e Publicações. Salvador. 2016

Depoimentos de participantes

AVELAR, Lígia. Massacre de Pau de Colher últimas memórias. 2017. (38m31s). Disponível em: https://youtu.be/d8__bLGGBtU?t=424. Acesso em: 30 maio 2019.

Maria Andreza da Conceição Pinto- Salvador –BA.

Documentos

BOLETIM nº 16 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 20 de Janeiro de 1938.
 BOLETIM nº 17 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 22 de Janeiro de 1938
 BOLETIM nº 19 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 24 de Janeiro de 1938.
 BOLETIM nº 20 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 25 de Janeiro de 1938.
 BOLETIM nº 21 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 26 de Janeiro de 1938.
 BOLETIM nº 22 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 27 de Janeiro de 1938.
 BOLETIM nº 23 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 28 de Janeiro de 1938.
 BOLETIM nº 25 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 31 de Janeiro de 1938.
 BOLETIM nº 26 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 01 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 27 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 02 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 28 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 03 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 29 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 04 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 30 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 05 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 31 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 07 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 32 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 08 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 33 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 09 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 34 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 10 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 35 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 11 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 36 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 12 de Fevereiro de 1938.
 BOLETIM nº 37 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 14 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 38 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 15 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 39 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 16 de Fevereiro de 1938
 BOLETIM nº 40 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 17 de Fevereiro de 1938

BOLETIM nº 66 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 24 de Março de 1938.

Lista dos jornais consultados

Diário Oficial do Estado do Piauí, Teresina, 11 de janeiro de 1938.

Gazeta, Teresina 27/ Janeiro 1938

Gazeta, Teresina 20/ Fevereiro/1938,

Estado da Bahia. Salvador, 10 de Janeiro de 1938.
 Salvador, 11 de Janeiro de 1938
 Salvador, 24 de Janeiro de 1938
 Salvador, 25 de Janeiro de 1938
 Salvador, 28 de Janeiro de 1938.
 Salvador. 31 de Janeiro de 1938
 Salvador, 1 de Fevereiro de 1938.
 Salvador, 2 de Fevereiro de 1938.
 Salvador, 14 de Fevereiro de 1938.
 Salvador, 17 de Fevereiro de 1938.
 Salvador, 22 de Fevereiro de 1938.
 Salvador, 23 de Fevereiro de 1938.
 Salvador, 24 de Fevereiro de 1938.

Diário da Bahia, Salvador 26 de Janeiro de 1938.

O Imparcial. Bahia, 14 de Janeiro de 1938.
 Bahia, 15 de Janeiro de 1938
 Bahia, 20 de Janeiro de 1938.
 Bahia, 02 de Fevereiro de 1938

Arquivos e Bibliotecas,

ARQUIVO Público do Estado do Piauí. Teresina – PI

ARQUIVO Público da Polícia Militar da Bahia. Salvador – BA.

BIBLIOTECA da Diocese de Juazeiro da Bahia. Juazeiro da Bahia – BA.

6.0 ANEXO

ENTREVISTA TRANSCRITA

ENTREVISTA COM UMA SOBREVIVENTE DE PAU DE COLHER

Arquivo A- Tempo de Gravação: 1hr e 06 seg.

Realizada em 13 de Fevereiro de 2019- Salvador -BA

Nome: Maria Andreza da Conceição Silva. Idade 88 anos.

ENTREVISTADA -A minha infância foi maravilhosa, depois com uns oito anos mais ou menos aconteceu isso, né, isso. Aí aconteceu isso, aí foi quando acabou toda aquela alegria né, que a gente tinha na vida.

ENTREVISTADOR a senhora nasceu em Pau de colher?

ENTREVISTADA Não, o lugar onde nasci se chamava mundo novo, o lugar onde nasci.

ENTREVISTADOR Quantos irmãos?

ENTREVISTADA Homens eram 3, as mulheres eram, deixa eu contar (risos) Madalena, Sípiana, Belinha, Joana e eu. 5 mulheres e 3 homens

ENTREVISTADOR O Motivo que o Pai da Senhora foi para esse arraia? Essa comunidade? A senhora pode contar?

ENTREVISTADA Eu não sei explicar porque ele saia, passava tempos fora, quando ele ia passava tempo fora. Quando foi uma ocasião ele foi, quando voltou foi com a conversa que todo mundo tinha que vestir preto, e todo mundo tinha que ir pra lá, aí lá todo mundo tinha que vestir preto... todos teve que ir pra lá.

ENTREVISTADOR Depois que padre Cicero morreu, todo mundo vestia preto?

ENTREVISTADA Foi, todo mundo.

ENTREVISTADA ele saia de vez enquanto, quando chegou foi com essa notícia que todo mundo tinha que vestir preto, aí teve que comprar roupa preta pra todo mundo, as sandálias eram de couro cru (chamavam de alparcata), e a roupa preta.

ENTREVISTADA Ele não queria ir, ele preparou um casa dentro dos mato, mas dentro dos matos mesmo, só tinha mato, nem caminho não tinha, pra ele poder quando acontecer isso, o que ia acontecer, ele sabia né, que ele conversava com o povo de lá. É.... a gente se esconder dentro dessa casa. Essa casa nunca abriu as portas para a gente, a casa ficou lá. E a gente foi para lá.

ENTREVISTADA Aí nós fomos, meu pai preparou tudo pra gente viajar, e aí a gente tinha um cachorro, esse cachorro, prenderam esse cachorro, e eu nunca me esqueci e deixaram ele (o cachorro) preso na coleira do cachorro.

ENTREVISTADA ele tinha muitos animais mesmo: carneiro, porcos três cercados, cada um maior que outro, terra grande, tinha as cacimbas, tinha o caldeirão (aqueles lajeiros, o

cimento **ENTREVISTADA** era a própria pedra, aquele lajeiro de pedra com buracão de pedra) ai uma vez caiu um animal no caldeirão; uma vaca. Ai morreu. E tinha as cacimbas.

- **ENTREVISTADA** mas so que quando a gente voltou agora, eu vi isso e falei: olha era isso que acontecia isso e assim, assim... mas o povo de lá, do lugar tem medo que eu queria o lugar, que eu não vou querer mais querer nada de lá, o que vou fazer lá? Pelo o amor de Deus.

ENTREVISTADA eles matavam se fosse qualquer lá, tomar o que era nosso, eles matavam, nem deixava ninguém encostar mais, que daquele dia em diante era deles, depois a gente ia, eles diziam: não tínhamos mais direito.

- **ENTREVISTADOR** mas la em pau de colher até boa parte da infância da senhora foi boa ou não?

ENTREVISTADA Foi boa, porque eu num ligava pra nada era pequena, num ligava pra nada, tinha mais ou menos 8 anos, só fazia brincar

ENTREVISTADA Aaaah, antes, meu pai não faltava nada pra gente, ele tinha roças de tudo, não faltava nada pra gente, tinha fartura de tudo, tinha roça de milho, uma roça que ele plantava mandioca, plantava melancia, arroz, abóbora, tinha tudo. Não faltava nada. Nada em nossa vida. O erro foi ele ter organizado essa viagem, pra deixar tudo aquilo que a gente tinha, tinha casa que era nossa e ir atrás daquele povo.

ENTREVISTADA Ai, passou um tempo calmo e aquela cosia toda, quando é um dia, um dia de manhã, a gente viu foi uns tiros, atiravam pra gente né, e ai deu uns tiros e matou pouca gente nesse dia e foram embora, ai passamos mais uns três dias que eles estavam fazendo aquilo pra ver se a gente sai e ia embora, mas ninguém saio, ai vieram e fizeram a mesma coisa, matou um pessoal lá, e se jogaram na mata. No terceiro dia foi chumbo, foi de manhã, meio dia e de noite, três dias seguidos, até de noite eles atiravam, a gente esperava que sessasse.

- **ENTREVISTADA** um dia de noite quando sessou foi quando eles gritavam; olhe se vocês não saírem dai, eu vou matar vocês todos. Quando falou assim todo mundo saiu, no outro dia não tinha mais nada, só um bocado de gente morta né, e o resto tinha ido.

- **ENTREVISTADA** o lugar onde eu fiquei escondida três dias, foi bom, foi num pé de umbuzeiro, com uma raiz assim e dentro da raiz era oco né, eu fiquei ali, três dias, por isso eu bala não me pegou, fiquei três dias seguidos naquele tronco de umbuzeiro sem comer, nem beber.

- **ENTREVISTADA** na hora que eu cheguei, eu pelejei, ela tava no tronco (uma mulher), eu pelejei pra puxar ela, mas não podia porque eu era pequena né. Ai veio um casal junto de mim, agarrou nas pernas dela, puxou, botou ela em um canto e eu me apossei daquele lugar e não sai.

- **ENTREVISTADA** na hora que começou, eu tava com uma irmã pequenininha, nem andava só fazia engatilhar, ai quando começou eu segurei ela, e ela querendo se soltar de mim, distante eu vi outra irmã maior do que eu, ai foi quando eu cheguei e passei pra ela que era maior e podia olhar a menina. E eu fiquei naqueles três dias naquele pé de umbu.

ENTREVISTADA Ai eles pararam pra recarregar as armas ai foi quando eu sai, eu encontrei dois irmãos mortos, o outro tava vivo, mas tava com fome, sede e nem se mexia, era menor que do que eu. E a minha mãe do 1º dia eu encontrei ela morta com uma bala passada nas costas, foi no 1º dia.

- **ENTREVISTADOR** E o pai da senhora?

ENTREVISTADA Meu pai não morreu não. Meu pai, eu andava naquela guerra bem ali, eu ainda avistei ele umas 3 vezes, lá naquele meio daquele povo.

ENTREVISTADA Teve uma irmã minha, do meu tamanho, tomou tiro aqui, saio cá, tomou um tiro no braço eu consegui pegar um pano, enrolei o pano lá, e consegui salvar ela. Peguei e levei pra uma irmã maior do que eu, tava num distancia como daqui acolá, naquele muro. Ai levaram ela pra lá (casa do senhorinho).

- **ENTREVISTADA** todo mundo largou suas casas e fez latadas coberto de palhas.

ENTREVISTADA Ai fizeram uma armadilha, os adolescentes, um bocado de adolescente, fizeram uma armadilha, pra quando ele viesse correndo de lá, e ai caísse no buraco, quando ele tava no buraco, tocaram fogo com ele dentro o buraco. Os meninos tocaram fogo no soldado.

ENTREVISTADOR E depois do conflito como foi a vida da senhora em Salvador ?

- **ENTREVISTADA** Eles disseram os mais velhos vão dar banhos nos menores, mandaram uma vestimenta para aquela meninada toda ne que ainda que tava sujo de sangue ainda, ai mandaram aquelas roupas ai disseram os irmão mais velhos dar banho nos mais novos, as mães que tiverem filhos, e fez assim.

- **ENTREVISTADA** a gente ficava numa escola ne, então nessa escola tinha divisões, o lugar onde botava os mais velhos, que era onde meu pai ficava lá, os meninos, as meninas. E então toda vez que pra eu ver meu pai ia pra porta pra poder ver passar pra o banheiro, que ia pra o banheiro passava por ali, eu passava o dia quase todo ali na porta pra ver meu pai passar pra ver ele.

- **ENTREVISTADA** Foi ai eles deram banhos, os mais velhos nos mais novos, e todo mundo vai viajar, e disse que todo mundo ia voltar pra nossa terra, nosso lugar, so que não foi, aí a minha irmã veio me deu banho, deu banho em outra irmã mais moça do que eu e quando foi no outro dia assim cedinho fomos uma viagem, ficamos alegres pensando que ia embora né, mas só que não ia embora, ia viajar pra Salvador.

- **ENTREVISTADA** nós entramos no vapor, ai quando a gente chegou em Juazeiro, aquele bocado de gente entrava no navio e via aquelas meninas tudo chorando com aqueles vestidos sujos e cabelos assanhados, elas choravam de ver né, a gente ali. Ai caiu um soldado, eu fiquei alegre (risos)

- **ENTREVISTADA** a gente não queria conta, mas não queria nem conta, acontece que teve um que ficou um bem pertinho de mim, eu ai todo mundo de pés descalço né, descalço, e ai veio com fuzil e chegou ai eu no chão ai jogou o fuzil bem em cima da minha unha do meu pé, arrancou a unha e eu aguntei aquilo calada e com medo. Foi sem querer e ai chega arrancou minha unha. E o sangue ficou escorrendo, e uma dor, e eu calada com medo dele, porque o soldado em a gente ver aqueles soldados matando gente, a meninada toda tinha medo né, eu com medo do soldado e o sangue descendo da minha unha do pé que tinha arrancado a unha, eu não disse nada, quando ele olhou aquele sangue, ai disse assim: ôoh menina por que você não disse por que você num disse nada, ficou calada? Falar o que?

ENTREVISTADOR A senhora chegando em Salvador veio para casa de uma família?

- **ENTREVISTADA** ai quando eu vim pra casa de uma família, uma família muito boa a primeira. Que quando chegamos né, foram escolher as meninas la que botaram no jornal e

rádio, naquele tempo não tinha nem televisão, que quem quisesse pegar as crianças pra criar, criar como filha que fosse la e pegasse, na delegacia, ai quando foi um dia foi, ai teve uma que me tomou, muito boa até, passei uma temporada com ela, mas acontecesse que ela ia casar e o disse marido: olhe não vou levar essa menina não, la pra minha casa não, pra nossa casa não. Ai eu fiquei lá, ai apareceu o irmão dela com outra noiva, era outro casal, ai disse assim: vai levar essa menina pra sua casa? ai ele disse: vou. Ai pegou e me levou, mas ai quando chegou na outra casa, na casa da Naí, ela não quis porque eu não sabia tomar conta de menino, ai e a menina dela quando foi um dia com um ferro quente queimou a mão da menina. Eu sei que ela me mandou pra casa da mãe dela e pra casa da mãe dela, eu fiquei la até me casar. Mas parecia uma escrava, eu encerava a casa com aqueles escovão de ferro, embaixo é feltro. Ai meu trabalho era esse encerava a casa, trabalhava com a grande pra completar (risos)

- **ENTREVISTADA** o pior o lugar que tinha na casa, debaixo da escada, tinha um porãozinho assim, ai lá onde eles fizeram um jeito de uma cama pra eu dormir e aí era uma casa grande, todo mundo dormia dentro daqueles quartos e eu naquele portãozinho que tinha, era onde elas botaram uma caminha eu dormia naquela cama de arranjo. Em todo lugar que eu ia a cama era assim, improvisada, em todo lugar que eu ia eu encontrava isso.

- **ENTREVISTADA** Dia de domingo que descia pra passear lá embaixo, de 8 em 8 dias que elas deixavam eu descer que eu morava em cima né. Ai elas deixavam eu descer e brincar com outra menina que era da minha terra também. Ai ficava lá até 9 horas e depois subia, quando era com 8 dias depois é que tinha essa folga pra brincar e a vida era assim lá. Só descia de 8 em 8 dia, pra brincar, depois cama, não descia mais.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, **Paulo Lucio Batista de Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **A POLÍCIA TERMINOU DE MATAR QUEM FICOU VIVO”: Pau de Colher, um palco de conflitos no sertão baiano e piauiense (1934-1938)** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 15 de Junho de 2021

Paulo Lucio Batista de Sousa

Assinatura